

UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

DÊNIO MÁGNO DA CUNHA

COLÉGIO ARNALDO JANSEN:
UM COLÉGIO, UMA CIDADE, UM MINISTÉRIO

Sorocaba / SP
2016

Ficha Catalográfica

C977c Cunha, Dênio Mágnio da
Colégio Arnaldo Jansen : um colégio, uma cidade, um ministério /
Dênio Mágnio da Cunha. -- Sorocaba, SP, 2016.
154 p. : il.

Orientadora: Profa. Dra. Jane Soares de Almeida.
Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba,
SP, 2016.

1. Educação - História. 2. Educação – Finalidades e objetivos. 3.
Colégio Arnaldo Jansen – Belo Horizonte, MG. I. Almeida, Jane Soares de,
orient. II. Universidade de Sorocaba. III. Título.

DÊNIO MÁGNO DA CUNHA

COLÉGIO ARNALDO JANSEN:
UM COLÉGIO, UMA CIDADE, UM MINISTÉRIO

Tese apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Jane Soares de Almeida

Sorocaba/SP
2016

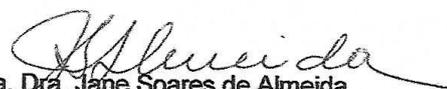
Dênio Mágnio da Cunha

COLÉGIO ARNALDO JANSEN: UM COLÉGIO, UMA CIDADE, UM MINISTÉRIO.

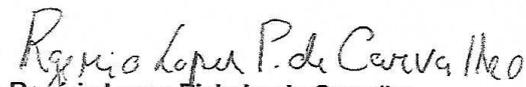
Tese aprovada como requisito parcial
para obtenção do grau de Doutor no
Programa de Pós-Graduação em
Educação da Universidade de Sorocaba.

Aprovado em: 30/11/2017

BANCA EXAMINADORA:


Profa. Dra. Jane Soares de Almeida
Universidade de Sorocaba


Profa. Dra. Vania Regina Boschetti
Universidade de Sorocaba


Prof. Dr. Rogério Lopes Pinheiro de Carvalho
Universidade de Sorocaba


Prof. Dr. Marcos Antônio dos Santos Reigota
Universidade de Sorocaba


Prof. Dr. Domingos Antônio Giroletti
Fundação Pedro Leopoldo

Dedico este trabalho à memória de
Raymundo Theodoro da Cunha e
Maria Auxiliadora da Paz Cunha,
educadores para a vida..

AGRADECIMENTOS

À minha filha, como agradecer?

Aos mestres e amigos Domingos Giroletti e Paulo Cesar Coelho Ferreira, pela inspiração e pelas opiniões sempre estimuladoras e “desorientadoras” em muitos momentos da minha vida.

Aos Professores Doutores da Uniso: José Dias, Waldemar, Sandano, Pedro e Vânia, pelas conversas, pelo carinho, pela convivência, pelos ensinamentos. Fizeram toda a diferença nessa jornada. É sempre um prazer revê-los.

Agradeço muito à Professora Jane Soares de Almeida e a sua postura sempre firme e pontual no árduo trabalho de orientar a um aluno quase sempre teimoso.

A Profa. Maria Lucia de Amorim Soares merece um agradecimento especial. Quem a conheceu sabe como ela tinha o dom e a capacidade de lançar um olhar diferente, desafiador, instigante e jovem sobre as ideias. Este salto foi porque ela me estendeu o braço. Não há espaço aqui para descrevê-la... Só a alegria saudosa de tê-la conhecido.

Agradeço a recepção e o acolhimento empático e carinhoso recebido do corpo de funcionários da UNISO, notadamente Daniela Rosa. Encontrá-los sempre solícitos e com um sorriso, fez-me sentir em casa.

À direção do colégio Arnaldo, pela cessão do espaço para pesquisa. Agradeço imensamente ao Prof. Wilher Freitas, responsável pelo Acervo Histórico do Colégio Arnaldo. Suas orientações quanto ao material de pesquisa foram sempre úteis. Espero sinceramente poder ajudá-los na preservação e divulgação desta história valorosa para a educação de Minas e do Brasil.

À Roberta Muriel pela companhia parceira – horas juntos em aeroportos, ônibus, em sala de aula. Sem seu incentivo esta hora e este lugar não teriam acontecido.

Sou grato a Adriana Coimbra, pelo apoio na pesquisa no momento mais difícil, aquele da construção do texto.

Sou grato à Professora Olga Julieta da Fonseca pela generosidade amiga.

À família, agradeço pelo suporte e paciência, principalmente às minhas irmãs Denise e Deise.

Aos amigos, colegas professores e parentes próximos com quem compartilhei minhas dúvidas, minha gratidão.

No meio do caminho

*No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.*

*Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra.*

(Carlos Drummond de Andrade)

Lembrete

*Se procurar bem você acaba encontrando.
Não a explicação (duvidosa) da vida,
Mas a poesia (inexplicável) da vida.*

(Carlos Drummond de Andrade)

RESUMO

Esta tese aborda a história do colégio Arnaldo Jansen, localizado na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais. Fundado em 1912, pelos missionários do Verbo Divino, congregação originária da Holanda e da Alemanha. Descreve-se a evolução da construção do colégio, as dificuldades enfrentadas pelos padres alemães, desde a sua instalação numa pequena casa até a construção de prédio definitivo, obra que só seria dada por terminada em 1935 e que misturava a arquitetura alemã com o estilo clássico da cidade. Conta-se através da crônica poética de um de seus mais conhecidos ex-alunos, Carlos Drummond de Andrade, o cotidiano escolar, marcado pelas relações entre alunos e professores. Destaca-se a disciplina, as atividades religiosas e de lazer proporcionada pelo colégio, além das artísticas e militares. Os professores e seus diversos estilos são figuras relevantes assim como o relacionamento mantido com seus alunos. A cidade de Belo Horizonte vivendo seu apogeu desenvolvimentista e modernista é o cenário onde se desenvolve a atividade do colégio. Considerando que o resultado da educação escolar é a atuação de seus ex-alunos na sociedade, narra-se a trajetória de Carlos Drummond de Andrade, Abgar Renault e Gustavo Capanema, alunos do colégio da turma de 1916-1917. Especificamente esses alunos foram figuras marcantes na história da educação e cultura brasileira a partir de 1930. Seguindo a direção da modernização, à frente do Ministério da Educação, implantaram a base sobre a qual se erigiu e ampliou-se a estrutura educacional e cultural no Brasil. Nesta época foram criados diversos órgãos oficiais de incentivo à educação e cultura. Na sua realização foram pesquisados documentos do acervo do colégio, periódicos, fontes bibliográficas sobre os temas abordados. Conclui-se pela presença constante das ideias de modernidade na história do colégio, na cidade e na trajetória de seus ex-alunos à frente do Ministério da Educação.

Palavras chave: Colégio Arnaldo. História da Educação. Egressos.

ABSTRACT

This thesis covers the history of the Arnaldo Jansen College, located in Belo Horizonte, Minas Gerais. Founded in 1912 by missionaries of the Divine Word congregation originally from Holland and Germany. Here are the evolutions of the construction of the school, the difficulties faced by German priests, since its installation in a small house until the construction of permanent building, work that would only be given for completion in 1935 and that mixed German architecture with classic style City. It is told through poetic chronicle of one of his best-known alumni, Carlos Drummond de Andrade, the school routine, marked by the relationships between students and teachers. It highlights the discipline, religious and recreational activities provided by the school, in addition to artistic and military. Teachers and their various styles are important figures as well as the relationship maintained with their students. The city of Belo Horizonte living its developmental and modernist peak is the scenario where it develops the activity of the college. Whereas the result of education is the work of his former students in society, we narrate the trajectory of Carlos Drummond de Andrade, Abgar Renault and Gustavo Capanema, students of the college class of 1916-1917. Specifically, these students were remarkable figures in the history of Brazilian education and culture from 1930. Following the direction of modernization, in front of the Ministry of Education implemented the basis on which it erected and expanded the educational and cultural structure in Brazil. This time it was created several official agencies to encourage education and culture. In its realization was surveyed college's collection documents, journals, bibliographic sources on the topics approached. It concludes by the constant presence of the ideas of modernity in the history of the college, in the city and in the trajectory of its alumni in front of the Ministry of Education.

Keywords: College Arnaldo. History of Education. Alumni.

LISTA DE FIGURAS, QUADROS, TABELAS

Figura 1 - Plano de Estudos - Manuel da Nóbrega.....	26
Quadro 1 - Estrutura - <i>Ratio-Studorium</i>	27
Quadro 2 - Disciplinas - <i>Ratio Studorium</i>	29
Figura 2 - Santo Arnold Janssen.....	36
Figura 3 - Colégio Academia (2015).....	42
Figura 4 - Mapa de Belo Horizonte – Projeto Aarão Reis.....	46
Figura 5 - Colégio Sagrado Coração de Jesus - Belo Horizonte - 1920.....	52
Figura 6 - Primeira sede do Colégio Arnaldo.....	54
Figura 7 - Segunda sede do Colégio Arnaldo.....	57
Figura 8 - Projeto para o Palácio da Exposição Permanente - 1900.....	58
Figura 9 – Fachada do Colégio Arnaldo - 2016	60
Figura 10 - Projeto da fachada do Colégio - 1913.....	61
Figura 11 - Praça da Liberdade (1904).....	62
Figura 12 - Palácio da Justiça, Belo Horizonte (1911).....	63
Figura 13 - Construção do colégio Arnaldo (1913).....	65
Figura 14 - Construção do Colégio (1915).....	65
Figura 15 - Vista do Colégio (1917).....	66
Figura 16 - Construção do colégio (1919).....	66
Figura 17 - Dormitório e alunos do Colégio Arnaldo.....	70
Figura 18 - Refeitório do Colégio (década de 1920).....	71
Figura 19 - Refeitório dos padres	71
Quadro 3 - Horário de atividades Colégio Arnaldo (Internato).....	72
Figura 20 - Sala de aula (entre 1915-1920)	76
Figura 21 - Dr. Mário de Lima - DD. Lente de Português e História do Brasil	79
Figura 22 - Equipamentos do gabinete de Física.....	82
Figura 23 - Museu de História Natural e Mineralogia (dias atuais)	84
Figura 24 - Os “Novos Filhos de Maria” – 1922.....	86
Figura 25 - Schola Cantorum - 1922	86
Figura 26 - Tiro Colegial - 1922.....	87
Figura 27- Preparativos para a comemoração da Independência	88
Figura 28 - Seminaristas de 1922	89
Quadro 4 - Ex-alunos do Colégio Arnaldo: destaques na vida nacional	102
Figura 29 - Drummond, Rodrigo Mello, Capanema.....	118

Figura 30 - Posse de Aogar Renault no Depto. Nacional de Educação - 1938	119
Tabela 1 - Evolução do Sistema Educacional Brasileiro - 1933-1945	121
Figura 31- Prédio sede do MEC (Década de 1950).....	122
Quadro 5 – Escolas Católicas em Belo Horizonte (2015).....	154

LISTA DE SIGLAS

ABL	Academia Brasileira de Letras
AHCA	Acervo Histórico do Colégio Arnaldo
APM	Arquivo Público Mineiro
BBM-USP	Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin
BDMG	Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais
BND	Biblioteca Nacional Digital
CARRPE	Campanha de Reparos e Restauração de Prédios Escolares
CBPE	Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais
CPDOC	Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas
ENADE	Exame Nacional de Desempenho de Estudantes
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
EPZR	Ensino Primário em Zonas Rurais
GEPHE	Grupo de Estudos e Pesquisa em História da Educação (UNISO)
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
MHAB	Museu Histórico Abílio Barreto
PABAEE	Programa de Assistência Brasileiro-Americana ao Ensino Elementar
SOSP	Serviço de Orientação e Seleção Profissional
SPHAN	Superintendência do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
SSpS	Missionárias Servas do Espírito Santo
SSpSAP	Servas do Espírito Santo da Adoração Perpétua
SVD	Sociedade do Verbo Divino
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNISO	Universidade de Sorocaba

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 EDUCAÇÃO MISSIONÁRIA.....	21
2.1 Os jesuítas.....	22
2.2 Os verbitas	36
3 O COLÉGIO ARNALDO JANSEN	45
3.1 A cidade e a construção do Colégio	45
3.2 Os estudos. O cotidiano escolar.....	67
3.3 Atividades extraclasse	85
3.4 Vida interrompida: a invasão do Colégio	92
3.5. Vida que segue: Cronologia do Colégio Arnaldo.....	97
3.6 Alunos de destaque na vida nacional.....	100
4 OS ARNALDINOS E O MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO.....	104
4.1 Carlos Drummond de Andrade.....	106
4.2 Abgar Renault.....	109
4.3 Gustavo Capanema	111
4.4 Arnaldinos no Ministério da Educação	114
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	125
REFERÊNCIAS	129
APÊNDICE A - Biografia de Alunos Destaque do Colégio Arnaldo	141
APÊNDICE B - Escolas Católicas em Belo Horizonte e Data de Fundação	154

1 INTRODUÇÃO

“Novas experiências se agregam, antigas são ultrapassadas, novas expectativas se abrem. Logo coloca-se novas questões em relação ao passado, que nos levam a repensar a história, a observá-la sob outros olhos, a demandar novas investigações (KOSELECK, 2006, p. 161).

O objeto deste estudo é o Colégio Arnaldo Jansen, fundado em 1912 por missionários do Verbo Divino (verbitas) na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais. Nele, parte-se do princípio que uma escola é formada e definida por sua estrutura física e acadêmica: sua arquitetura, sua localização, o conteúdo ensinado, os aspectos disciplinares, as metodologias de ensino. É também caracterizada pelas condições de convivência entre as pessoas que a constituem (professores, alunos, funcionários).

Além de seus muros, uma escola é reconhecida pelo significado a ela atribuído pela sociedade, por seu alcance cultural, econômico, social e político; por sua história narrada por gerações, por suas relações com os vários segmentos da sociedade, pelo espaço ocupado na história desta sociedade.

Sobretudo, uma escola é definida por seus resultados. A relevância de uma escola, fundamentalmente, pode ser verificada na influência que exerce através de seus alunos no futuro das diversas sociedades onde atuaram/atuarão. A escola para além de sua estrutura física reverbera sua presença na vida daqueles que por ela passaram; é elemento fundamental na história das pessoas e responsável direta por parte de sua formação.

A somatória destes aspectos faz da pesquisa histórica um desafio factual e interpretativo já que são muitos os olhares possíveis. É o pesquisador aquele a definir o olhar ou os olhares sob o qual ou os quais procurará dar sentido à existência de uma escola. Mas não só o pesquisador. Existem outras formas de significar uma escola através do tempo.

Na literatura brasileira, José Mauro de Vasconcelos e seu personagem Zezé immortalizaram os momentos da infância na escola pública: “O mundo da Escola Pública era também muito bom. Eu sabia todos os hinos nacionais de cor”. (VASCONCELOS, 1975, p. 68)¹. Da mesma forma, na música, a escola foi cantada em “Meus tempos de criança”, composta por Ataulfo Alves: “Que saudade da professorinha que me ensinou o beabá. Onde

¹ O livro “Meu Pé de Laranja Lima”, marcou época na vida de gerações de brasileiros. Foi adaptado para o cinema, para a televisão e traduzido em diversas línguas. Representava o universo infantil de uma época.

andaré Mariazinha, meu primeiro amor, onde andaré?” (ALVES, 1956, apud SOUSA, 2009, p. 6).

As memórias pessoais de seus alunos, também definem uma escola. O poeta Carlos Drummond de Andrade como ex-aluno do Colégio Arnaldo, expôs em seus poemas as memórias de uma convivência significativa. Será ele uma das principais referências sobre o cotidiano escolar no período aqui abordado: os primeiros dez anos do Colégio, compreendidos entre 1912 e 1922, estendendo-se pela atuação de seus ex-alunos, ao final do século XX.

A determinação desse período foi ditada por três fatores: a disponibilidade de fontes de pesquisa, a construção do prédio escolar como momento histórico significativo e a relevância de alguns de seus alunos para a história da educação brasileira.

A história tem seu preâmbulo na ação missionária religiosa no Brasil, no papel desempenhado por jesuítas. Esse relato é relevante para a reflexão sobre a diferenciação da abordagem missionária, transformada pela evolução social e cultural do país, estabelecendo-se, assim, um contraponto entre a educação missionária fundadora e a educação missionária no início do século XX.

Narra-se o caminho seguido pelos missionários do Verbo Divino, antes de sua chegada ao Brasil; o início de sua presença no país e em Minas Gerais e, então, os primeiros anos do Colégio. Apresenta-se as dificuldades iniciais para a construção do Colégio, as soluções encontradas, a arquitetura, o cotidiano, o método de ensino e os valores educacionais.

Considerando a relevância das relações entre cidades e escolas², traça-se um perfil da cidade de Belo Horizonte, inaugurada pouco mais de uma década antes. Naquele período, Belo Horizonte vivia sua fase de consolidação como novo centro político e cultural de um estado que já exercera, e exerceria ainda mais, o papel de fiel na balança política brasileira.

Por outro lado é natural que ao pesquisar-se a história de uma escola, surjam perguntas tais como: em que medida o estudo em determinada escola influenciou a formação e os caminhos seguidos por seus ex-alunos? Qual teria sido a influência da formação escolar na determinação da visão de mundo desses alunos?

Essas perguntas são difíceis de serem respondidas, a não ser por um minucioso e prolongado estudo que acompanhe a evolução de ex-alunos de forma sistemática considerando os inúmeros aspectos envolvidos (culturais, psicológicos, hereditários) e as

² Na história da educação são conhecidas estas relações. A cidade do Rio de Janeiro e o Colégio Pedro II; Salvador (BA) e o Colégio São Bento; São Paulo e o Colégio São Paulo de Piratininga são exemplos.

escolhas feitas pelos indivíduos em sua trajetória de vida³. Comumente, as escolas destacam alunos que ganharam visibilidade por terem uma vida pública. (escritores, políticos, jornalistas, músicos, atores e outros). O mesmo acontece no Colégio Arnaldo. Reconhecem-se alunos de destaque, através da visibilidade que alcançam e não como resultado de uma pesquisa sistematizada. A partir de então, deduz-se ter havido esta influência sem qualifica-la. Seria providencial se escolas mantivessem registro, publicações e principalmente, depoimentos de ex-alunos que permitissem identificar fatos a confirmar uma relação de causa e efeito entre escola e aluno.

Na ausência destas informações, buscou-se identificar a presença de ex-alunos do Arnaldo na história nacional, destacando-se aqueles que atuaram na política e na educação, dado o impacto que têm no desenvolvimento social. Sabia-se previamente que nos anos de 1916-1917 haviam estudado no Colégio alunos líderes nessas áreas. Portanto, a visibilidade aliada a uma pesquisa, mesmo que ainda restrita, amplia esta relação.

O Arnaldo ajudou a formar representantes de uma elite intelectual, cultural e política que marcou o país no século XX. Foram sete ministros de Estado - Gustavo Capanema, Abgar Renault, Clovis Salgado, Gabriel Passos, Milton Campos, Patrus Ananias, Roberto Brant - e oito membros da Academia Brasileira de Letras - Abgar Renault, Américo Jacobina Lacombe, Carlos Castello Branco, Cyro dos Anjos, Ivan Lins, Ivo Pitanguy, Guimarães Rosa, José Murilo de Carvalho. Além desses, outros não laureados com honrarias ou cargos, frequentaram seus bancos escolares e se destacaram no cenário local, nacional e internacional: Carlos Drummond de Andrade, Betinho, Henfil, Afonso Arinos de Melo Franco, Mário Casassanta, Fernando Brant, Toninho Horta, Ivo Pitanguy, Gabriel Passos. Posta a longevidade da instituição de ensino, 115 anos, pressupõe-se que muitos outros tenham se destacado em suas comunidades locais.

No caso do Arnaldo, podem-se perceber traços firmes da existência dessa influência por depoimentos de alunos de épocas mais recentes e nos relatos poéticos de um de seus ex-alunos, Carlos Drummond de Andrade.

Especificamente, a convivência no Colégio foi a responsável pelo início de uma amizade para a vida toda entre Carlos Drummond de Andrade, Abgar Renault e Gustavo Capanema, companheiros de estudo no ano de 1916-1917. Fato comum, mas revestido de

³ Cita-se como exemplo, pesquisa sobre alunos da escola inglesa Summerhil, fundada em 1921, localizada em Leiston. Nesta pesquisa é narrada a trajetória de 15 ex-alunos, de diversas épocas, buscando-se estabelecer a relação entre a vida escolar e a sua consequência na formação destes alunos. HUSSEIN LUCAS. **After Summerhill: What Happened to the Pupils of Britain's Most Radical School?** Pomegranate Books, England, 2011.

significado específico por terem sido os três, juntos, agentes de transformações ocorridas no sistema educacional brasileiro, na estrutura e nas políticas de sustentação da cultura nacional, a partir da década de 1930.

As suas biografias e a história da convivência que mantiveram durante suas vidas públicas e privadas são consideradas aqui como indicativo da influência do ambiente escolar no estabelecimento de uma relação duradoura e produtiva entre seus alunos.

Posto o desafio de descrever a história de uma escola, há que se perguntar sobre a relevância do estudo e sua contribuição para o conhecimento sobre as demais.

Especialmente no Brasil, mas não exclusivamente nele, as escolas de natureza religiosa cumpriram e ainda cumprem papel significativo no contexto da educação, a despeito de estarem passando, como o Colégio Arnaldo, por processo de mudança, delegando a profissional da gestão sua condução. Por isso a relevância de trazer a público essa história, lembrando a visão missionária católica da educação.

Essa afirmativa atende a um dos critérios propostos por Umberto Eco (2004) para a validação de uma proposta de tese: a relevância. Outro aspecto proposto por Umberto Eco (2004) ao qual se submete o tema, antes de abraçá-lo como objeto de pesquisa é o da originalidade.

Por se tratar de uma instituição centenária, a possibilidade de existirem inúmeros trabalhos publicados e não acontecer o “dizer algo que ainda não foi dito”, (ECO, 2004 p. 22) era real. No entanto, excetuando-se textos publicados internamente pela Ordem Missionária do Verbo Divino ou outros onde o Colégio é uma citação, encontrou-se três obras publicadas.

A primeira de autoria de um de seus ex-alunos (CANÇADO, 1999), narra a história dos missionários e do Arnaldo desde sua fundação até fins da década de 1990, utilizando linguagem jornalística e fotografias como ilustrações, destacando fatos pitorescos acontecidos naquele período. A segunda, publicação comemorativa de seu centenário (CHAGAS, 2014), segue a mesma trajetória da anterior, em linguagem jornalística, usando fotografias ilustrativas. A terceira, dissertação de mestrado sobre escolas confessionais estrangeiras em Belo Horizonte, apresentada à Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (SANTOS, 2010). Nesse trabalho, não se faz menção direta ao Colégio Arnaldo, sendo utilizada a sigla CCAA - Colégio Católico de Ascendência Alemã.

Procurando atender à necessidade de originalidade deste trabalho, buscou-se ampliá-lo, lançando mão de outros olhares não abordados naqueles mencionados. Primeiramente, com a inclusão de uma contextualização histórica em relação à cidade no período analisado (1912-1922). Em seguida, destacando o papel desempenhado por seus ex-alunos, aqueles já

mencionados, no cotidiano da cidade e no cenário nacional. Nos trabalhos aqui nomeados e em outros consultados, citam-se apenas os nomes desses alunos, sem que haja uma abordagem significativa, provavelmente, por serem nomes conhecidos e ser a simples menção dessa ligação suficiente para enaltecer o nome do Colégio. Não se pensa dessa forma. Por isso apresenta-se aqui uma abordagem original, em que se amplia o olhar sobre os ex-alunos, destacando sua relevância histórica. Além deste, olha-se o Arnaldo como integrante de um movimento modernizante, seja por sua fundação num momento histórico com essa característica, seja pela ação de seus ex-alunos também nesta direção. Considera-se ter-se dito “algo que ainda não foi dito” (ECO, 2004 p. 22). Essa a contribuição maior deste trabalho: a abertura de um novo olhar sobre a história do Arnaldo.

Quando se fala de “descoberta”, especialmente no domínio dos estudos humanísticos [...] podem ser descobertas modestas, sendo também considerado um resultado “científico” um novo modo de ler e compreender um texto clássico, a caracterização de um manuscrito que lança uma nova luz sobre a biografia de um autor, uma reorganização e uma releitura de estudos anteriores [...] (ECO, 2004 p. 2).

Umberto Eco (2004) relaciona outros critérios orientadores na realização de uma tese: o interesse do candidato, o acesso a fontes, a facilidade de manejá-las e um quadro metodológico ao alcance da experiência do candidato.

A localização do Arnaldo, a poucos minutos da residência do autor, a curiosidade anterior por conhecer a história da escola onde estudara Carlos Drummond de Andrade e Guimarães Rosa foram fatores de incentivo e motivação.

Do ponto de vista do acesso às fontes, o fato de o autor conhecer ex-alunos e diretores do Colégio e ter sido professor de alguns deles tornou possível condições para a realização da pesquisa. A direção do Arnaldo disponibilizou, além do acesso às fontes em seu acervo histórico, um professor de história como orientador e guia dos trabalhos de pesquisa.

O Acervo Histórico do Colégio Arnaldo (AHCA) é composto por registros escolares, instrumentos educacionais, anuários e por relatos, escritos em alemão e português, de seus fundadores sobre o cotidiano escolar. Sobre suas condições físicas, exigiram cuidados básicos, necessários quando são manuseados, uma vez que alguns estão desgastados pelo tempo.

Finalmente, o aspecto que nos pareceu mais desafiador: a aprendizagem sobre o quadro metodológico e o manuseio das fontes históricas. Primeiramente, havia a necessidade de superar o desconhecimento a respeito das práticas e métodos de pesquisa de um historiador

e os possíveis enfoques analíticos. Buscou-se então referência prática e teórica na orientação da Profa. Dra. Jane Soares de Almeida e nos debates e encontros do Grupo de Estudos e Pesquisa em História da Educação (GEPHE), da Universidade de Sorocaba (UNISO). Além dessas referências, fizeram-se estudos sobre a prática do historiador a partir de trabalhos dos autores Saviani (2010), quanto à periodização e história da educação; Giroletti (2002), sobre o manuseio de fontes; Bloch (2002), Hobsbawm (1995, 1997, 1998) e Koseleck (2006), autores referenciais na narrativa histórica.

Menciona-se também como fonte de pesquisa, obras de escritores/memorialistas, relacionados direta e indiretamente à história do Arnaldo e ao tempo pesquisado. As poesias de Drummond de Andrade (2009, 2011a), as crônicas de Resende (1994) e as memórias de Nava (2012, 2013) foram guias quanto a formas de se fazer e narrar histórias. Foi referência o trabalho de Andrade (2000) sobre o Colégio do Caraça. Nele a autora comenta sobre o desafio de trabalhar com o tema:

[...] mesmo sabendo das lacunas e prováveis falhas do que vai se ler, o exercício desta construção me mostrou, contudo, as medidas desafiadoras das aproximações, os desvãos da escrita, as intensidades da memória, os embates e o mapa sempre embaralhado dos tempos (ANDRADE, 2000, p. 9).

O grande desafio deste trabalho foi a delimitação de seu espaço de análise. Hobsbawm (1998) mantém a lógica das inter-relações, dizendo que “não existe povo sem história ou que possa ser compreendido sem ela”, mas que essa mesma história é incompreensível fora da sua inserção em um mundo mais amplo e que “[...] não pode ser entendida exceto por meio das interseções de diferentes tipos de organização social, cada um modificado por interação com os demais” (HOBSBAWM, 1998, p. 188).

No entanto lembramo-nos do esclarecimento de Giroletti (2002, p. 9) sobre as implicações ou aberturas que a sua análise da indústria têxtil mineira trazia em si: “O objeto do livro não será a desintegração da sociedade tradicional, rural e escravocrata, embora esta constitua seu pano de fundo”. Sabia-se de antemão que deveria haver um equilíbrio entre a contextualização, de um lado, e a análise política, de outro. E também que havia outros olhares sob os quais se poderiam desenvolver o tema e os fatos aqui narrados.

No evoluir da pesquisa, na sua narrativa, surgiu o olhar sobre a modernidade e o modernismo, fatores presentes nos vários momentos históricos abordados, da fundação do Colégio à implantação de políticas educacionais por seus ex-alunos à frente do Ministério da Educação.

Outro aspecto metodológico presente é o da utilização de ferramentas ou informações de fontes diversas daquelas vislumbradas na estrita narração de fatos históricos ou aquelas constantes em obras já publicadas.

Bloch (2002), ao falar da História diz ser ela uma das “poucas ciências [...] obrigadas a usar, simultaneamente, tantas ferramentas distintas. É que os fatos humanos são mais complexos que quaisquer outros” (BLOCH, 2002 p. 81). Lançou-se mão aqui dos documentos produzidos pelo cotidiano do Colégio, de publicações que sobre ele foram feitas, de depoimentos publicados por seus ex-alunos, das biografias desses ex-alunos e de notícias a respeito do Colégio publicadas na imprensa local e nacional.

No contexto da história do Colégio Arnaldo, a poesia de Andrade (2011a) é instrumento valioso para desvendar seu cotidiano, assim como as fotografias do período de sua construção (AHCA), que deixam transparecer o esforço humano envolvido na educação, que não se alimenta apenas das salas de aula, mas do significado de uma obra erguida por estrangeiros numa terra estranha.

[...] será sempre preciso duas coisas: uma realidade, mas também um homem. A realidade humana, como a do mundo físico, é enorme e variegada. Uma simples fotografia, supondo mesmo que a ideia dessa reprodução mecanicamente integral tivesse um sentido, seria ilegível. Dirão que, entre o que foi e nós, os documentos já interpõem um primeiro filtro? Sem dúvida, eliminam, frequentemente a torto e a direito. Quase nunca, em contrapartida, organizam de acordo com as exigências de um entendimento que quer conhecer. Assim como todo cientista, como todo cérebro que, simplesmente, percebe, o historiador escolhe e tria. Em uma palavra, analisa (BLOCH, 2002, p. 123).

A história, para Bloch é "Ciência dos homens, no tempo" e “que incessantemente tem necessidade de unir o estudo dos mortos ao dos vivos” (BLOCH, 2002, p. 67).

Outros aspectos metodológicos foram também observados. Eco (2004, p. 6), pragmaticamente, preocupa-se com a definição de critérios que possibilitem aos candidatos a realizarem suas dissertações e teses testar a cientificidade do trabalho que produziram. Mais voltados para as características do objeto, são quatro esses critérios, aos quais se submete o presente trabalho.

1. O estudo debruça-se sobre um objeto reconhecível e definido de tal maneira que seja reconhecível igualmente pelos outros.
2. O estudo deve dizer do objeto algo que ainda não foi dito ou rever sob uma ótica diferente o que já se disse.
3. O estudo deve ser útil aos demais.

4. O estudo deve fornecer elementos para a verificação e a contestação das hipóteses apresentadas.

Acredita-se ter sido cumprido todos esses quesitos. Foram eles os norteadores de nossa preocupação com a cientificidade do resultado aqui apresentado.

Quanto ao método, no estrito senso, utilizou-se a pesquisa documental e bibliográfica, realizada no acervo histórico do Colégio e em centros de pesquisas que disponibilizam documentos digitalizados, entre os quais o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas; o Arquivo Público Mineiro (APM); a Biblioteca Nacional Digital (BND); o Museu Histórico Abílio Barreto (MHAB) e a Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (BBM-USP).

Graças à tecnologia e às políticas de livre acesso à informação, obras literárias e científicas que antes estavam distantes de pesquisadores, demandando deslocamentos onerosos e/ou custos de aquisição elevados, estão agora disponíveis ao acesso *online*. Um exemplo disso foram os livros raros da coleção BBM-USP, alguns inacessíveis ao trato físico, que serviram de referência ao primeiro capítulo deste trabalho. Assim também os acervos de periódicos extintos – *Jornal do Brasil*, *Diário de Minas*, *Fon Fon*, *O País*, *Minas Gerais* –, *Diários Oficiais*, *Leis e Decretos Federais*, *Relatórios dos Presidentes dos Estados às suas Assembleias e Congresso Legislativos*, hoje disponíveis a todos aqueles que possuem acesso à rede mundial de computadores.

Quanto a sua estruturação, após esta introdução, aborda-se no segundo capítulo a presença missionária na fundação da educação brasileira e a trajetória dos missionários do Verbo Divino em terras brasileiras, de sua chegada ao estado do Espírito Santo até os primeiros momentos em terras mineiras, em Juiz de Fora.

No terceiro capítulo, descreve-se o ambiente encontrado pelos missionários: a cidade de Belo Horizonte no seu aspecto social, cultural e político, da sua fundação aos anos 1910-1920. Na sequência, a construção do Colégio, o cotidiano escolar com foco nos seus primeiros dez anos de vida – 1912-1922. Finaliza-se com a relação dos alunos de destaque nacional apresentando “arnaldinos” que, em diversos momentos, mantiveram essa influência. Considera-se essa ampliação uma forma de valorização da presença do Colégio Arnaldo Jansen no cenário da educação brasileira.

Na sequência, no capítulo quarto destaca-se a influência de ex-alunos especificamente na área da educação. Para tal, acompanha-se a trajetória de três de seus ex-alunos Carlos Drummond de Andrade, Gustavo Capanema e Abgar Renault. Finalizando o capítulo, os

resultados da presença destes ex-alunos à frente do Ministério da Educação durante o governo Getúlio Vargas.

Conclui-se com o quinto capítulo, onde é feita a síntese da pesquisa e demonstra-se a presença do conceito de modernidade nos diversos momentos da história do Colégio e na trajetória de seus ex-alunos. Conceito que se confunde com aquele do movimento modernista do qual participaram vários personagens presentes neste trabalho, desde Drummond, no campo das letras, passando pelos idealizadores do prédio sede do Ministério da Educação, na arquitetura, até os dias atuais.

2 EDUCAÇÃO MISSIONÁRIA

[...] são tão íntimas e constantes as relações entre o desenvolvimento da religião, no Brasil, e o da vida intelectual, nos três primeiros séculos, que não se podem, durante este largo período, separar um do outro (AZEVEDO, 2010, p. 265).

Este capítulo apresenta a evolução da educação missionária católica no Brasil. São abordadas a ação fundadora jesuítica e em seguida a trajetória no Brasil dos missionários verbitas, fundadores do Colégio Arnaldo Jansen.

Considerou-se adequado apresentar a história da fundação do Colégio Arnaldo Jansen com essa contextualização, pois, mesmo tendo chegado ao Brasil em momento distinto daquele em que chegaram os jesuítas, existem aspectos semelhantes que permaneceram ao longo do tempo. Ambas, verbitas e jesuítas tiveram como motivação da ação missionária o enfrentamento da expansão no mundo do pensamento cristão não católico. Os jesuítas integrando o movimento da Contrarreforma Protestante.⁴ e os verbitas fazendo frente à chegada dos metodistas a Minas Gerais.

A natureza predominantemente religiosa das instituições educacionais no Brasil só foi mesmo modificada pelas transformações ocorridas no final do século XIX e início do século XX. Essas transformações trouxeram um elemento novo para o cenário da educação: o Estado. Desde o início do processo de colonização até a independência, a responsabilidade da educação era da Igreja, cabendo ao Estado dar o apoio legislativo e tributário. O Estado era o *patrocinador* da educação e não o seu tutor, como acontece nos dias atuais.

Essa diferença de momentos define a postura diante do Estado assumida por jesuítas – de uma independência quase total, chegando a suplantá-lo – e verbitas – dependência e parcerias, na busca de uma convivência pacífica.

Serão observadas também as semelhanças nos aspectos disciplinares; no objetivo formativo voltado para a elite quando esta passou a existir; na formação dos quadros para o trabalho religioso; na relevância dada as atividades culturais; na consistência da formação humanística

⁴ Movimento reformista cristão do início do século XVI promovido por Martinho Lutero.

2.1 Os jesuítas

A história é viva. Descobertas, versões, olhares e interpretações podem alterar a forma como é compreendida. Dúvidas sobre como de fato aconteceram eventos passados e interpretações dos atuais são possíveis.

Durante a pesquisa sobre a presença de missionários no Brasil, deparou-se com a informação de uma nova data para o descobrimento. De acordo com Cintra (1922), baseado em documentação disponível no Arquivo Nacional Torre do Tombo, em Lisboa, Portugal, a data correta seria 1343.

Em 12 de Fevereiro de 1343, [o Rei] como era de praxe, comunicou ao Papa Clemente VI o auspicioso acontecimento, em carta escrita de Montemor-o-Novo. [...] Juntou-se à carta um mapa da região descoberta e nele se vê a inscrição - Insula do Brasil ou de Brandam. Desde aí os portugueses' monopolizaram o comércio do pau-brasil, provindo da ilha de Brandão. Tanto assim que, em documentos do Século XIV, existentes em bibliotecas europeias, vem sempre o nome Brasil ligado ao de Portugal: - O Brasil de Portugal, diziam os ingleses no fim do século XIV (CINTRA, 1922, p. 6).

Provavelmente, esta seja uma das muitas versões sobre a descoberta do Brasil que não deixa de instigar a curiosidade daqueles que a leem. No entanto, o documento fundador do Brasil é datado de 1500: a carta de Pero Vaz de Caminha a Dom Manuel, rei de Portugal. Nela estão narradas as condições favoráveis à cristianização da nova terra. Caminha (2016) descreve as características daqueles aqui encontrados, ressalta o potencial para serem cristãos, informa sobre degredados que ficarão na nova terra e encerra, julgando ser providência divina a descoberta.

Parece-me gente de tal inocência que, se nós entendêssemos a sua fala e eles a nossa, seriam logo cristãos, visto que não têm nem entendem crença alguma, segundo as aparências. E, portanto, se os degredados que aqui hão de ficar aprenderem bem a sua fala e os entenderem, não duvido que eles, segundo a santa tenção de Vossa Alteza, se farão cristãos e hão de crer na nossa santa fé, à qual praza a Nosso Senhor que os traga, porque certamente esta gente é boa e de bela simplicidade. E imprimir-se-á facilmente neles qualquer cunho que lhes quiserem dar, uma vez que Nosso Senhor lhes deu bons corpos e bons rostos, como a homens bons. E Ele nos para aqui trazer creio que não foi sem causa. E, portanto, Vossa Alteza, pois tanto deseja acrescentar a santa fé católica, deve cuidar da salvação deles. E prazera a Deus que com pouco trabalho seja assim! (CAMINHA, 2016, p. 10).

Ribeiro (1995) e Fausto (2006) também mencionam estas condições, dizendo que os habitantes da nova terra ficaram espantados com os entrantes, dando a eles uma recepção digna dos deuses.

[...] os índios perceberam a chegada do europeu como um acontecimento espantoso, só assimilável em sua visão mística do mundo. Seriam gente de seu deus sol, o criador - Maíra -, que vinha milagrosamente sobre as ondas do mar grosso. (RIBEIRO, 1995, p. 42)

Os padres foram associados na imaginação dos tupis aos grandes xamãs, que andavam pela terra, de aldeia em aldeia, curando, profetizando e falando de uma terra de abundância. Os brancos eram ao mesmo tempo respeitados, temidos e odiados, como homens dotados de poderes especiais (FAUSTO, 2006, p. 16).

Sobre os números de religiosos vindos com Cabral, Frei Vicente do Salvador confirma serem oito, da ordem franciscana, mencionando a veneração imediata demonstrada pelos gentios:

Mas muito mais cresceu neles o respeito, quando viram oito frades da ordem do nosso padre São Francisco, que iam com Pedro Álvares Cabral, e por guardião o padre frei Henrique, que depois foi bispo de Cepta, o qual disse ali missa, e pregou, onde os gentios ao levantar da hóstia, e cálice se ajoelharam, e batiam nos peitos como faziam os cristãos, deixando-se bem nisto ver como Cristo senhor nosso neste divino Sacramento domina os gentios, que é o que a igreja canta no Invitatório de suas Matinas, dizendo: “Christum regem dominantem gentibus, qui se manducantibus dat spiritus pinguedinem, venite adoremos” (SALVADOR, 1918, p. 14).

Essa aceitação do estrangeiro por parte do nativo, contudo, não fazia prever que se teria futuramente um processo de escravização nessa relação. Do ponto de vista da Coroa, a nova descoberta serviria a propósitos comerciais da expansão econômica do Reino. Com os portugueses também chegam ao Brasil os holandeses e franceses, todos interessados na exploração do pau-brasil⁵.

A respeito desse primeiro período de organização estrutural (até 1549), não é possível afirmar que houvesse um governo colonial ou uma ação planejada de colonização, mas, sim, que havia uma exploração meramente determinada por interesses de consórcios mercantis.

Assim também não se pode dizer da existência de uma estrutura de catequização. Os primeiros franciscanos, vindo com Cabral, com ele retornaram em 2 de maio de 1500. Saviani (2010, p. 39) escreve que “em 1503, segundo alguns, ou 1516, segundo outros, chegam ao Brasil dois frades franciscanos”, em Porto Seguro, mas são trucidados pelos índios, dois anos depois. Ainda segundo Saviani (2010, p. 39), “em 1537 cinco franciscanos espanhóis aportam no porto de Dom Rodrigo após serem arrastados por uma tempestade”. Estes desenvolvem

⁵ A exploração do pau-brasil, riqueza nativa, foi tão rápida que, já em 1558, não era de se admirar que “as melhores árvores só pudessem ser encontradas a mais de 20 km da costa” (BUENO, 1998, p. 75). No primeiro século de exploração, cerca de dois milhões de árvores foram derrubadas (BUENO, 1998).

uma ação catequética entre os índios Carijós no Sul do Brasil, não intencional no sentido estrito da palavra e sim accidental. Em Ribeiro (2007, p. 18), encontrou-se que antes da chegada dos jesuítas em 1549 “a educação não chegara a se escolarizar. A participação direta da criança nas diferentes atividades tribais era quase que suficiente para a formação necessária quanto atingisse a idade adulta”.

Embora tenham sido os franciscanos aqueles que chegaram com Pedro Álvares Cabral foram os jesuítas que marcaram a história da educação brasileira.

Essa presença não é gratuita: não havia outra ordem religiosa que estivesse tão organizada e preparada para o trabalho missionário quanto a dos jesuítas. Azevedo (2010, p. 267) usa a expressão curiosa – “homens de elite” – para descrever o distanciamento entre os jesuítas e as demais ordens no trabalho missionário: “Mas, para essa obra de extensão do reino de Deus, nesta parte do novo mundo, como na Índia, se devia aparelhar todo um estado-maior de homens de *elite*: os jesuítas” (grifo nosso).

A Companhia de Jesus tem sua origem em 1531, em Paris. Pedro Fabro, Inácio de Loyola e Francisco Xavier, estudantes do Colégio de Santa Bárbara, decidem reunir-se com a proposta de “salvar o próximo, fosse ele fiel ou um infiel, através da pregação, dos sacramentos da penitência e da eucaristia” (FARIA, 2015). Em 1540, já tendo abandonado o voto de pobreza, a Companhia é reconhecida oficialmente pelo Papa Paulo III.

Naquele período, meados do século XVI, a Igreja Católica passava por momentos turbulentos, abalada pela expansão da Reforma Protestante. A princípio, a Ordem dos Jesuítas, com intenções missionárias, espalhou-se pelo mundo “levando a mensagem do Evangelho aos mais remotos lugares e povos e, nesse ínterim, combatendo o avanço do protestantismo” (FARIA, 2015). Calógeras (1911, p. 2) afirma que “sua primeira tarefa foi a conversão das massas irreligiosas: pelo catecismo, para as crianças; pelo tribunal da penitência, para os adultos; pela prédica, para a generalidade dos homens”.

Focada na ação missionária e na expansão do quadro religioso, não era intenção de Inácio de Loyola construir ou atuar na educação de pessoas “de fora” da Ordem. Alves (2005, p. 617) entende que “a pressão social, associada ao reconhecimento da importância da educação como instrumento de luta ideológica, fez, logo nos primeiros tempos da Ordem, com que ela incursionasse nessa frente e a elegeisse (a educação) como prioridade”.

A expansão dos jesuítas foi rápida. Franca (1952) informa sobre o crescimento do número de colégios na Europa e no mundo: em 1556 (ano de falecimento de Ignácio de Loyola) seriam 33 e mais 6 sob promulgação; em 1615, já eram 373; em 1626, 444; em 1710, 610; em 1749, 669 colégios e 176 seminários. Em 1773, ano de sua extinção, a ordem

possuía, na Europa, 546 colégios e 148 seminários que, somados àqueles dentro e fora da Europa, (123 colégios e 48 seminários), perfazem um total de 865 estabelecimentos de ensino.

No Brasil, fixa-se o ano de 1549 como aquele que inauguraria a construção de uma estrutura catequizadora, quando chegam com o novo Governador Geral Tomé de Sousa quatro padres e dois irmãos jesuítas que atuariam sob as ordens de Manuel da Nóbrega. Chegam já com a missão de converter os gentios.

Juntamente com Nóbrega, vieram mais cinco Jesuítas, dentre os quais: João de Azpilcueta Navarro, Leonardo Nunes, Antônio Pires e os Irmãos Diogo Jácome e Vicente Rodrigues. Nos anos que se seguiram, chegaram à colônia outros jesuítas: Afonso Brás, Francisco Pires, Manuel de Paiva e Salvador Rodrigues, em 1550, e depois, no ano de 1553, vieram Luís da Grã, Lourenço Brás, Ambrósio Pires e os Irmãos Antônio Blázquez, João Gonçalves, Gregório Serrão e José de Anchieta (SIQUEIRA; RUCKSTADTER, 2014. p. 1041).

Os primeiros colégios, [...] ainda no século XVI, foram três: os da Bahia (1553), do Rio de Janeiro (1567) e de Olinda (1573). No século XVII, foram fundados oito: os de Porto Seguro, Santos, Vitória, Recife, São Luís, Belém, Paraíba, Belém da Cachoeira e, no século XVIII, cinco colégios: os de Taquitapera, Colônia do Sacramento, Ilhéus, Aquiraz, Vigia no Pará, além dos seis seminários da Bahia, da Paraíba, de Mariana, de São Luís do Maranhão, de Paranaguá e de São Paulo, bem como alguns internatos (PAIVA, 2015, p. 182-183).

D. João III, segundo Paiva (2015, p. 172), havia confiado à Companhia de Jesus a missão de “evangelizar os povos indígenas da nova Terra”. Anchieta (1933, p. 395-405) cita os colégios da Bahia, do Rio de Janeiro e de Pernambuco como os existentes em 1584. O missionário descreve a composição do Colégio da Bahia:

Residem presentemente neste Colégio 62, incluindo aqueles que moram em três aldeias de índios, dos quais 31 são sacerdotes; 4 professores de 4 votos; coadjutores espirituais formados: 8; mestres: 5, um de questões de Teologia de Consciência, outros em filosofia, dois de latinidade; o sexto finalmente de meninos. [...] De entre os irmãos 12 são estudantes. Coadjutores: 15, seis formados, os outros são noviços. (ANCHIETA, 1933, p. 395).

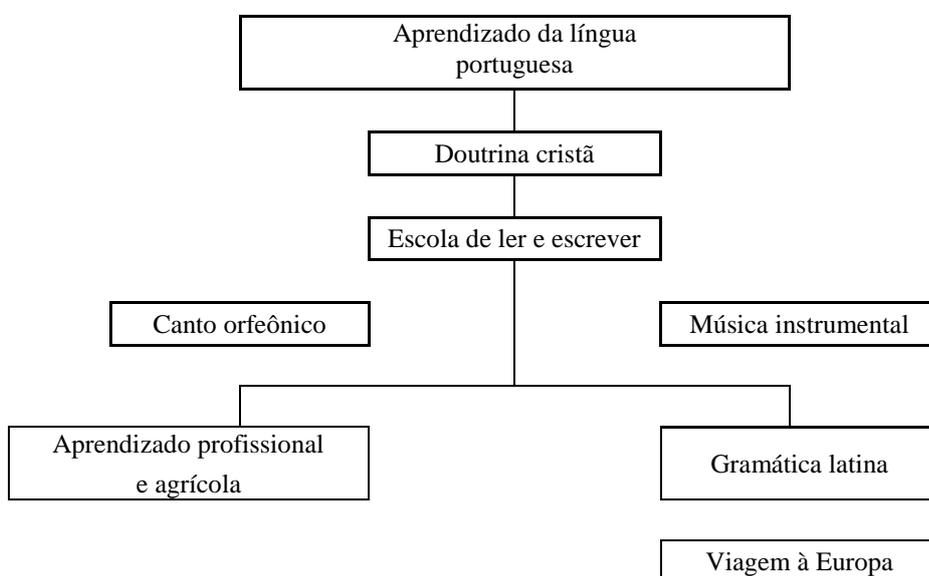
Sobre o método utilizado pelos jesuítas em seus colégios, Calógeras (1911) valoriza um grau elevado de melhoria em relação ao que já era desenvolvido ou aplicado por outros colégios da época. Essa busca pela melhoria nos métodos resulta em elevado número de alunos até para os padrões atuais, chegando, em 1660, a 150.000. Esse aprimoramento resultava também no fato de “serem quatro quintos de seus membros ou professores ou estudantes”. As regras “não traziam ideal novo de ensino, mas introduziam na escola o que se julgava encarná-lo”. (CALÓGERAS, 1911, p. 7). Em 1551, já existe um primeiro plano de

estudo, *De Studio Societatis Jesu*. Em 1552, inicia-se a confecção da *Ratio Studiorum*, construída de forma participativa por meio da consulta ampla a todos os superiores da Companhia. Sua oficialização dá-se em 1599.

Relevante esclarecer que estes planos de estudo, em essência, eram dedicados à formação de quadros para a Companhia e servirá de guia quando do surgimento dos colégios no Brasil.

Entre 1553 e 1591, a Companhia segue as orientações gerais da Ordem e o Plano de Estudo de Manuel da Nóbrega. Ribeiro (2007, p. 23) demonstra graficamente a estrutura desse plano (FIG. 1).

Figura 1 - Plano de Estudos - Manuel da Nóbrega



Fonte: RIBEIRO, 2007, p. 23. Adaptado pelo autor.

Neste momento o principal objetivo da Companhia de Jesus era a catequização dos índios e a sociedade como tal era incipiente, formada por exploradores em busca de riquezas e gentios. A educação propriamente dita seria voltada para os descendentes dos colonizadores. Sobre isso, deve-se citar aqui a descrição feita por Ribeiro (2011, p. 12):

A catequese, pelo aspecto religioso, interessava à Companhia como fonte de novos adeptos do catolicismo, bastante abalado com o movimento da reforma. Do ponto de vista econômico, interessava tanto a ela quanto ao colonizador, à medida que tornava o índio mais dócil e, portanto, mais fácil de ser aproveitado como mão de obra. A educação profissional, sempre muito elementar diante das técnicas rudimentares de trabalho, era conseguida por meio do convívio, no ambiente de trabalho, quer dos índios, negros ou mestiços que formavam a maioria da população colonial.

A padronização da educação era dada pela implantação da *Ratio Studiorum*, que trouxe modificações na gestão dos colégios. No QUADRO 1, é apresentada a estrutura da *Ratio-Studiorum* (FRANCA, 1952).

Quadro 1 - Estrutura - *Ratio-Studiorum*

A. Regra do Provincial (1-40)	
B. Regra do Reitor (1-24)	
C. Regras do Prefeito de estudos superiores (1-30)	
I	D. Regras comuns a todos os professores das Faculdades Superiores (1-20)
	E. Regras particulares dos professores das Faculdades Superiores
	Ea - Professor de Escritura (1-20)
	Eb - Professor de Hebreu (1-5)
	Ec - Professor de Teologia Moral (1-10)
II	F. Regras dos Professores de Filosofia
	Fa - Professor de Filosofia (1-20)
	Fb - Professor de Filosofia moral (1-4)
	Fc - Professor de Matemática (1-3)
G. Regras do Prefeito de Estudos Inferiores (1-50)	
H. Regras dos exames escritos (1-16)	
I. Normas para a distribuição de prêmios (1-13)	
J. Regras comuns aos professores das classes inferiores (1-30)	
III	L. Regras particulares dos professores das classes inferiores.
	La - Retórica (1-20)
	Lb - Humanidades (1-10)
	Lc - Gramática Superior (1-10)
	Ld - Gramática Média (1-10)
	Le - Gramática Inferior (1-9)
M. Regras dos estudantes da Companhia (1-11)	
N. Regras dos que repetem a Teologia (1-14)	
O. Regras do bedel (1-7)	
IV	P. Regras dos estudantes externos (1-15)
	Qa - Regras gerais (1-12)
	Qb - Regras do Prefeito (1-5)
	Qc - Academia de Teologia e Filosofia (1-11)
	Qd - Regras do prefeito desta academia (1-4)
	Qe - Academia de Retórica e Humanidades (1-7)
	Qf - Academia dos Gramáticos (1-8)
	Q. Regras das Academias

Fonte: FRANCA, 1952, p. 45. Adaptado pelo autor.

Anchieta (1933, p. 381) descreve um dia típico nos primeiros aldeamentos, nas casas denominadas de “bê-á-bá” e a ação de catequese em 1584:

Ensinam-lhes os Padres todos os dias pela manhã a doutrina, esta geral, e lhes dizem missa para os que a quiserem ouvir antes de irem para suas roças; depois disto ficam os meninos na escola, onde aprendem a ler e escrever, contar e outros bons costumes pertencentes à polícia cristã: à tarde tem outra doutrina particular a gente, que toma o Santíssimo Sacramento.

A padronização dos procedimentos de gestão descritos na *Ratio-Studorium* atendia a esses objetivos, com uma estrutura formada por níveis hierárquicos definidos e um conjunto de regras para cada um dos componentes dessa hierarquia. A intenção é mesmo de unificar procedimentos, determinando bem os papéis que cada um dos elementos da estrutura deve desempenhar. Parece-nos, e ver-se-á, ser um instrumento de gestão com o objetivo de garantir a unidade e o alcance de resultados. Pode-se dizer que, do ponto de vista da gestão da educação, é um documento avançado para a época no Brasil. Mesmo assim, não deixa de ser decepcionante para quem espera dela uma metodologia de ensino.

Para quem, pela primeira vez, se põe em rápido contato com a *Ratio*, a impressão espontânea é quase a de uma decepção. Em vez de um tratado bem sistematizado de pedagogia, que talvez esperasse, depara com uma coleção de regras positivas e de uma série de prescrições práticas e minuciosas (FRANCA, 1952, p. 43).

Há uma preocupação em conter dentro de limites filosóficos os arroubos criativos. Respeitam-se as diferenças dentro de limites que não afetem a doutrina cristã, portanto trata-se de um documento operacional e não filosófico.

Em síntese, observa-se que o ensino jesuítico era desenvolvido de acordo com padrões rígidos, coordenados por uma hierarquia, obedecendo ao objetivo de “ensinar ao próximo [...] de modo a levá-lo ao conhecimento e amor ao Cristo” sendo dever do provincial “zelar com todo empenho para que [...] a esforços tão multiformes no campo escolar corresponda plenamente o fruto que exige a graça da [nossa] vocação” (FRANCA, 1952, p. 119).

Exige-se então que o coordenador do ensino seja “homem conhecedor das letras, que atue de forma eficaz, com zelo e discernimento” e cuja função seja “um instrumento geral do Reitor na boa ordenação dos estudos” (FRANCA, 1952, p. 119). Sob sua direção, estarão os professores e os demais que vivem nos internatos e seminários e ainda os prefeitos de estudos nos seminários. Esses professores devem ser “mais competentes, os mais eruditos, aplicados e assíduos, os mais zelosos pelo progresso dos alunos *não só nas aulas* senão também nos outros exercícios literários” (FRANCA, 1952, p. 119 grifo nosso). Destaca-se também o cuidado com a preparação, pois é função do prefeito selecionar os professores de cada área do conhecimento, garantindo a sua qualidade.

Na sequência, depois de estabelecer a hierarquia e os preceitos sob os quais deverão ser conduzidos os trabalhos, a *Ratio Studorium* desenvolve critérios de seleção para professores, as regras de ensino de cada disciplina, as competências (deveres) de cada um dos ocupantes das posições hierárquicas da Companhia. É um documento detalhado que busca a

unificação de métodos, comportamentos e o reconhecimento de méritos. O objetivo que transparece é a formação com consistência de futuros membros da congregação e também de seus alunos não integrantes do quadro da Companhia.

No QUADRO 2, por sua relevância, estão listados os requisitos para os professores e o tempo de estudo em cada disciplina, definidos na *Ratio Studiorum*.

Quadro 2 - Disciplinas - *Ratio Studiorum*

Disciplina	Requisitos	Tempo de Estudos
Sagrada Escritura	Conhecedor de línguas (primeira necessidade); versado em teologia e nas demais ciências, na história e outros ramos do saber; se possível, eloquente.	Diariamente, dois anos, 45 minutos de aula.
Hebreu	Versado em línguas, não só no grego, mas no siro e no caldeu.	Alunos escolhidos, um ano.
Teologia	Três professores ordinários de acordo com, de acordo com os diferentes costumes das províncias.	Quatro anos. Os alunos de reconhecida virtude e bons talentos poderão fazer mais dois de estudos privados; alunos “bem afeiçoados a São Tomás” podem ser promovidos ao grau de Doutor ou Mestre.
Caso de Consciência (Teologia Moral)	Sacerdote (capaz de desempenhar-se com segurança e prudência).	Dois anos.
Filosofia	Concluído o curso de Teologia, de preferência que tenham feito dois anos de revisão.	Três anos em módulos de um ano cada.
Retórica e Humanidades		Mínimo de dois anos. Alunos dotados de aptidões: 3 anos.
Letras	Eminentes em literatura e eloquência.	
Gramática	Habilitados na Gramática do P. Manuel Alvares ou romana. Professor permanente.	

Fonte: FRANCA, 2016.) Condensado pelo autor.

Franca (1952, p. 50) descreve como seria a rotina de estudos composta de cinco horas de aulas por dia, duas horas e meia pela manhã e outras tantas pela tarde, com exercícios complementares, “leitura de bons autores, discursos”.

O tempo é minuciosamente distribuído entre o grego e o latim, a prosa e a poesia, e os diversos exercícios escolares, preleção, lição de cor, composição, desafio etc., visando-se em tudo, com o melhor aproveitamento da aula, a maior variedade nas ocupações do aluno (FRANCA, 1952, p. 52).

Embora se utilizasse o latim como língua natural na *Ratio*, era livre e prescrito de forma incisiva a utilização da língua local, não havendo negligência quanto a esse aspecto. Devia-se conhecer a “língua do povo”.

Ainda sobre a pedagogia jesuítica, Franca (1952, p. 71) escreve sobre a presença do Teatro no cotidiano dos colégios: “o teatro escolar foi regulamentado severamente, mas introduzido na *Ratio*”. No entanto, a alma da educação nos colégios era a formação religiosa:

O homem não é só um animal cujo organismo se deve desenvolver sadiamente, nem ainda só uma inteligência que importa mobiliar de conhecimentos úteis, é antes de tudo e essencialmente uma pessoa, com os seus destinos religiosos, naturais e sobrenaturais, em cuja realização plena se resume a sua suprema razão de ser. Uma educação que descursasse esse aspecto fundamental não seria uma educação humana (FRANCA, 1952, p. 74).

À medida que a sociedade amadurecia em seu progresso econômico, gerando uma população permanente e estamentos definidos, os colégios eram procurados por muitos que identificavam ali o único caminho para uma formação intelectual (RIBEIRO, 2007). Os colégios iam surgindo; os valores sociais eram alterados, tornando-se parâmetro de distinção social o fato de ter ou não frequentado um colégio jesuíta, assim como a posse de bens.

Deve-se lembrar das trágicas consequências da ação missionária religiosa para a cultura dos povos. No caso brasileiro, a ação jesuíta trouxe consigo a destruição da cultura nativa. Fausto (2006, p. 16) considera que “a chegada dos portugueses representou para os índios uma verdadeira catástrofe”. Freyre (1987, 2013) esclarece sobre os danos:

O missionário tem sido o grande destruidor de culturas não europeias, do século XVI ao atual; sua ação mais dissolvente que a do leigo. [...] Deu, entretanto, para sufocar muito da espontaneidade nativa – os cantos indígenas, de um tão agreste sabor, substituíram-nos os jesuítas por outros, compostos por eles, secos e mecânicos; cantos devotos, sem falar em amor, apenas em Nossa Senhora e nos santos. À naturalidade das diferentes línguas regionais impuseram uma só, a “geral”. [...] Ainda mais: procuraram destruir, ou pelo menos castrar, tudo o que fosse expressão viril de cultura artística ou religiosa em desacordo com a moral católica e com as convenções europeias (FREYRE, 1987, p. 109).

[...] enquanto pôde fazer sombra à autoridade do senhor da casa grande sobre o menino, foi a mesma que a doméstica e patriarcal nos seus métodos de dominação, embora visando fins diversos dos patriarcais. A mesma no empenho de quebrar a individualidade da criança, visando adultos passivos e subservientes. Passivos perante o Senhor do Céu e da Terra e a Santa Madre Igreja e não tanto diante do pai nem da mãe simplesmente de carne (FREYRE, 2013, p. 112).

Segundo o professor Edson Nery, a presença e a educação jesuíta no Brasil “foi deletéria” (NERY, 2001).

No século XVII:

A educação era ministrada em latim, latim da Igreja e da ordem eclesiástica do Estado, não podendo dela decorrer nenhum interesse pelo estudo de problemas

novos que a situação real da Colônia pudesse suscitar. Era uma educação predominantemente escolástica e imóvel, idêntica na Metrópole e na Colônia [...] (TEIXEIRA, 1989 p. 58).

A influência dos jesuítas ampliava-se, mas a Ordem não era mais bem-vinda como parceira do Estado. Os princípios sob os quais ela foi criada transmutaram-se.

Os resultados da Companhia eram obtidos graças aos princípios que norteavam a sua operação – a rigidez moral, a fé, a dedicação aos mais pobres – e, à medida que crescia a sua influência junto ao povo e aos governantes, mais esses princípios se distanciavam de sua origem. Calógeras (1911, p. 11) data o início do declínio da Companhia a partir da substituição do Superior Aquaviva (1581-1615) – “extraordinário jesuíta, vencedor a um tempo de Felipe II da Espanha, da Inquisição e de Clemente VIII – por Mutio Vitelleschi (1615-1645), “meiga criatura, que solicitava ou aconselhava quando deveria ordenar”. O poder central foi substituído por uma “oligarquia composta dos mais graduados jesuítas, dos provinciais, dos chefes das casas professoras. Relaxado o laço disciplinar, a dissolução da Ordem se manifestou em todos os ramos. O voto de pobreza foi diluído”. (CALÓGERAS, 1911, p. 11).

A sociedade de Jesus entregou-se então ao comércio, à indústria, aos negócios bancários, à usura. De todos os lados chegavam ao Geral queixas da avidez de seus soldados, da sua ganância no comércio e na captação de riquezas. (CALÓGERAS, 1911, p. 11).

O poderio da Companhia se estende aos negócios com açúcar e gado. Ferreira Junior e Bittar (1999, p. 475) citando Leite (1950), escrevem sobre a riqueza da Companhia de Jesus no Brasil.

A partir da segunda metade do século 17, a Companhia de Jesus já era proprietária de muitas fazendas de cana-de-açúcar e criação de gado. Ela havia acumulado, segundo Serafim Leite, (1950, p. 88-93) um total de 359 fazendas até 1759, quando da expulsão dos jesuítas do Brasil. Presume-se que a riqueza amealhada pelos seguidores de Santo Inácio de Loyola, durante os primeiros 210 anos da sua permanência na terra brasileira, tenha significado uma expressiva parte do PIB da colônia portuguesa na América.

Rosário e Silva (2004) discorrem sobre a elitização do ensino e Leite (2000) sobre as fazendas de gado e cana-de-açúcar:

Dentre os 17 colégios jesuítas no Brasil colônia, todos, além dos seminários, tinham cursos elementares, boa parte oferecia curso de humanidades e apenas 8 tinham cursos de arte e teologia. Os cursos de humanidade e de artes eram destinados a

formar padres e a elite dirigente local de dependência. Além disso o curso de artes preparava para o ingresso nos cursos profissionais da Universidade de Coimbra. Cursos estes que formavam médicos, cânones e advogados, uma elite de doutores que comandaram a política brasileira (ROSÁRIO; SILVA, 2004, p. 6).

[...] serão instaladas as três grandes fazendas de gado e canaviais do Campos dos Goitacazes, Campos Novos e Macaé. A fundação do colégio de Santos foi também obra do Governador do Rio de Janeiro, que doou recursos consideráveis para a construção da obra (LEITE, 2000, p. 61).

Freyre (2013, p. 21) descreve o Rio de Janeiro no início do século XIX, o volume de posses, a presença em cargos públicos, os furtos:

As posturas dos começos do século XIX são quase todas no sentido de limitar os abusos do particular e da casa e de fixar a importância, a dignidade, os direitos da rua, outrora tão por baixo e tão violados. Tão violados pelos proprietários de terras; tão violados, no Rio de Janeiro, pelos *jesuítas* que aqui se fizeram donos de muitos sítios e casas de sítios ou chácaras. Alguns desses sítios compreendidos na sesmaria da cidade e estendidos ou explorados contra o interesse público. O padre Cepeda, em documento célebre, refere-se aos “insignes ladrões que havia neste Collegio” (o Colégio dos *Jesuítas* do Rio de Janeiro). Um deles, o “Padre Luiz de Albuquerque que em vinte e quatro annos foi Procurador de Causas” [...] e “tantas terras furtou para a Religião.” (Grifo nosso)

Esses “desvios de conduta”, o acúmulo de poder político e econômico levaram Portugal a suprimir os jesuítas de todas as suas fronteiras. Mas não só em Portugal: “Em menos de 10 anos, a medida tinha se generalizado, e de todos os governos tinham emanado os atos de expulsão nos respectivos territórios (França, Espanha, Itália, Prússia)” (CALÓGERAS, 1911, P. 13).

Calógeras (1911, p. 11) descreve a decadência de forma trágica, até o banimento da ordem em 1759:

Entregues a tal dissolução de costumes e a tais desvios de seu ideal primitivo, não podiam os chefes da milícia dominar de muito o nível médio dos comandados. Começou então a série de superiores frouxos, sibaritas, gozadores, descuidados da vida interior para só curarem dos proventos dos cargos, onde as divídiás abundavam. [...] O ensino anquilosou-se nas formas antigas. Novos métodos surgiram para satisfazer a necessidades novas, e a nada os jesuítas atendiam, mantendo, imutáveis, normas já envelhecidas. Onde os seminários obedeciam à sua inspiração, a ignorância do clero avultou. Nem mais o monopólio da instrução conseguiram manter, e de todo lado surgiam com os novos ideais pedagógicos, novas escolas, novos programas. [...]. Quando seu ponto de vista discordava da opinião da Cúria, sabiam ameaçar e fazer pressão sobre o Papa. [...] Era natural que tais falhas lhes aumentassem o número de desafetos, e que, baseados nelas, se congregassem inimigos para mover guerra à Ordem.

A expulsão dos jesuítas deu-se concomitantemente ao crescimento das ideias dos iluministas e, em Portugal, sob a influência do Marquês de Pombal. A partir de 1759, passa a vigorar na educação a denominada Reforma Pombalina (1759-1834), inspirada nas ideias iluministas em contraposição às jesuíticas. O Estado passa a ser o mentor e orientador das políticas educacionais, até então gerenciadas no acordo comum Igreja-Estado.

Saviani (2010, p. 113-114) enumera as características da reforma Pombalina:

- a. estatização e secularização da administração do ensino concentrando a gerência de todos os assuntos ligados à instrução na figura do Diretor-Geral de Estudos;
- b. estatização e secularização do magistério, organizando exames de estado conduzidos pela Diretoria-Geral dos Estudos [...], ficando proibidos de ensinar aqueles que não fossem aprovados nesses exames;
- c. estatização e secularização do conteúdo do ensino que passou a ser controlado pela Real Mesa Censória, mediante censura de livros antes exercida pelo Santo Ofício e obrigando os professores a encaminhar relatórios das atividades por eles realizadas, assim como do desempenho de seus alunos, à Diretoria-Geral dos Estudos;
- d. estatização e secularização da estrutura organizacional dos estudos mediante a criação de aulas régias de primeiras letras e de humanidades mantidas pelo Estado com recursos provenientes do “Subsídio Literário”, criado especificamente para esse fim;
- e. estatização e secularização dos estudos superiores por meio de uma ampla e profunda reforma da Universidade de Coimbra.

Quanto à educação básica, Gondra e Schueler (2008, p. 20-21) escrevem sobre a educação acontecendo domesticamente com “a contratação de mestres e preceptores, leigos e religiosos” e também nas irmandades, nos seminários, nos recolhimentos e asilos, nas associações filantrópicas, nas corporações de ofícios e nas oficinas.

Em 1808, a família real, na eminência da invasão de Portugal por Napoleão, transfere o comando do Reino para a colônia. Esse fato impulsiona a economia brasileira provocando a abertura dos portos às nações amigas e também a criação de instituições educacionais. Exemplos disso são a Academia Real de Marinha e a Academia Real Militar, visando o desenvolvimento da engenharia. Também é desse momento a implantação de aulas de Medicina e Cirurgia no Rio de Janeiro e na Bahia (SAVIANI, 2010, p. 113).

No entanto, e ao contrário do que se poderia esperar, a Reforma Pombalina e a entrada do Estado na educação não afastaram as ordens religiosas do Brasil⁶.

A queda do monopólio jesuítico na educação brasileira proporcionou a oportunidade para que outras ordens religiosas, católicas e não católicas, voltassem suas atenções para o Brasil.

Os trapistas criaram verdadeira escola agrícola em Tremembé. Os beneditinos mantiveram cursos primários e secundários frequentadíssimos. Os salesianos fundaram missões e especializaram-se no ensino profissional e no ensino secundário. Os lazaristas, velhos hospedes do Brasil, conservaram suas antigas casas. Os jesuítas continuaram em seus velhos colégios e instalaram novos sem o menor protesto. (CALÓGERAS, 1911, p. 30)

O funcionamento das aulas régias não impediu os estudos nos seminários e colégios das ordens religiosas, tendo sido, inclusive, criadas algumas dessas instituições no espírito das reformas pombalinas. No Convento de Santo Antônio, no Rio de Janeiro, os franciscanos organizaram [...] curso de filosofia e teologia. (SAVIANI, 2010, p. 108).

Inaugurado em 1800, o Seminário de Olinda firmou-se como uma das melhores, senão a melhor escola secundária do Brasil (SAVIANI, 2010, p. 110).

Com a proclamação da independência, em 1822, fez-se necessário uma constituição que determinasse os novos rumos para o país. Saviani (2010) considera esse período como aquele em que se desenvolveram as ideias leigas (1827-1932), em detrimento daquelas fundadas no ensino religioso, até então predominantes. O historiador das ideias pedagógicas relata a variedade de propostas apresentadas nesse momento da história da educação, predominando duas delas: a garantia do direito ao ensino primário e a estruturação da educação no Brasil.

Na abertura dos trabalhos da Assembleia Constituinte, o Imperador destacou a necessidade de uma legislação especial sobre instrução pública. - como se vê descrito na constituição de 1824.

Art. 179. A inviolabilidade dos Direitos Civis, e Políticos dos Cidadãos Brasileiros, que tem por base a liberdade, a segurança individual, e a propriedade, é garantida pela Constituição do Império, pela maneira seguinte...

XXXII. A Instrução primária, e gratuita a todos os cidadãos.

XXXIII. Colégios, e universidades, onde serão ensinados os elementos das Ciências, Belas Letras, e Artes (NOGUEIRA, 2012 p. 85).

⁶ Os Franciscanos chegaram junto com Cabral em 1500; os Beneditinos em 1580, os Carmelitas em 1584.

Quanto aos jesuítas, seu retorno ao Brasil acontece em 1842, com a chegada de um grupo de padres espanhóis fugidos da Revolução Liberal espanhola. Silva (2013, p. 23) narra que primeiramente “os padres fundam uma residência em Porto Alegre, que serviria de base para a organização das primeiras missões populares. Essas missões consistiam em visitas ao interior do estado, a pequenas cidades e vilas”.

[...] ao serem convidados e previamente autorizados pelo clero local, realizariam pregações, missas, procissões, catequeses entre outras atividades sacramentais. Destaca-se, também, nesse período, a criação, em Porto Alegre, de uma escola de latim, em 1847, e entre 1848 e 1852, a realização de missões junto aos índios Kaingáng (SILVA, 2013, p. 24).

A proclamação da República, em 1889, gerou novas condições para a ampliação das atividades missionárias e a chegada de novas Ordens ao Brasil. Junte-se a isso a expansão populacional e a extensão territorial brasileira.

Quando, em 1889, com a proclamação da República, se realizou também a separação da Igreja do Estado, a igreja católica no Brasil contava com 1 arcebispado e 11 bispados. Em vista da enorme extensão do país e da população que, segundo o censo de 1890, se elevava a 14 milhões de almas, era este número insuficiente para um desenvolvimento satisfatório da vida católica (CONGREGAÇÃO DO VERBO DIVINO, 1920, p. 29).

Na transição do Império para a República, a Igreja católica perdeu parcelas de poder, sofrendo um golpe final com sua separação oficial do Estado na República, quando se estabeleceu a liberdade de culto, o casamento civil, a laicização plena dos cemitérios, a inelegibilidade dos clérigos para cargos públicos e a negação do direito de voto aos padres e a proibição do ensino religioso nas escolas, premissas lideradas por intelectuais do porte de Rui Barbosa, Caetano de Campos e Rangel Pestana, entre outros (ALMEIDA, 2006b, p. 66).

Essas alterações reduzindo o poder da Igreja, geram um movimento contrário. Assim, além das ordens já presentes no país, desde os tempos coloniais, muitas outras novas chegaram: salesianos, lazaristas, redentoristas, palotinos, barnabitas, passionistas, missionários de S. Carlos, premonstratenses, salvatorianos, padres de La Salette, missionários do Coração de Maria. Estes se juntaram aos beneditinos, capuchinhos, carmelitas, dominicanos, agostinianos e, obviamente, aos jesuítas e franciscanos (CONGREGAÇÃO DO VERBO DIVINO, 1920, p. 29). Também chegaram ordens não católicas como os metodistas em 1889; e os batistas que haviam chegado em 1882.

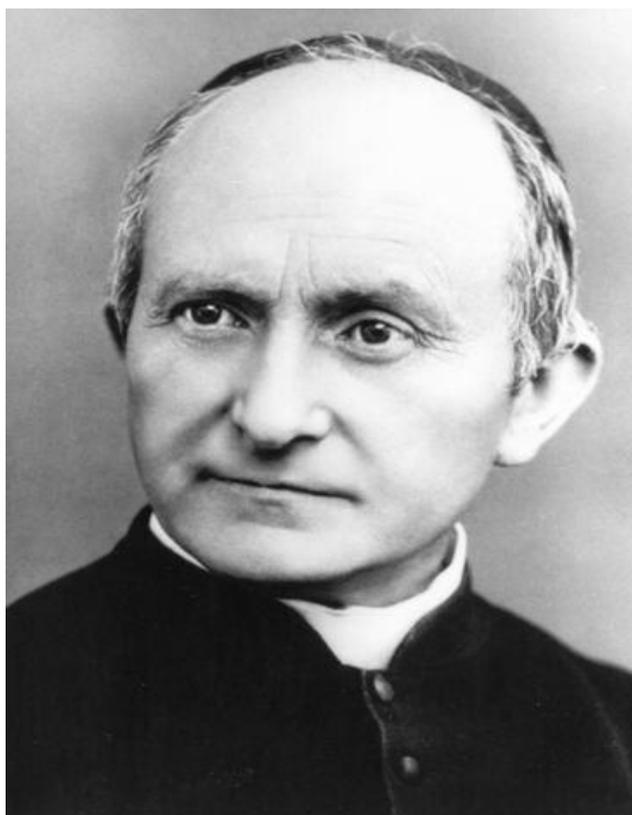
Muitas foram as transformações acontecidas no Brasil entre as duas últimas décadas de 1800 e as duas primeiras de 1900.

É nesse momento que os verbitas chegam ao Brasil.

2.2 Os verbitas

O fundador da Congregação do Verbo Divino, Santo Arnold Janssen (FIG. 2), nasceu no dia 5 de novembro de 1837, em Goch, cidade da Baixa Renânia, Alemanha, mas foi em Münster, a cidade da ciência, das esculturas, da paz, das bicicletas, polo mercantil e uma metrópole de muitas faces, que ele se formou pela Diocese, sendo ordenado na Catedral, em 1861. Foi designado como professor em escola secundária de Bocholt, sendo considerado um “professor exigente, mas justo” (JOÃO PAULO II, 2003). Em seguida foi nomeado Diretor Diocesano do Apostolado da Oração.

Figura 2 - Santo Arnold Janssen



Fonte: GOCH, 2015

Depois de deixar o cargo de professor, resignando-se, fundou o *Mensageiro do Sagrado Coração* (1874), uma revista mensal que dava notícias das atividades missionárias e incentivava o trabalho dos católicos quanto à difusão da mensagem cristã.

Forçado a deixar a Alemanha pela expulsão de religiosos ordenada por Bismarck, fundou, no final de 1874, a primeira casa de Missão em Roermond, Holanda.

Os tempos eram particularmente difíceis na Alemanha. Bismarck havia declarado a «Kulturkampf» com uma série de leis contra os Católicos, a expulsão de religiosos e sacerdotes e a prisão de muitos bispos. Nesta situação caótica, Arnaldo Janssen propôs a alguns dos sacerdotes expulsos do país a ida para as missões ou que pelo menos ajudassem na formação de missionários (JOÃO PAULO II, 2003).

No entanto é o dia 8 de setembro de 1875 aquele considerado oficial como data de fundação da Congregação dos Missionários do Verbo Divino. Nesse dia, inaugura-se a casa de Missão de Saint Michel, em Steyl.

Em 1879, partem os primeiros missionários da Congregação rumo ao Oriente (China). Nessa missão está José Freinadmentz, que, junto com Arnold Janssen, foi canonizado pela Igreja Católica em 5 de outubro de 2003

Em Steyl, Arnold Janssen monta uma tipografia “consciente da importância dos meios de comunicação social. [...] Milhares de leigos generosos ofereceram o seu tempo e esforço na distribuição das revistas de Steyl, contribuindo assim para a animação missionária nos países de língua alemã” (JOÃO PAULO II, 2003).

Esta foi uma das características do trabalho de Arnold Janssen: o envolvimento de leigos no trabalho missionário. “Santo Arnold Janssen não só fundou três congregações religiosas missionárias para promover o trabalho missionário da Igreja, mas também envolveu leigos, aqueles católicos denominadas pessoas leigas”⁷ (PLUTZ, 2015, p. 5).

Desde o começo de seu trabalho, um grupo de mulheres esteve ao lado do missionário apoiando sua obra. Eram mulheres que desejavam servir à missão como religiosas. Assim, no dia 8 de dezembro de 1889, Arnaldo Jansen funda a Congregação Missionária das Servas do Espírito Santo (SSpS). Em 1895, partem para a Argentina as primeiras missionárias. Em 1896, Padre Arnold funda o ramo contemplativo da congregação, as “Servas do Espírito Santo da Adoração Perpétua” (SSpSAP).

Em virtude do nosso nome, sentimo-nos comprometidos de modo especial com o Verbo Divino e Sua missão. [...] Onde quer que a Igreja nos envie, somos chamados a proclamar o Evangelho a fim de que todos os povos possam andar no caminho da salvação, libertados da escuridão do pecado pela luz do Verbo e pelo Espírito da Graça. A atividade missionária é, por isso, a finalidade e razão de ser da nossa Congregação. Todas as nossas atividades, por mais variadas que sejam, estão direcionadas, em última análise, para ajudar a Igreja a realizar sua tarefa missionária. [...] É nossa aspiração tornar visível, em nossa vida e no nosso serviço, a bondade e a preocupação de Deus para com a humanidade (CONGREGAÇÃO DO VERBO DIVINO, 1920, p. 17).

⁷ Tradução do autor.

Em sua homilia de canonização, o papa João Paulo II disse a respeito de Arnold Janssen:

Devagar mas com segurança e com a palavra de encorajamento do Vigário Apostólico de Hong-Kong, Arnaldo descobriu que Deus o chamava para enfrentar essa difícil tarefa. Muitos diziam que ele não era o homem indicado para tal e que os tempos não eram propícios para a fundação. A resposta de Arnaldo foi: “O Senhor desafia a nossa fé e incentiva-nos a fazer algo novo, precisamente quando tantas coisas implodem na Igreja” (JOÃO PAULO II, 2003).

Ao completarem 25 anos de Brasil, os Missionários do Verbo Divino seguindo a tradição editaram um livreto contendo a sua história no mundo e no Brasil. Nessa edição, percebe-se como o mundo era visto pelos seguidores de Arnaldo Jansen, incluindo as repúblicas sul-americanas:

Em muitos países havia messe abundante, mas faltavam operários. Este fato notou-se principalmente em várias repúblicas sul-americanas, para onde se dirigiam imigrantes de muitas nacionalidades, costumes e crenças. Italianos, franceses, polacos, russos, ruthenos e alemães procuravam o Brasil e na Argentina o que debalde esperavam na pátria (CONGREGAÇÃO DO VERBO DIVINO, 1920, p. 18).

Mais especificamente, segundo o arcebispo Domingos Ferrara, em carta escrita a seus superiores em 1892,

Há no Estado do Espírito Santo duas colônias – Santa Leopoldina e Santa Izabel, nas quais vivem muitos catholicos alemães. Estes por repetidas vezes pediram à Santa Sé um sacerdote alemão e a S. Congregação faz agora a petição para que o Superior Geral acuda às necessidades espirituais dos colonos (CONGREGAÇÃO DO VERBO DIVINO, 1920 p. 30).

Como consequência dessa solicitação, tem início a história da Sociedade do Verbo Divino (SVD) no Brasil, quando os Padres Francisco Dold e Francisco Tollinger, missionários do Verbo Divino, chegaram ao Brasil através do porto de Vitória (ES), em 12 de março de 1895. “O berço da Congregação do Verbo Divino no Brasil é um recanto, longe do bulício das grandes cidades, no meio das altas montanhas e densas florestas, uma quase solidão – Tirol de Santa Leopoldina” (CONGREGAÇÃO DO VERBO DIVINO, 1920, p. 32).

Em 25 de março daquele ano, “no poético recanto do Estado do Espírito Santo – em Tirol de Santa Leopoldina – celebraram pela primeira vez a santa missa” (CONGREGAÇÃO DO VERBO DIVINO, 1920, p. 30). O objetivo era dar apoio religioso às colônias de Santa

Leopoldina e Santa Isabel que contavam, na época, com um grande número de imigrantes alemães.

O início da colonização europeia em grande escala no Estado do Espírito Santo data de 1847 com a criação da Colônia Santa Isabel. Com a vinda de sucessivas levas de colonos, principalmente alemães, fundaram-se outras colônias, encetando-se o povoamento da região serrana coberta de matas, que ficara entre o litoral e a região povoada de Minas Gerais. [...] A partir dos núcleos iniciais Santa Isabel e Santa Leopoldina (Porto do Cachoeiro), respectivamente nos rios Jucu e Santa Maria de Vitória, estendeu-se a colonização alemã por toda a bacia destes rios, acabando por confluir as duas áreas (EGLER, 1951, p. 237-238).

Relatórios de governadores, a respeito dessas colônias, em período anterior a 1895, mostram que o desenvolvimento estava aquém do esperado. Observe-se a sequência de relatos sobre a Colônia de Santa Izabel:

- 1847 - No relatório que o Presidente da Província do Espírito Santo, Couto Ferraz, enviou à Assembleia, em maio, há uma descrição detalhada da Colônia Santa Isabel; suas vantagens geográficas – localizada no caminho para Minas Gerais – suas terras ricas, sua natureza exuberante. Menciona também a ausência de um pároco alemão, dado que os imigrantes devem se deslocar até Vianna para a assistência religiosa. Nessa época, eram 163 colonos (FERRAZ, 1848, p. 36-37).
- 1850 - No relatório de governo de 1850 informa-se que o número de óbitos na Colônia Santa Isabel é elevado em virtude das gripes e que “reside nela um missionário alemão⁸, que serve de pastor aos católicos, para os quais há uma pequena capela”, acrescentando-se que

os protestantes reclamam também um pastor, cuja falta os faz supor que se os olha com indiferença, e isto concorre para que reine entre eles e os católicos uma espécie de ciúme, que não faz, contudo, destruir a harmonia, que lhe é tão útil (LEAL, 1850, p. 20-21).

- 1865 - Neste ano são 1125 colonos – 606 homens e 519 mulheres. Menciona-se também que a colônia “apesar das dificuldades que a embaraçam provenientes da falta de vias de comunicação, promete também um futuro próspero” (CHAVES, 1866, p. 24).
- 1873 - Relata o Presidente Dr. João Thomé da Silva que, na Colônia Santa Isabel, está vago o cargo de vigário (SILVA, 1873, p. 17).

⁸ Da Ordem dos Capuchinhos. (CONGREGAÇÃO DO VERBO DIVINO, 1920, p. 33).

- 1896 - No relatório de 1896, relata-se que, nas colônias, “não existem escolas públicas [...] por falta de professores, mas o Estado gratifica aos particulares que se propõem a dar o ensino, como a acontece mesmo no Rio Doce (MONIZ FREIRE, 1896, p. 117).

Com a chegada dos missionários e com o apoio dado por eles às colônias, inicia-se um processo de desenvolvimento. São construídas escolas, igrejas e as colônias são elevadas a município, o transporte ferroviário também chega até elas.

No relato dos padres verbitas a respeito das atividades missionárias na Colônia Leopoldina, constatou-se que houve avanço na área do ensino com a construção de escolas. Pode-se perceber também a ampliação do número de pessoas envolvidas no trabalho. As aulas são dadas em português e alemão, mantendo as raízes culturais da pátria-mãe dos colonos.

Padre Alberto Muller construiu um vasto edifício escolar em Tirol (de Santa Leopoldina) e edificou com esmolas de generosos benfeitores uma linda gruta de Nossa Senhora de Lourdes. [...] Enquanto os padres trabalham na cura das almas, os Irmãos se dedicam ao ensino nas escolas (CONGREGAÇÃO DO VERBO DIVINO, 1920, p. 33).

Esse relato sobre a atividade Verbitas nas Colônias no Estado do Espírito Santo tem significado para o estabelecimento da semelhança e diferenças entre as ações missionárias dos jesuítas, no período colonial, e a dos Verbitas no final do século XIX.

As condições do trabalho missionário continuavam as mesmas, mas os assistidos haviam mudado. Se antes eram os nativos e colonos portugueses, agora colonos de diversas nações europeias. Se antes a mão de obra produtiva era a do negro escravo, agora a do europeu imigrante. O Brasil pouco havia evoluído desde a sua descoberta, continuando a ser uma sociedade fundamentada na exploração colonial de suas riquezas. A industrialização ainda era incipiente; os colonos eram os desbravadores de matas ainda fechadas, com o objetivo de implantarem a produção agrícola. Não mais a cana, mas o café.

A proibição do tráfico de escravos a partir de 1850, fez com que houvesse na opinião dos proprietários de terras, uma escassez de mão de obra, o que poderia prejudicar a economia Nacional.

A partir da chegada dos imigrantes, no século XIX, o Espírito Santo ganha nova configuração geográfica. [...] O Espírito Santo recebeu imigrantes de diversas partes da Europa, principalmente da Alemanha e da Itália que, junto com os portugueses, africanos e indígenas aqui residentes deram os traços principais da cultura capixaba (MEDEIROS, 2004, p. 78).

Após seu estabelecimento no Espírito Santo, missionários da SVD dirigem sua atenção para o sul do Brasil (Santa Catarina). A experiência no Sul não foi a esperada e, em 1898, chegam a Petrópolis, cidade que havia sido fundada por alemães. Objetivando servir aos filhos dos alemães de Santa Catarina,

os missionários do Verbo Divino idealizaram a construção de seu primeiro colégio no Brasil. Foi pensado para ser instalado, em primeiro lugar, no estado de Santa Catarina, na cidade de Desterro, depois na cidade de Brusque e em Florianópolis, o que acabou por não acontecer (SANTOS, 2010, p. 93).

Logo após a chegada a Petrópolis, ainda sem uma experiência na área da educação, os verbitas recebem o convite para atuarem em Juiz de Fora, em Minas Gerais.

A cidade estava em expansão, movida pela industrialização. Foi em Juiz de Fora que teve início a geração de energia elétrica na América do Sul, com a construção da Usina de Marmelos, pelo industrial Bernardo Mascarenhas (1889). A cidade já era conhecida como a Manchester Mineira, em referência à capital da Revolução Industrial na Inglaterra.

Havia outro motivo para o encaminhamento dos verbitas àquela cidade: o Granbery, colégio metodista há algum tempo instalado ali.

Em 1889, Juiz de Fora era um dos principais centros da Região Sudeste e forte reduto republicano. Foi neste contexto que o professor J. M. Lander chegou ao Brasil juntamente com sua esposa e um filho de colo para, no dia 8 de setembro, abrir as portas do "O Granbery", que então recebeu o nome de Colégio Americano Granbery, em homenagem ao Bispo com o mesmo nome. [...] Seu primeiro curso foi o de Teologia, fundado em 1890, pois a ideia era a de preparar pastores metodistas para "*conquistarem o Brasil como um todo*" (INSTITUTO MEDODISTA GRANBERY, 2015, grifo nosso).

A chegada do Granbery “Assustava um pouco os católicos da cidade, sobretudo depois que o próprio vigário se convertera ao protestantismo” (CANÇADO, 1999, p. 25).

E assim, com o objetivo de fazer frente aos interesses metodistas e, ao mesmo tempo, atendendo a uma necessidade de superação de problemas financeiros e de gestão da escola, os verbitas vão para Juiz de Fora e assumem a Academia de Commercio. Nota-se que a mesma oferta havia sido feita anteriormente aos jesuítas e aos salesianos, como narrado por Santos (2006, p. 2):

[...] Sociedade Anônima Academia de Comércio, oferecida aos Jesuítas primeiramente, que após examinar a proposta não puderam aceitá-la. Diante dessa situação, fez-se a doação, por “escrita pública” aos padres salesianos para que se

fixassem em Juiz de Fora e continuassem a obra em termos de Academia de Comércio. Convivendo com dificuldades não somente financeiras, mas sobretudo por falta de padres que pudessem vir ajudá-lo, o padre Carlos Graia, de acordo com a direção dos salesianos resolveu transferir a Academia de Comércio para a Congregação do Verbo Divino. Essa Congregação, de posse do prédio, móveis e demais pertences, concluiu em pouco tempo a construção do estabelecimento, assim como montou o Curso Comercial completo.

Nava (2012), em seu livro de memórias, inclui a Academia do Comércio entre os principais prédios de Juiz de Fora (FIG. 3), um dos representantes das características sociais da cidade, junto com o Stella Matutina, fundado pelas Irmãs Missionárias Servas do Espírito Santo – congregação fundada também por Arnaldo Jansen.

Figura 3 - Colégio Academia (2015)



Fonte: COLÉGIO ACADEMIA.

A rua Halfeld desce como um rio, do morro do Imperador, e vai desaguar na praça da Estação. Entre sua margem direita e o alto dos Passos estão a Câmara; o fórum; a *Academia de Comércio, com seus padres*; o Stella Matutina, com suas freiras; a matriz, com suas irmandades; a Santa Casa de Misericórdia, com seus provedores; a cadeia, com seus presos (testemunhas de Deus — contraste das virtudes do Justo) — toda uma estrutura social bem pensante [...] Esses estabelecimentos tinham sido criados, com a cidade, por cidadãos prestantes que praticavam ostensivamente a virtude e amontoavam discretamente cabedais que as gerações sucessivas acresciam à custa do juro bancário e do casamento consanguíneo (NAVA, 2012, p. 36, grifo nosso).

Com a inauguração do Stella Matutina, completa-se o trabalho desenvolvido pelos verbitas em Juiz de Fora, com um colégio masculino e outro feminino. Ambos continuam sob a direção da Congregação do Verbo Divino nos dias atuais.

Neste capítulo recapitulou-se a trajetória do ensino missionário no Brasil, desde a chegada dos primeiros missionários franciscanos e jesuítas até a instalação dos missionários do Verbo Divino em Juiz de Fora, no fim do século XIX. Alguns aspectos comuns entre jesuítas e verbitas ficaram demonstrados: o princípio missionário de expansão da fé cristã que motivou Ignácio de Loyola e Arnaldo Janssen; a intenção inicial de atuar na multiplicação ou formação de quadros para a atuação missionária – catequização para a conversão/formação de missionários; o combate à expansão da influência de missionários não católicos. Além dessas semelhanças, a atuação missionária (por acaso) através de instituições escolares pode ser considerada um duplo acaso. Jesuítas não pretendiam atuar na educação *para fora*, e foram chamados a fazê-lo, pressionados pela reforma protestante; verbitas, da mesma forma, aproveitaram uma oportunidade, ocasionada pela presença metodista em Juiz de Fora, para iniciarem sua atuação escolar. Da mesma forma que os jesuítas, a intenção de sua atuação era apenas para a formação de quadros missionários e espalhar a fé cristã pelos quatro cantos do mundo.

As diferenças são consequência da passagem do tempo. Ser missionário numa terra virgem, convertendo silvícolas, é o oposto de ser missionário entre imigrantes, dando assistência espiritual a quem já professava a fé católica. Os verbitas vieram ao Brasil para atuarem em colônias, entre pessoas que tinham a mesma origem; os jesuítas para criarem uma colônia católica em parceria com os colonizadores portugueses.

Ao encerrarmos este capítulo, considera-se necessário destacar um aspecto importante na história dos missionários do Verbo Divino, mesmo não sendo objeto deste estudo. Trata-se da construção da ESDEVA⁹ (anagrama de Verbo Divino do Espírito Santo)¹⁰, indústria gráfica, em Juiz de Fora. Sob o comando da Congregação, a Esdeva foi responsável pela edição, dentre outras, do “Lar Católico” que circulou entre 1912 e 1986 (fundado em 7 de janeiro). “O Lar Católico foi um jornal de referência, cujo objetivo era ser um guia para famílias cristãs. Foi um dos periódicos de cunho religioso que circularam durante mais tempo no Brasil” (PEREZ; MUSSE, 2013). Lucena (2011), ao se referir ao número de exemplares

⁹ Em 1981, a gráfica Esdeva foi repassada a um grupo de comunicação leigo, mantendo o nome. É ainda um dos maiores parques gráficos do Brasil.

¹⁰ Atualmente, a sigla Esdeva (Associação Propagadora Esdeva) é o nome jurídico da Província Brasil Norte da Congregação do Verbo Divino (SVD).

vendidos por edição do jornal, cita diversas fontes sem chegar a um número exato. No entanto afirma:

Como foram várias décadas de existência, é natural que esse número tenha oscilado bastante, portanto, pode ser possível que na década de 1970, a tipografia Lar Católico tenha emitido uma média de 65.000 mil exemplares [...] (LUCENA, 2011, p. 20).

De forma que, quando receberam o chamado para seguirem em direção a Belo Horizonte, os verbitas já possuíam uma sólida experiência educacional, do Stella Matutina e da Escola do Commercio, assim como uma estrutura de apoio à divulgação do trabalho que desenvolviam.

Passados 140 anos desde a sua fundação, a Congregação do Verbo Divino está presente na educação de 100 países. A maioria desses estabelecidos está no continente asiático, sendo a Índia o país onde existem mais unidades (23). Na América do Sul, são 24 instituições entre colégios e instituições de ensino superior, sendo 6 no Brasil.

Instituições no Brasil:

- 1 - Faculdades Arnaldo Jansen - Belo Horizonte-MG
- 2 - ITESP – Instituto de Teologia - São Paulo-SP
- 3 - Colégio Academia - Juiz de Fora-MG
- 4 - Centro de Ensino Superior - Juiz de Fora-MG
- 5 - Colégio Arnaldo - Belo Horizonte-MG
- 6 - Colégio Verbo Divino - Barra Mansa-RJ

A ação missionária no Brasil se estende por 21 paróquias nos estados e quatro capelanias. A presença maior é em Minas Gerais (cinco paróquias, quatro capelanias). Dentre as capelanias estão a do Colégio Arnaldo, a da Santa Casa de Misericórdia e Hospital São Lucas em Belo Horizonte.

Os verbitas atuam também no Brasil em duas casas de retiro (Borda do Campo – MG e Domingos Martins – ES) e no trabalho vocacional em Contagem e Juiz de Fora, ambos em Minas Gerais.

No próximo capítulo, descreve-se a história dos primeiros dez anos do Colégio Arnaldo, tendo como pano de fundo a vida na cidade de Belo Horizonte do início do século XX.

3 O COLÉGIO ARNALDO JANSEN

*Colégio Arnaldo, nunca esquecerão
O teu valor os filhos do Brasil.
Tuas sementes germinando irão
Ciência e fé no peito juvenil.
(Hino do Colégio Arnaldo)¹¹*

Neste capítulo é apresentado o Colégio Arnaldo Jansen¹². Uma escola de natureza missionária, católica, de origem germânica, localizada na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais. O período da descrição histórica está compreendido entre 1912 e 1922 – os primeiros dez anos de vida da escola.

Durante a narrativa é estabelecida a relação existente entre o colégio e a cidade. A vida da cidade será o pano de fundo em que se desenrola o ato principal que é a vida escolar. A trajetória da nova cidade está ligada à trajetória do novo colégio; estão imbricadas de modo que é difícil separá-las. De certa forma, cresceram juntos.

Inicia-se pelo nascimento da cidade. Em seguida, a chegada das Irmãs Servas do Espírito Santo, também verbitas, o relacionamento que estabelecem com o Dr. Hugo Werneck, figura significativa para essa história.

Prossegue-se com a construção do colégio e o cotidiano escolar entre 1915 e 1923.

Por ser uma questão singular e excepcional, retorna-se a 1917 para dar destaque a um fato significativo: a invasão e interrupção das atividades escolares, em razão da desconfiança estabelecida entre a cidade e o colégio.

3.1 A cidade e a construção do Colégio

Belo Horizonte é uma cidade nascida planejada (FIG. 4). Planejada para ser capital política e administrativa do estado, sucedendo a uma Vila Rica que já não tinha espaço para crescer – só mesmo se derrubassem as montanhas que a cercavam.

Belo Horizonte foi uma cidade criada por decreto, depois de longas discussões e debates sobre qual a melhor localização. Havia muitos interesses, inclusive daqueles que não desejavam a mudança da capital. Venceram os que queriam localizá-la nas terras da antiga

¹¹ Estribilho do hino composto em 1942 pelo professor José Lopes Coelho. CHAGAS, Carmo. **Colégio Arnaldo: 100 anos: patrimônio educacional e cultural de Belo Horizonte**. São Paulo: SMS Editora, 2014. p. 126.

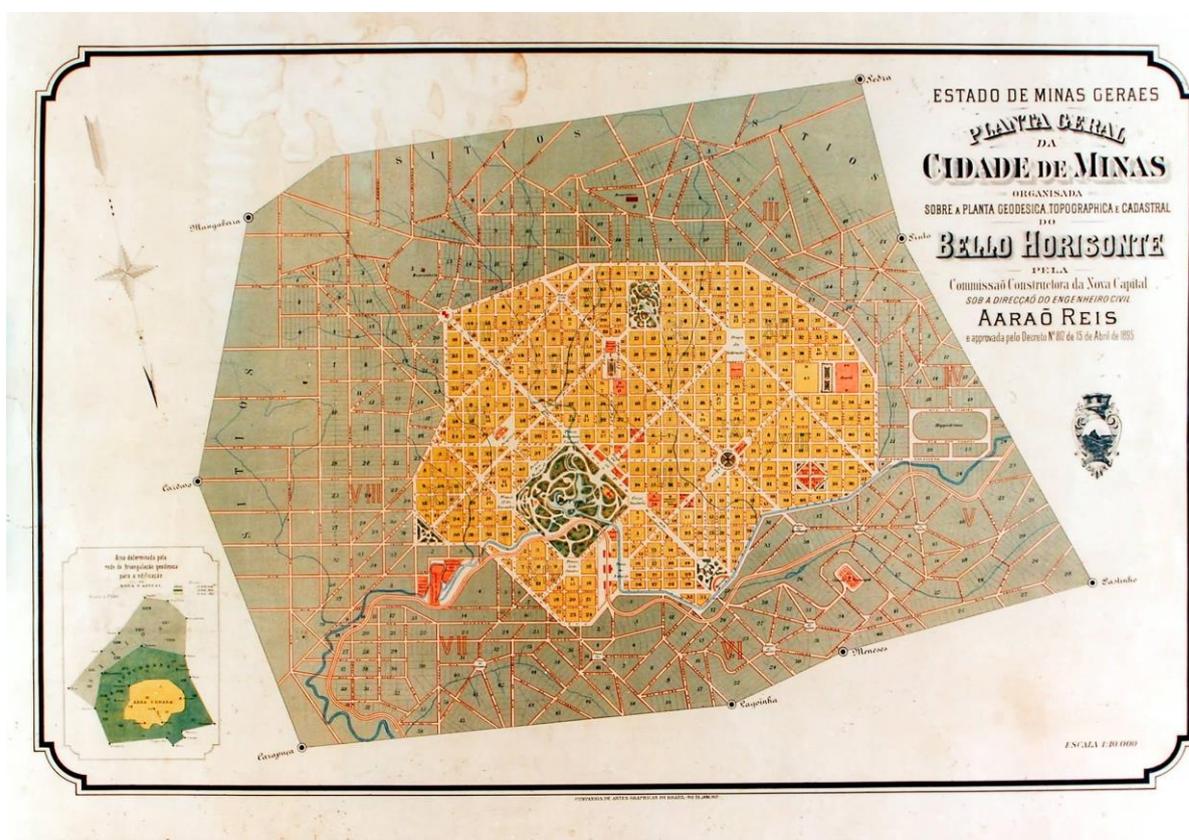
¹² Durante as pesquisas, encontramos grafias diferenciadas para o nome do fundador da Ordem Verbita: Arnold Janssen, Arnald Jansen, Arnaldo Jansen. Quanto ao colégio, fixou-se o nome de Colégio Arnaldo.

fazenda do Curral Del' Rei. Concorriam com ela Paraúna, Barbacena, Juiz de Fora e Várzea do Marçal.

A decisão foi apertada. A localização da nova capital em Belo Horizonte foi decidida por dois votos. Um destes, graças ao esforço do Sr. Antônio Carlos Ribeiro de Andrada.¹³

Com a aprovação, por dois votos, dessa emenda, estava escolhida Belo Horizonte para a nova capital de Minas! Desses dois votos vitoriosos, um foi o do Sr. Antônio Carlos que, segundo a tradição, estava enfermo, impossibilitado de andar e se transportou ao Congresso carregado em uma cadeira! (BARRETO, 1995, p. 426).

Figura 4 - Mapa de Belo Horizonte – Projeto Aarão Reis.



Fonte: ARQBH, 2016.

No mapa, observa-se as linhas geométricas da nova capital, com espaços públicos proporcionalmente grandes, cortada por largas avenidas, delimitada pelo seu contorno, como uma cidadela a separar seus habitantes. Um projeto arrojado e relevante para a evolução do estado.

No momento de criação da nova capital:

¹³ Da segunda geração dos Andradas e terceiro deste nome. Sobrinho-neto de José Bonifácio de Andrada e Silva, o Patriarca da Independência.

Debatia-se o país nas agitações dos primeiros anos da República, quando foi promulgada a lei estadual que determinou fosse a nova Capital localizada no Arraial de Belo Horizonte, antigo Curral del-Rei. Floriano Peixoto, depois de um período de drástica repressão ao que se disse haver sido um movimento de restauração da Monarquia, passara o governo a Prudente de Morais, em 1894. Nos princípios desse ano fora criada a Comissão Construtora da Nova Capital. (MOURÃO, 1970, p. 5).

A confirmar a relevância da nova capital, em 1899, o Presidente Manoel Ferraz de Campos Sales veio a Minas Gerais em visita oficial e foi recebido pelo Presidente Silviano Brandão.¹⁴

Essa visita do Chefe do Executivo Federal crescia de significação, porquanto fora feita poucos meses depois da posse do Dr. Campos Sales, posse que tivera lugar no dia 15 de novembro do ano anterior. Minas gozava então de incontestável prestígio no seio da federação, fato esse que a visita presidencial veio confirmar (MOURÃO, 1970, p. 31).

Em Giroletti (2015, p. 361) vê-se que “a cidade demandava profissionais de variadas especializações: mestres de carpintaria, marcenaria, cantaria, ferraria, metalurgia, e marmoraria”, assim como aqueles relacionados à “engenharia, arquitetura, construção civil, decoração e pintura”. Neste espaço necessitado é que chegam os imigrantes.

Especificamente em seu estudo sobre a imigração italiana, Giroletti fala sobre um dos primeiros imigrantes daquela nacionalidade a chegar para a construção da capital:

Um dos primeiros dos quais se tem registro foi Carlo Antonini, engenheiro italiano, construtor e empreiteiro. Ele havia prestado serviços relevantes ao País na construção da estrada de ferro Curitiba-Paranaguá de 1880, até sua finalização. Nos primeiros anos de 1890 Antonini atuava no Rio Grande do Sul como subempreiteiro da firma Drumond e Passos, na construção de um trecho da ferrovia que ligava Bagé a Uruguaiana. Em 1894, transfere-se para Belo Horizonte para atuar na construção da capital. Foi responsável, entre outros projetos, pela construção do Palácio Presidencial, o atual Palácio da Liberdade. [...] tornou-se empresário do ramo de construção civil e fundou a Cerâmica Horizontina que, por volta de 1913. Operava com 70 operários. (GIROLETTI, 2015, p. 362)

Mourão (1970, p. 5), cronista dos primeiros trinta anos da capital, utiliza o termo “Belle Époque” quando se refere ao momento de inauguração da nova capital: “[...] Ao ser inaugurada a então chamada Cidade de Minas, em 12 de dezembro de 1897, estaria quiçá

¹⁴ Entre 1891 e 1933 os dirigentes dos estados eram chamados “presidentes”. A partir desta data até 1947 foram “interventores”. De 1947 até os dias de hoje, são denominados “governadores”.

caracterizado entre nós o tempo a que os franceses batizaram com a denominação de ‘Belle Époque’”. E, de fato, o período em que o autor descreve a vida da nova cidade poderia ser descrita por este termo:

A Belle Époque se caracteriza pela expressão do grande entusiasmo advindo do triunfo da sociedade capitalista nas últimas décadas do século XIX e primeiras do século XX, momento em que se notabilizaram as conquistas materiais e tecnológicas, ampliaram-se as redes de comercialização e foram incorporadas à dinâmica da economia internacional vastas áreas do globo antes isoladas. Época marcada pela crença de que o progresso material possibilitaria equacionar tecnicamente todos os problemas da humanidade. Nesse contexto, as cidades assumiram redobrado valor como *locus* da atividade civilizatória, espaço privilegiado para usufruir o conforto material e contemplar as inovações introduzidas pela modernidade. Para isso as cidades precisavam renovar suas feições de modo a se mostrarem modernas, progressistas e civilizadas. As cidades modernizadas construíram então a maior expressão de progresso material e civilizatório de um período que se convencionou chamar de Belle Époque (FOLLIS, 2004, p. 15).

A cidade respirava modernidade, renovação para um Estado marcado pela tradição da exploração do ouro e por sua decadência. Era a oportunidade de que Minas precisava para se recompor, renovar-se e continuar ocupando o espaço que sempre teve no cenário nacional.

Interessa aqui o cenário da cidade por volta do ano de 1912, quando da fundação do Colégio Arnaldo. A história, contada oficialmente pela Prefeitura de Belo Horizonte, fala de uma cidade cuja ocupação não cumprira o que fora planejado (PBH, 2015):

Ao contrário do planejado e desejado, antes da área interna à Av. do Contorno e da própria avenida estarem inteiramente implantadas e ocupadas, alguns bairros como Lagoinha, Floresta, Santa Tereza, entre outros, foram criados e ali se instalaram, principalmente, os operários que construíram a cidade. A população em 1912 era de aproximadamente 40.000 habitantes e 70% dela residia nas Zona Suburbana e Colônias Agrícolas, fora da área planejada pela Comissão Construtora como Zona Urbana. O principal acesso à cidade era pela ferrovia, o bonde era o transporte popular, e as ligações viárias - ruas Niquelina, Itapecerica e Platina - eram estreitas e tortuosas, contrastando com as largas avenidas da área central.

A população era formada por funcionários públicos, políticos, operários e imigrantes atraídos pelas colônias agrícolas construídas ao redor da capital, desde a data de sua fundação. Eram, na maioria, italianos e espanhóis. Mas havia os portugueses, turcos, alemães, africanos, ingleses, belgas, franceses, americanos.

O resultado conhecido do 2º. Recenseamento municipal de Belo Horizonte, em 31 de dez. de 1911 demonstra que

A capital tem 72 ruas, 20 avenidas, 9 praças, 7 colônias e 8 bairros. Tem 4.731 prédios, sendo 4.422 térreos, 221 assobrados e 88 de sobrados. Estão em construção 147 prédios. Tem 1.807 barracões. São de alugueis 2.101 habitações, que rendem anualmente 1.701:259\$000, ou seja, uma média de 811\$165 por habitação, por anno. Tem 220 casas de seccos e molhados e 12 tipographias. Em 1906, a população era de 17.615 habitantes, em 1911, é de 39.884, dos quais 38.347 são catholicos, 55 atheos, 1 materialista, 91 espiritas, 386 protestantes e 10 livres pensadores. A cidade tem 76 advogados, 37 médicos, 1.444 agricultores, 781 cozinheiros, 179 alfaiates, 817 funcionarios públicos, 20 padres, 19 doceiras, 40 chauffeurs, 159 costureiras, 150 pintores, 9 parteiras, 131 sapateiros. Há 2.963 italianos, 334 hespanhóes, 325 portugueses, 208 turcos, 118 allemães, africanos, ingleses, belgas, francezes, americanos, etc. (SENNA, 1913 p. 154)¹⁵

Nos dados apresentados, observa-se o crescimento populacional significativo: entre 1906 e 1911, dobra-se o número de habitantes. A maioria das profissões citadas estão na área da agricultura e de pequenos serviços. Não se fala em operários das indústrias que nesta época existiam. No mesmo Senna (1913, p. 156), encontra-se escrito que:

A Cia. Industrial Bello Horizonte, estampou, em 1910, dous milhões e duzentos mil metros de fazendas, sendo 727 mil produzidos pela Cia. que contava até então 100 teares, 8 cardas, 2 pavieiros e 4 filatorios, devendo a Cia. assentar em breve mais 100 teares novos já comprados. [...]

Em 1907, [...] existiam na cid. 20 fábricas para exploração de diversas industrias, como sejam: confecção de punhos e colarinhos, bebidas finas, massas alimentícias, tintas, moveis fundições, serrarias, tecidos de malha, cigarros e charutos, cerveja, arreios, carruagens e bondes, vehiculos, chitas, morins e outras.

Esses números fazem supor o crescimento havido entre 1907 e 1912, uma vez que a população havia dobrado no período.

São muitos os fatos a demonstrarem como a cidade era dinâmica e repleta de eventos no ano da chegada do Colégio Arnaldo à cidade. Esses eventos demonstram de certa forma, a sua modernidade. Em Mourão (1970, p. 163-182), estão relatados os principais fatos de 1912 na capital:

16 de janeiro. Inaugurado o novo Fórum. “O presidente Bueno Brandão chegou ao novo e suntuoso edifício, construído em estilo clássico, às 7 horas da noite, acompanhado dos Secretários, Drs. Delfim Moreira e Artur Bernardes. Segundo a

¹⁵ O Anuário de Minas foi uma publicação fundada pelo advogado, historiador e político Nelson Coelho de Senna. Nele estava contida a “Chronologia Mineira Governo Civil e Eclesiástico Notas e Informações”. Nesse caso dos “Institutos de ensino Secundário e Superior”. Além dessas informações o Anuário continha a “Chronographia do Estado, Historia, Estatistica, Variedades”. Publicado entre 1906-1918 teve seis edições.

tradição, o edifício do Fórum foi construído pelo engenheiro José Dantas¹⁶. A decoração esteve a cargo do conhecido artista Frederico Steckel¹⁷.

22 de março. A Empresa Sampaio Corrêa e Cia. arrendou os serviços de luz e bondes, celebrando contrato com o Estado e a Prefeitura.

08 de abril. A Escola Livre de Engenharia (fundada em maio de 1911) instala-se em novo prédio. “Até nos dias de hoje – 1970 -, aí funciona uma dependência da referida Escola, que passou a integrar a Universidade de Minas Gerais.

18 de abril. Inaugurada a Usina de Gás Pobre de Belo Horizontes – dois motores de 650 H.P. movendo alternadores trifásicos de 2.200 volts.

21 de abril. No *Prado Mineiro*, promovido pelo *Yale Clube* “a população de Belo Horizonte teve oportunidade de assistir, com emoção e entusiasmo, às demonstrações de voo do então conhecido aviador Darioli, em seu monoplane “Bleriot”. [...] O monoplane “Bleriot” subiu até 300 metros de altura, tomando a direção da Fazenda da Gameleira, depois do que fez uma curva, voltando para a pista do “Prado Mineiro”, onde pousou suavemente. Mais de 5 mil pessoas compareceram ao evento.

21 de abril. Inaugurados o Desinfetório e o Laboratório de Análises do Estado. Os participantes do Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia que se fazia na Capital visitaram esses estabelecimentos, bem como o Hospital do Isolamento.

1 de maio. Dia do Trabalho. “Os festejos comemorativos começaram pela madrugada, com o toque de alvorada pelas Bandas “Euterpe Horizontina” e “Carlos Gomes”. Foi dada também uma salva de 21 tiros. Bondes especiais percorreram várias ruas da cidade, levando pessoas, em manifestação de júbilo”.

5 de maio. “Greve operária de grandes proporções”. “O Comandante Vieira Cristo foi vaiado por um grupo de exaltados, tendo sido atingido por uma pedra. [...] Em 8 de maio os estudantes de engenharia deliberaram se tornarem mediadores entre patrões e operários, o que estes agradeceram”. A greve devia-se à elevada carga de trabalho.

7 setembro. Solenidade no Parque Municipal em comemoração ao dia da Independência.

13 de setembro. Visita do conhecido Professor George Dumas¹⁸. No dia 15, no Teatro Municipal o professor proferiu a palestra “Psicologia do Riso”. O professor visitou a Faculdade de Direito, sendo recebido pelos Diretores Mendes Pimentel (Direito) e Cicero Ferreira (Medicina) e saudado em nome dos estudantes pelo Sr. Francisco Luiz Campos¹⁹.

28 de setembro. Instala-se o II Congresso Brasileiro de Instrução Primária e Secundária, no edifício da Câmara dos Deputados. Estiveram presentes à solenidade de abertura o Presidente Bueno Brandão, os Secretários Drs. Delfim Moreira, Artur Bernardes, José Gonçalves e o Prefeito Dr. Olinto Meireles. Comissões: Ensino primário, Dr. Estevam Pinto e os professores Antônio Afonso de Moraes e Joaquim Inácio de Sousa; secundário, os Drs. Artur Thiré, Campos do Amaral e Nelson de Sena; Ensino Profissional, os Professores Boaventura Costa, Corrêa Castro e Dr. Nelson Batista.

Na educação, assim que a cidade foi implantada surgiram dois colégios: o Dom Viçoso e o Cassão. Entre 1897 e 1911, vários outros foram implantados, mas todos eles no regime de externato.

¹⁶ Engenheiro, responsável técnico pelas obras da nova capital.

¹⁷ De origem alemã, radicado no Rio de Janeiro, Steckel foi contratado pela Comissão Construtora da Capital para cuidar da decoração dos edifícios oficiais. Transferiu-se definitivamente para a nova capital, transformando-se também em seu documentarista artístico, através da pintura.

¹⁸ George Dumas, psicólogo francês (1866-1946): Dentre seus alunos, Claude Lévy-Strauss, Jacques Lacan, Daniel Lagache, Paul Nizan, Raymond Aron, Jean-Paul Sartre.

¹⁹ Futuro secretário da Educação de Minas Gerais e primeiro ministro da Educação no governo de Getúlio Vargas.

O primeiro colégio de natureza católica fundado na cidade foi o Colégio Santa Maria²⁰, em julho de 1903:

Para atender a demanda da sociedade belorizontina, a solução encontrada por um dos fundadores da capital, o Conselheiro Afonso Pena, com o apoio do então ministro das Relações Exteriores da República, Barão do Rio Branco, foi a criação de um colégio nos moldes da conceituada educação francesa, o Santa Maria. A intermediação do Barão do Rio Branco, Ministro das Relações Exteriores, resultou na vinda das Irmãs Dominicanas, de Sévres, na França (COLÉGIO SANTA MARIA, 2016)

Logo após a fundação do Colégio Santa Maria, é inaugurado o Colégio Isabela Hendrix, Metodista, em 1904.

O Colégio Metodista Izabela Hendrix é uma instituição de ensino fundada em 5 de outubro de 1904 por Miss Marta Watts, missionária da Igreja Metodista do Sul dos Estados Unidos. Ela teve a missão de criar uma escola para mulheres brasileiras, com recursos das mulheres americanas. O trabalho foi pioneiro em Minas Gerais, pois atuou na afirmação do direito das mulheres à plena capacitação para intervenção na vida social (COLÉGIO IZABELA HENDRIX, 2015).

A presença metodista em Juiz de Fora e em Belo Horizonte, assim como a presença dos verbitas não é ocasional. É sabido que em Juiz de Fora houve propositadamente o convite para que uma ordem católica assumisse a Academia do Comércio, motivada pela presença metodista. Em Belo Horizonte, houve a inversão da ordem.

Em 1909, as Irmãs Servas do Espírito Santo chegam a Belo Horizonte para executarem trabalhos na Santa Casa de Misericórdia de Belo Horizonte, prestando serviços de assistência a enfermos, assim como haviam feito em Juiz de Fora. Pouco tempo depois, em 1911, inauguram o Colégio Sagrado Coração de Jesus (FIG. 5).

²⁰ No Apêndice B é possível conhecer a evolução da implantação de colégios religiosos católicos em Belo Horizonte, desde a inauguração da cidade.

Figura 5 - Colégio Sagrado Coração de Jesus - Belo Horizonte - 1920



Fonte: CURRAL DEL REY.

Faltava naquela época na capital um colégio que atendesse a alunos do gênero masculino, na modalidade internato.

Minas Gerais possuía duas escolas de referência na formação de suas lideranças e que tinha o regime de internato. A primeira, o Colégio do Caraça, fundado em 1820, encravado na serra de mesmo nome, no município de Catas Altas. E o segundo, o Ginásio Mineiro, fundado em Vila Rica (Ouro Preto), em 1854. Este possuía o externato em Ouro Preto e o internato em Barbacena.

Essas duas escolas, por estarem localizadas próximas ao centro do poder econômico e político do estado, constituíam-se em escolha natural para o estudo dos filhos de famílias abastadas. Complementavam-se: o externato no colégio Mineiro, o internato, no Caraça.

A mudança da capital para Belo Horizonte, em 1897, alterou essa relação. O Ginásio Mineiro veio para a nova capital. O Caraça, devido a sua localização, distancia-se do centro de poder e começa a perder seus alunos para os colégios da capital.

Andrade (2000, p. 182-183) apresenta o número de matrículas do colégio Caraça. É possível perceber a queda nesse número a partir do início do século e mais acentuadamente a partir de 1902. Em 1900 foram 208 matrículas e em 1911 esse número foi de 69.

Ainda sobre o Caraça, entre 1856-1910, a maioria de seus alunos procedia de cidades mineiras, (1088 alunos), Itabira e Ouro Preto à frente. É significativa a presença de alunos de outros estados (443 alunos), com Rio de Janeiro (213 alunos) e São Paulo (174 alunos) liderando o ranking (ANDRADE, 2000, p. 183-184).

A partir de 1912, o colégio Caraça passaria a funcionar somente com a escola apostólica²¹, e o Ginásio Mineiro, também em 1912, encerraria suas atividades na modalidade internato.²²

Essas alterações criaram a oportunidade de instalação de um internato na capital e aumentaram a possibilidade de crescimento para o Colégio Arnaldo e, de certa forma, foram o motivo de sua vinda para Belo Horizonte. Estaria, assim, ocupando o espaço deixado pelo Caraça. Outros fatores contribuíram significativamente: o sólido estabelecimento das Servas do Espírito Santo, na Santa Casa de Misericórdia e a experiência na administração da Academia de Commercio, em Juiz de Fora.

Não é possível afirmar, mas tudo indica que a presença em Belo Horizonte tinha também como objetivo fazer frente a entrada de colégios não católicos na educação masculina. Em 1904, instalara-se na cidade o colégio metodista Izabela Hendrix e em 1918 é inaugurado o Colégio Batista.

Ao chegarem a Belo Horizonte, os missionários verbitas não tinham ideia sobre o local onde poderiam instalar o colégio. Alugaram então um primeiro imóvel, situado na rua Timbiras, 1505 (FIG. 6).

Era um daqueles casarões típicos da Belo Horizonte da época, com porão, três grandes janelas, quatro portas de arco de desenho vagamente colonial e a varanda a que se chegava, lembram os cronistas de Congregação, por uma escada bastante imponente (CANÇADO, 1999, p. 27). Em fevereiro de 1912, quando iniciou o período letivo, o Colégio tinha 30 alunos matriculados em regime de externato. Na coordenação, três membros da Congregação: Irmão Ehret, Padre Mathias Willems e Padre Piquet. Os dois últimos, personalidades duradouras na história do Colégio.

²¹ Infelizmente, em 1968, um grande incêndio pôs fim à história educadora do Caraça. Atualmente é centro turístico onde funcionam duas hospedarias e o Museu do Caraça (com peças raras resgatadas do incêndio), dentro do Parque Nacional do Caraça. Continua sendo gerido pela Província Brasileira da Congregação da Missão (PBCM).

²² Em 1943, transformou-se no Colégio Estadual de Minas Gerais; em 1956, sua sede passa a ser a atual, projetada por Oscar Niemayer. Sua denominação, desde 1978, é Escola Estadual Governador Milton Campos, mas é conhecido pela população como Colégio Estadual Central.

Segundo Cançado (1999, p. 28),

O Irmão Ehret e os dois padres, por causa da exiguidade da casa e do jeito um pouco de “acampamento” que tinham aqueles primeiros dias, tiveram que recorrer, para se alimentar, a um expediente tradicional na cidade: a “marmita”, que vinha de uma pensão próxima.

A eletricidade era obtida graças a uma ligação entre a casa e a rua, feita por um outro vizinho, o electricista Domingos Meira²³ (CANÇADO, 1999).

Figura 6 - Primeira sede do Colégio Arnaldo



Fonte: ACERVO HISTÓRICO DO COLÉGIO ARNALDO, s.d.

Nesse início, como em outros momentos, os missionários (Igreja) contaram com o apoio do Poder Público (Estado), para o exercício de suas atividades. As carteiras utilizadas pelo Colégio, em número de 100, foram fruto de negociação entre os padres, o Secretário do Interior, Delphim Moreira²⁴, o ministro do Interior, Antônio Carlos.

²³ Eletricista responsável pela instalação elétrica pública e de indústrias na capital e no interior, por exemplo, na cidade de Pará de Minas (Jornal Cidade do Pará, 1908).

²⁴ Presidente do Brasil entre 15 de novembro de 1918 e 28 de julho de 1919.

Ao pedido de cessão de carteiras para o funcionamento do Colégio, Delphim Moreira negou. Os padres foram então até ao Ministro do Interior, Antônio Carlos Ribeiro de Andrada²⁵, ex-professor na Academia de Comércio, para que emprestasse as carteiras.

Cançado (1999, p. 28) narra a história da negociação entre padre Mathias e Antônio Carlos:

Antônio Carlos propôs, a princípio, que eles comprassem as carteiras a preços facilitadíssimos. Os padres não aceitavam a solução da compra. Insistiram no empréstimo. O ministro não teve como fugir. O jeito era emprestar. Mas quis deixar registrado: “se eu lhes emprestar as cadeiras, elas continuam sendo minhas, não é?” O Padre Mathias respondeu que: “claro, as cadeiras eram do ministro e assim continuariam sendo”. Antônio Carlos não queria deixar dúvidas: “e se um dia eu precisar das cadeiras, o que é que os senhores vão fazer?”, perguntou. A resposta dos membros do Verbo Divino foi perfeita: “Aí nós voltaríamos e pediríamos para renovar o empréstimo por mais uns tempos”. A gargalhada do velho Andrada veio junto com seu consentimento: 100 carteiras escolares para o colégio dos verbitas.

O episódio ganha maior destaque ao sabermos que esse diálogo foi mantido com uma das figuras políticas mais representativas da história política mineira, e também pelo fato de Antônio Carlos ser filho daquele que garantira a transferência da capital para Belo Horizonte.

Mesmo que precariamente, a inauguração do Colégio foi notícia em *O Paiz* (20-04-1912, p. 7)²⁶. Na nota “Ensino religioso”, é destacada a competência do seu diretor, Padre Alfredo Piquet: “É director do Collegio Arnaldo o competente professor padre Alfredo Piquet e faz parte do corpo docente o padre Mathias Eilms, bastante conhecido naquela cidade”.

Em maio de 1912, logo após a inauguração do colégio, um fato trágico comove a cidade: a chacina de guardas civis por soldados da 9ª. Companhia, resultante de “rixas advindas de competições ou de incompreensível rivalidade” (MOURÃO, 1970, p. 171). No episódio, a presença de Padre Frederico Hollenbrock, do Colégio Arnaldo:

Pelas 10 da noite a cidade voltou à calma. O Padre Frederico Hollenbrock, do Colégio Arnaldo, dispensou os cuidados espirituais aos guardas feridos, que foram recolhidos à Santa Casa. Padre Nicolau deu a absolvição ao guarda ferido em frente ao teatro e que fora levado à Farmácia Nunam (MOURÃO, 1970, p. 171).

²⁵ Prefeito de Belo Horizonte, presidente da Câmara dos Deputados do Brasil, senador da República, presidente da Assembleia Nacional Constituinte de 1932-1933, ministro de estado e presidente do estado de Minas Gerais. Formou com Getúlio Vargas a aliança que viabilizou a vitória da Revolução de 1930. Graças a essa aliança, Minas Gerais teve papel significativo no Governo de Getúlio Vargas.

²⁶ Nesse mesmo número de *O Paiz*, dava-se ampla cobertura ao resgate de naufragos do navio Titanic.: “A agência da White Star Line comunica [...] que os sobreviventes [...] atingem um total de 705 pessoas [...]. Segundo a mesma comunicação, o número de mortos é de 1.635”. (*O PAIZ*, 20-04-1912, p. 2).

Padre Hollembrock foi Provincial dos Padres do Verbo Divino e havia vindo de Juiz de Fora para Belo Horizonte para iniciar a implantação do Colégio Arnaldo.

Assim, entre inaugurações, eventos e convulsões sociais, a cidade se desenvolvia e o Colégio Arnaldo iniciava as suas atividades.

Em Senna (1913, p. 122), é possível verificar a presença do “Collegio Arnaldo” listada entre as escolas do Estado.

37. Collegio Arnaldo

(SEDE-Belo Horizonte-Rua Tymbiras, N. 1505)

Dirigido pelos Padres da Congregação do Verbo Divino.

Director-Padre Alfredo Piquet.

Ministra instrução primaria e secundaria a alumnos do sexo masculino.

Principio do anno lectivo e entrada dos internos, em 1º. de março.

O Anuario de Minas (SENNÁ, 1913, p. 87-129) informa que Belo Horizonte possuía, no final de 1912, quatro instituições de ensino superior (Faculdade de Direito de Minas Gerais, Escola Livre de Odontologia, Escola de Engenharia de Belo Horizonte, Faculdade Livre de Medicina de Belo Horizonte) e 15 colégios que ofereciam cursos secundários, conforme a lista seguinte:

- Collegio Arnaldo.
- Collegio Azeredo.
- Collegio Bello Horizonte.
- Collegio Benjamim Dias.
- Collegio Cassão. (1º. da capital – 1897)
- Collegio Dom Viçoso.
- Collegio Isabella Hendrix.
- Collegio Santa Maria.
- Collegio São Clemente.
- Collegio São José.
- Escola de Commercio.
- Escola Normal Modelo.
- Gymnasio Mineiro – Estabelecimento Oficial do Estado.
- Instituto Fundamental de Instrução Secundária (preparatório para admissão em faculdade superior).

De 1912 a 1914, a casa da Rua dos Timbiras, 1505 havia sido suficiente para atender a seus alunos. No entanto, a partir de 1914, já necessitando de um espaço maior, os padres

tiveram de alugar uma nova casa também localizada na Rua Timbiras, na esquina com Av. Paraibuna (atual Bernardo Monteiro) (FIG. 7).

Figura 7 - Segunda sede do Colégio Arnaldo

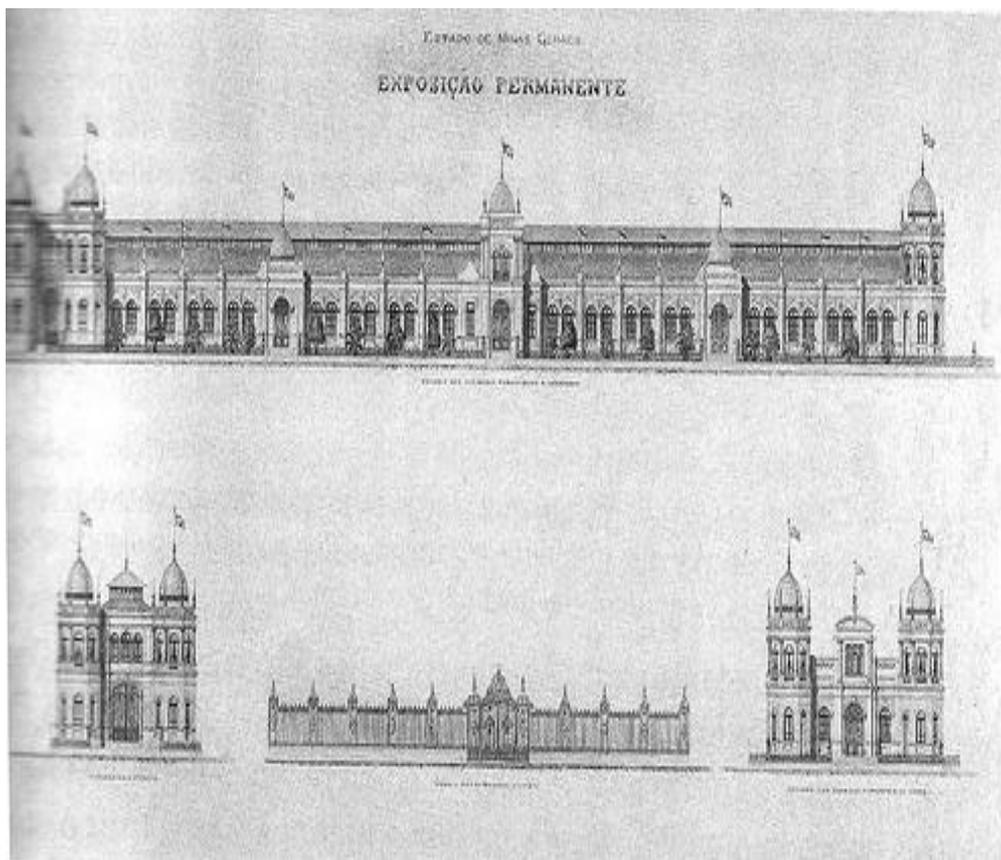


Fonte: ACERVO HISTÓRICO COLÉGIO ARNALDO, s.d.

A procura pelo Colégio e a demanda pelo internato – desejada pelos pais desde a fundação – impulsionou os verbitas a procurarem formas de viabilizarem a construção de um novo espaço. Havia a necessidade de uma área muito maior do que das casas até então alugadas. Era o momento de pensar em algo definitivo, a ser construído com a ajuda de recursos vindos da Alemanha. “Ao mesmo tempo em que viabilizavam o curso ginásial do Arnaldo, os padres Piquet e Mathias tomavam providências para garantir uma sede própria para o colégio, conversando com autoridades municipais e estaduais” (CHAGAS, 2014, p. 27).

Da relação com as autoridades públicas surgiu a sugestão de utilizarem as obras abandonadas de um projeto de Bernardo Monteiro, ex-prefeito de Belo Horizonte: o Palácio da Exposição Permanente (FIG. 8). No entanto não seria muito fácil essa liberação, uma vez que Bernardo Monteiro, agora membro do Senado Estadual, não abandonara a ideia de dar à cidade esse espaço de natureza industrial e comercial.

Figura 8 - Projeto para o Palácio da Exposição Permanente - 1900



Fonte: MUSEU HISTÓRICO ABÍLIO BARRETO

A ligação entre a congregação Verbita e o médico-chefe da Santa Casa de Misericórdia, Hugo Werneck, foi o início da negociação. Werneck e o padre Piquet procuraram o prefeito Olynto Meirelles para exporem a intenção. Olynto aprovou a ideia. “O prefeito declarou que a fundação da nossa escola era simpática e que daria todo o apoio. Quanto ao terreno não podia prometer nada, pois isso dependia do senador Bernardo Monteiro”, narra o Padre Mathias (CHAGAS, 2014, p. 27).

A primeira intenção era fugir de Bernardo Monteiro com a argumentação de que o terreno pertencia à Prefeitura. Então seria Olynto Meirelles a tratar com o Senador. Mas não era essa a intenção do Prefeito.

Dias depois, foi marcada uma conversa com Bernardo Monteiro. Nessa conversa, “[...] os padres embutiram a ideia de manter no futuro colégio um museu escolar, como o que já haviam montado na academia em Juiz de Fora. Era uma criação em sintonia com o Palácio da Exposição Permanente” (CHAGAS, 2014, p. 27).

A argumentação surtiu efeito. Na própria narrativa do padre Mathias:

O senador recebeu-nos na sala de visitas. Contemplou demoradamente as fotografias do museu da Academia de Juiz de Fora e falou: “Eu sempre acalentei a ideia de entregar a Exposição Permanente a uma instituição privada capaz de levar o sonho adiante”. Prometeu apoiar com o prefeito a ideia (CHAGAS, 2014, p. 27).

Assim, construída a parceria política entre os verbitas (Igreja), o prefeito e o senador (Estado), foi possível iniciar a montagem do projeto de construção do colégio, não sem resistências em relação ao privilégio concedido. Na edição de O Paiz, (07.02.1913, p. 7) pode-se ler em “O Paiz em Minas”:

Acto absurdo – É público que a prefeitura desta capital entregou a uma congregação religiosa o quarteirão de terrenos e os alicerces da projectada exposição permanente, obra máxima, com que o senador Bernardo Monteiro, quando prefeito de Bello Horizonte, auxiliado pelo saudoso conselheiro Matta Machado e outros, quis dotar a “urbs” e o Estado.

A concessão, segundo se diz, pois ainda não quiseram publicar no órgão oficial tal absurdo, que fatalmente provocará enérgicos protestos dos interessados; a concessão é estabelecida nas seguintes bases: a congregação do Verbo Divino, construirá nos alicerces existentes um grande edifício, com capacidade suficiente para um mostruário permanente de produtos mineiros, no pavimento inferior, ficando o pavimento superior para um collegio daquela congregação. O mostruário será publico.

Onde está o absurdo da transação? Simplesmente no seguinte: a exposição permanente é propriedade não só da Prefeitura, mas também das camaras municipaes do Estado que se cotizaram para a construção da mesma [...].

Como poderá a Prefeitura abrir mão, agora, desse patrimônio público de todo o Estado, para entrega-lo á particulares, que os não vão receber sem fito de lucros, á custa da collectividafé?

Depois, como manter uma exposição de recursos e provas do quanto é capaz o trabalho, em Minas, sob um collegio de padres, naturalmente, disciplinado e exclusivista?

É necessário, nessas circumstancias, que o publico viva a clamar que os serviços públicos não podem ser entregues, arrendados, sublocados, a particulares, e, muito menos, a particulares exclusivistas, sectários e políticos, que vivem a trabalhar na sombra a ruina das instituições... P. C.

Na edição 10.367 do mesmo O Paiz, comentando a proposta do Srs. Arthur Haas, cônsul da Rússia e comerciante de construir um grande hotel nos alicerces do futuro palácio do Congresso do Estado, menciona mais uma vez o acordo entre o Estado e a Igreja: “[...] não julgaremos que se tenham lembrado de fazer como fizeram os padres do Verdo Divino, para se assenhorem dos alicerces da Exposição Permanente – construir um edifício que servirá em parte ao antigo plano, ficando outra parte para sua industria”. (O PAIZ, 24.02.1913, p. 5). Ainda em março (O PAIZ, 30.03.1913, p. 4) pode-se ler: “Oppomo-nos intransigentemente à desistência de cabar-se o monumental plano, que obteve a consagração dos aplausos entusiasticos de nossos patrícios”.

A despeito desta oposição, os verbitas continuaram o trabalho de aproveitamento da estrutura disponibilizada através do acordo. Sobre o desafio de construir o Colégio, escreveria

padre Vienken em seu diário: “Estou aqui assentado diante de uma larga mesa, matutando como, sobre fundamentos de um pavilhão de amostras, construir um ginásio” (CANÇADO, 1999, p. 32).

Ele era o “padre arquiteto” dos Verbitas no Brasil e tinha sido chamado em Juiz de Fora pelo superior regional da Congregação, o Padre Hellembrock, para elaborar as plantas do futuro colégio a ser levantado “dos sólidos e maciços alicerces” ali plantados e depois deixados livres (CANÇADO, 1999, p. 32).

Esta foi a grande intervenção material do Colégio na vida da cidade: durante seus 114 anos, o prédio do colégio foi referência geográfica, artística, arquitetônica e turística na cidade. É ponto de encontro. Ao seu lado, embaixo das mangueiras da Avenida Carandaí, na Praça João Pessoa, realiza-se todas as sextas-feiras uma feira de flores; no final de ano, época das comemorações natalinas, o colégio se enfeita de luzes e é ponto de visita obrigatório de famílias durante quase a noite toda. (FIG. 9)

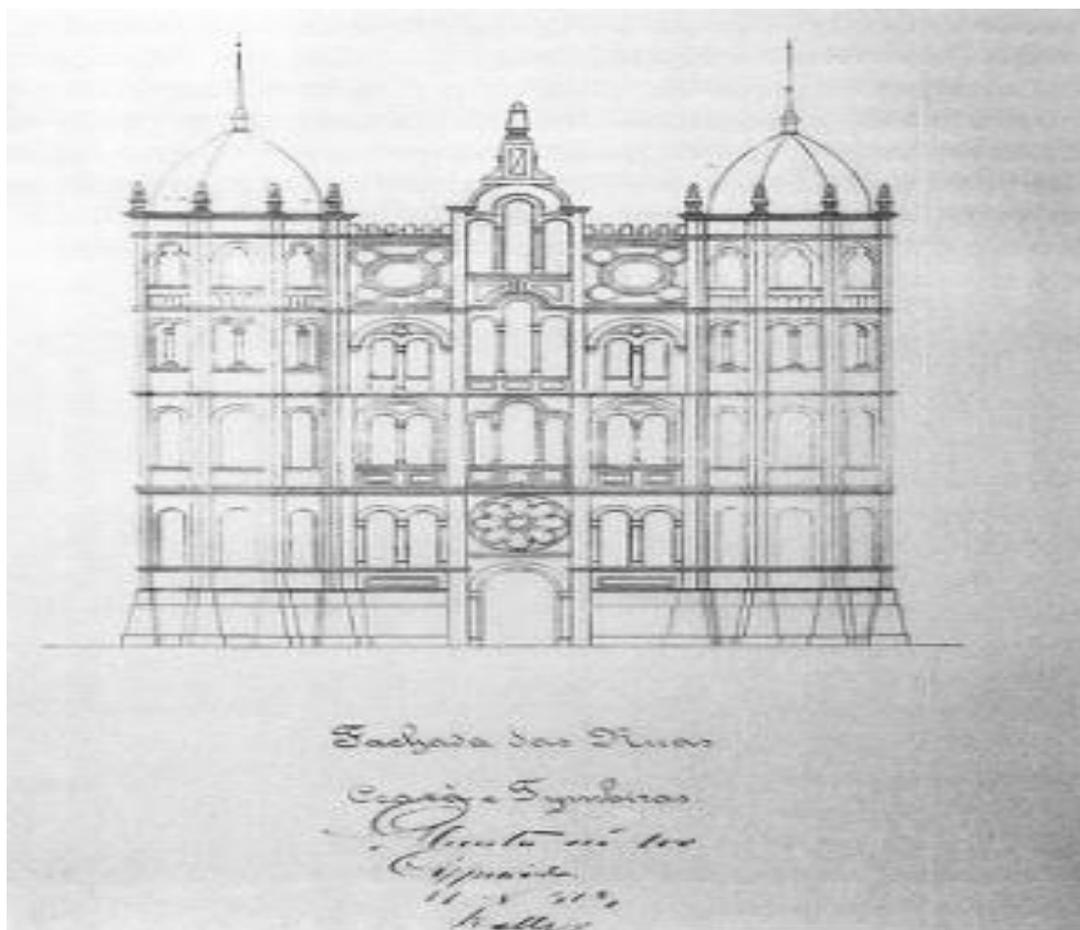
Figura 9 – Fachada do Colégio Arnaldo - 2016



Fonte: o autor (2016)

De certa forma, a cidade confiou aos verbitas o seu projeto mais significativo e moderno naquele momento. E para eles, sem dúvida, foi uma “benção divina” receber tal espaço para construir sua importante obra (FIG. 10).

Figura 10 - Projeto da fachada do Colégio - 1913



Fonte: ACERVO HISTÓRICO DO COLÉGIO ARNALDO.

Chama-se a atenção para o fato de que Belo Horizonte, mesmo que tivesse predominantemente a presença do estilo artístico italiano, apresentava outros. O paisagismo da Praça da Liberdade, por exemplo, era no estilo inglês, projetado por Paul Villon²⁷, um dos principais *jardineiros* do Brasil, com projetos na capital federal (FIG. 11).

Um dos principais jardineiros paisagistas a atuar no Brasil entre a década de 1870 e 1905. [...] destacou-se na construção da nova Capital de Minas Gerais, Belo Horizonte, a partir de 1894-95. Ali projetou o Parque Municipal, a Praça da

²⁷ Uma reforma realizada em 1920, para a vinda dos reis belgas a Belo Horizonte, substituiu o seu traçado original pelo estilo *Versailles*, de inspiração francesa, introduzindo o geometrismo no desenho dos jardins. Esse projeto do arquiteto paisagista Reinaldo Dieberger manteve o coreto e a alameda central com suas palmeiras abolindo, porém, os arremedos da natureza nos canteiros da praça, estilo que permaneceu nos jardins dos fundos do Palácio da Liberdade.

Liberdade e os jardins do Palácio da Liberdade, que eram gigantescos e hoje estão reduzidos à sua ínfima parte (JARDINS HISTÓRICOS, 2016)

Figura 11 - Praça da Liberdade (1904)



Fonte: JARDINS HISTÓRICOS.

O palácio da Justiça foi projetado por Raphael Rebecchi²⁸, engenheiro arquiteto formado pela Universidade de Roma. Construído pelo coronel Júlio Pinto, sob a supervisão, como era de praxe, do engenheiro José Dantas. No dia 16 de janeiro de 1912, o edifício foi inaugurado na avenida Afonso Pena, 1420 (FIG. 12).

O edifício do Palácio da Justiça insere-se, do ponto de vista estilístico, no ecletismo, mesma corrente que orientou os projetos dos demais edifícios públicos de Belo Horizonte, em que elementos e ornamentação classicistas e neobarrocos de origem francesa e italiana se mesclam. Essa combinação de formas e elementos arquitetônicos de origem e épocas variadas produziu criações fantasiosas predominantes na produção artística em grande parte do mundo dominado pela influência da cultura europeia de então (INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE MINAS GERAIS, 2016).

²⁸ Vencedor, em 1904, de concurso internacional no programa de modernização e saneamento da capital federal. Participou de concurso (137 projetos inscritos) para a construção do palácio da Justiça. Na comissão, o engenheiro Aarão Reis, projetista de Belo Horizonte.

Figura 12 - Palácio da Justiça, Belo Horizonte (1911)



Fonte: ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO.

Durante o início das obras, o Colégio continuava funcionando na rua Timbiras. Havia necessidade urgente de avançar com as obras, já que os padres teriam de arcar com duas despesas, a das obras e a do aluguel da antiga casa.

A construção foi feita em etapas distintas, à medida que se ampliavam as atividades do Colégio e havia recursos disponíveis, provenientes da sede da Congregação. Destaca-se neste momento a adaptação ao projeto da Feira Permanente. Os alicerces eram sólidos e maciços, suficientes para suportar um edifício de três andares. As dificuldades foram sendo superadas: a prefeitura aprovou o projeto; a energia elétrica para a carpintaria foi providenciada. Eram 70 operários trabalhando. Padre Hollenbrock “determinou que a ampla e majestosa torre interna fosse adaptada para servir de lavatório e de sanitário e que os chuveiros ficassem no último andar da torre. Que as janelas também, exigiu, fossem menores” (CANÇADO, 1999, p. 35).

Na edição 10726 do jornal O Paiz, é possível saber que os padres haviam realizado um contrato de aquisição de madeiras para a construção do Colégio e que essas eram “todas das melhores qualidades, entre as nacionais, tiradas em épocas próprias”.

Contrato de fornecimento de madeiras – Ficou assignado sábbado um importante contrato de fornecimento de madeiras de lei entre a Companhia Serraria Mineira, representada pelos seus directores coronel Manoel Gonçalves de Souza Moreira e Dr. Carlos Beaumord, e o Padre Alfredo Piquet, director do Collegio Arnaldo nesta capital. As madeiras contratadas são todas das melhores qualidades, entre as nacionaes, tiradas em épocas próprias. Estas madeiras são destinadas à construcção do importante prédio que vão edificar os padres do Verbo Divino no antigo local da exposição permanente, para o Collegio Arnaldo (O PAIZ, 18.02.1914, p. 6).

Era hora de apressar o habite-se. Faltava a ligação com a rede de esgoto municipal. “O novo diretor de obras da Prefeitura, Dr. Afonso Vaz de Mello, parente do então prefeito, colocou mil objeções. Alegando que a casa não estava pronta” (CANÇADO, 1999, p. 35).

Mais uma vez, funciona a habilidade de relacionamento e a rede de amigos dos verbitas. E novamente é Hugo Werneck quem intercede.

Dr. Hugo Werneck foi procurado. “Ele se admirou da intransigência do diretor de obras. Em tempos de guerra ninguém tinha recursos para gastar em acabamento”. Mas que deixasse com ele. Pediu uma audiência ao Prefeito. “O Prefeito atendeu. O Dr. Hugo pediu para ficar a sós com ele. É que o Prefeito está em mangas de camisa”, narra Padre César. No dia seguinte, o Dr. Afonso Vaz de Mello entregou por escrito a licença. Vá lá, admitiu, a vistoria ficaria para mais tarde (CANÇADO, 1999, p. 36).

Além desse problema, os recursos vindos da Alemanha foram embargados. “A guerra impediu que os 50 mil marcos destinados à obra e depositados ainda na Europa pudessem chegar a Belo Horizonte” (CANÇADO, 1999, p. 34).

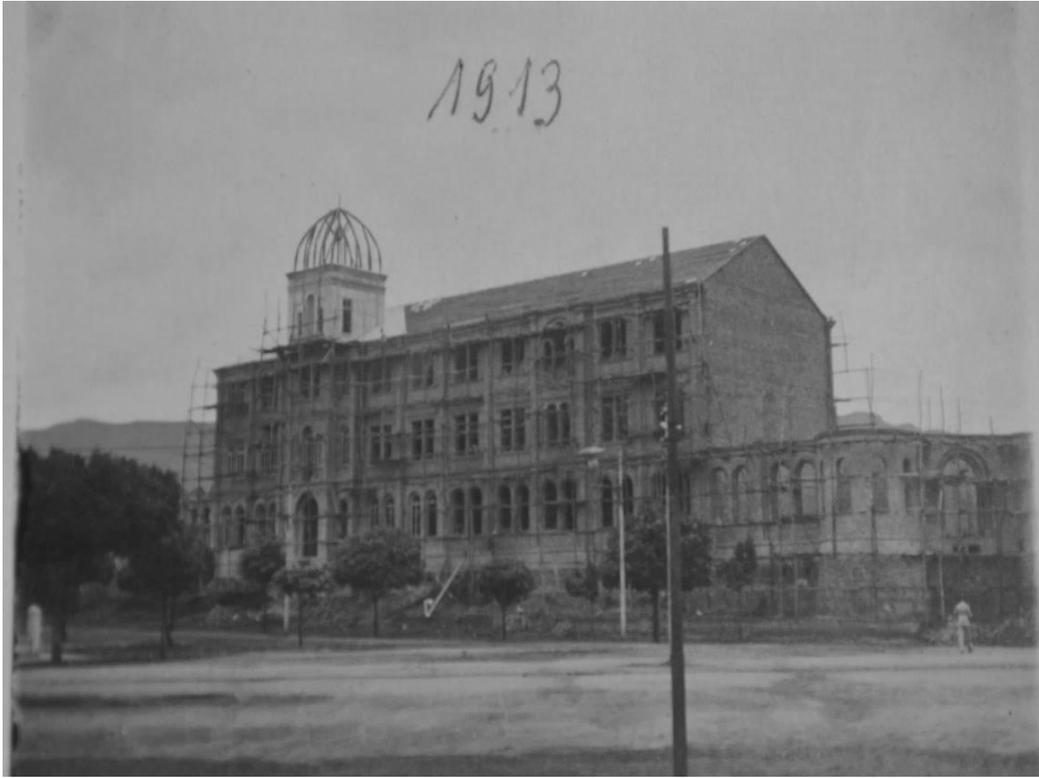
Vencida essa etapa, mesmo com a guerra (iniciada em agosto de 1914), o ano de 1915 já apresenta um colégio com a estrutura configurada. Os candidatos a nele estudarem fazem o teste de admissão no refeitório da casa na rua Timbiras.

O jovem Abgar Renault se lembraria, muitos anos mais tarde, tanto do rigor do teste quanto da improvisação das instalações em que ele foi aplicado. Mesmo assim, numa situação de estar quase literalmente ao desabrigo e no meio da rua, o apelo que o colégio dos verbitas representava para o imaginário de um certo universo social de Minas Gerais continuava intacto. O próprio fato de o pré-ginasiano Abgar Renault, filho de um dos grandes educadores de Minas Gerais (Leon Renault), ter sido encaminhado para lá comprova isso (CANÇADO, 1999, p. 37-38).

Na sequência, imagens de três momentos da construção do colégio: 1913, 1915, 1917 e 1919 (FIG. 13, 14, 15 e 16). O conteúdo do acervo histórico do colégio ainda não está catalogado e nem sempre é possível encontrar todas as informações na forma adequada, por

isso o lapso de tempo nas fotos. Algumas outras, não identificadas, preferiu-se não utilizar sob pena de erros na determinação das datas.

Figura 13 - Construção do colégio Arnaldo (1913)



Fonte: ACERVO HISTÓRICO DO COLÉGIO ARNALDO.

Figura 14 - Construção do Colégio (1915)



Fonte: ACERVO HISTÓRICO DO COLÉGIO ARNALDO.

Figura 15 - Vista do Colégio (1917)



Fonte: ACERVO HISTÓRICO DO COLÉGIO ARNALDO.

Figura 16 - Construção do colégio (1919)



Fonte: ACERVO HISTÓRICO DO COLÉGIO ARNALDO.

A partir da autorização para o funcionamento do colégio, entre 1914 e o final de 1917, a rotina escolar continuou sendo a mesma, somente interrompida quando do episódio da invasão do colégio por acadêmicos de medicina em novembro de 1917. Este evento será abordado de forma destacada por ter sido o único momento em sua história em que existiu um conflito entre o Colégio e a Cidade, sempre cordial e em regime de parceria²⁹.

3.2 Os estudos. O cotidiano escolar

O cotidiano escolar do colégio Arnaldo é feita coligindo publicações variadas. Anuários produzidos por padres do próprio colégio e também pela congregação do Verbo Divino; produzidas pelos padres do colégio ou pela congregação do Verbo Divino, no período 1920 a 1923, publicações na imprensa nacional à época de abrangência deste estudo e após, em que as atividades do colégio eram noticiadas; compreendida por esta pesquisa e em outras atuais – jornais O Paiz, Estado de Minas, Diário da Tarde-, depoimentos de religiosos e ex-alunos existentes em obras sobre o colégio, biografias, em obras diversas de autoria dos alunos, em documentos escolares. Destacam-se os poemas de Carlos Drummond de Andrade, nos quais o autor expõe de forma clara suas experiências como aluno.

O momento de vir do interior e entrar para o ginásio, na capital, é revestido de significados maiores do que aqueles somente relacionados à educação. É também momento ritual, de passagem para a vida adulta, precoce, através do “sair de casa”, alterar a rotina, deixar a tranquilidade interiorana – em muitos casos, sedes de fazendas – para conviver com a cidade, com outros diferentes, também de outras cidades.

E chega a hora de estudar.
 Hora de viajar
 Rumo à sabedoria do colégio
 (ANDRADE, 2011, p. 233-240)³⁰.

²⁹ Em 1927 o prefeito de Belo Horizonte, Christiano Monteiro Machado, decreta o que “o atual Colégio Arnaldo é considerado Ginásio Municipal, passando a denominar-se Ginásio Municipal ‘Arnaldo’” (Lei 318 de 18 de julho de 1927). Em seus parágrafos define-se que:

Art. 2º. - O Ginásio reger-se-á por estatutos próprio, sob a condição de adotar o programa do Colégio Pedro Segundo.

Art. 3º. - As obrigações recíprocas, entre o Ginásio e a Municipalidade serão objeto de contrato, que será assinado entre as duas partes e no qual figurará a obrigação para o Colégio Arnaldo de receber, gratuitamente dez alunos externos.

Art. 4º. - Para admissão desses alunos gratuitos, será exigida prova de pobreza, mediante atestados idôneos.

Art. 5º. - A matrícula gratuita será assegurada a quatro filhos de operários e fica subordinada, para todos, a condição de aproveitamento e inteligência revelada nos cursos primários. (MUNICÍPIO DE BELO HORIZONTE, 1927)

³⁰ “Fim da casa paterna”.

Sobre a cidade, o poeta Drummond de Andrade escreveria:

Por que ruas tão largas?
 Por que ruas tão retas?
 [...] Aqui tudo é exposto
 evidente
 cintilante. Aqui
 obrigam-me a nascer de novo, desarmado.
 (ANDRADE, 2011, p. 240)

O cotidiano de um colégio no regime de internato traz a disciplina, a exigência por resultados escolares, a participação em atividades sociais, o relacionamento com a hierarquia, sem o afeto e a mediação materna. A idade destes alunos, com exceções, variava entre 14 e 15 anos.

Na abertura do Anuário do Colégio Arnaldo de 1920, fala-se do significado do colégio e como os alunos se sentiam ao cruzar os umbrais do “edifício colosso”:

O Colégio é a continuação da família. O que a família nem sempre pode administrar ao jovem, ou em medida mais ou menos imperfeita lhe proporciona, o Colégio lhe dá: instrução e educação.

Muitos de vós, quando passaram pela primeira vez os humbraes do Colégio, deste edifício colosso, cujas formas gigantescas vivamente impressionam, se sentiram oprimidos e sua alma tomada de saudades do que deixavam e de temor do que os esperava.

Passaram os primeiros dias, tão cheios de novas impressões, mas bastantes para lhes mostrar e provar que o Colégio não era aquilo, que imaginação própria, sugestão imprudente e às vezes malévola dele fizeram: uma gaiola, uma casa de correção ou até uma cadeia. Perceberam que a vida de Colégio não era tão ruim com lhes foi pintada. É verdade, não havia os carinhos da mãe, os jogos e divertimentos infantis como os irmãozinhos; não havia os petiscos e iguarias que o conforto da família e o amor materno diariamente proporcionavam; não havia aquela liberdade tão doce e querida que não marcava hora para se levantar e se deitar; não havia tantos e tantos nada que formam o encanto do lar. [...] A vida no Colégio era bem diferente daquela vivida, muitas vezes, nas cidades do interior, na liberdade da casa materna, da fazenda. Só o tempo poderia mostrar ao aluno os benefícios que o Colégio traria para sua vida. No colégio, o que havia era “ordem”: “Muitas coisas não havia [...], mas o que havia não era para desprezar: ordem em tudo, ordem na hora de se levantar, ordem no modo de formar a fila, ordem na aula, no estudo, nas refeições, ordem nos recreios”. [...] Mas não só isso: Não estava aí a mãe, sempre solícita e circunspecta, mas estava o prefeito, cuja vigilância, desvelo e carinho acompanhavam ao pequeno dia e noite. Fosse o que fosse, estava aberto o coração do bom Padre para receber as dúvidas, dificuldades, queixas e reclamações do seu aluno (COLÉGIO ARNALDO, 1920, p. 5-6).

O prefeito, neste espaço, semelhante ao que diz Almeida (2006b, p. 62), parece substituir e de fato tem esse papel de suprir o aluno inseguro com

a tessitura mulher-mãe-professora, aquela que ilumina na senda do saber e da moralidade, qual mãe amorosa debruçada sobre as frágeis crianças a serem orientadas e transformadas por dedos que possuem a capacidade natural de desenhar destinos e acalentar esperanças, coadjuvantes inspiradas de uma escola que se erige como transformadora de consciências. O choque entre as duas realidades,

casa-mãe-professora e um colégio que trazia à vida do menino do interior, acostumado a viver livre, correndo pelos campos da fazenda, as normas, os horários, a disciplina, o mundo totalmente masculino, é assustador.

No colégio Arnaldo, o regime de conduta, “vinha gravado num livreto que normatizava coisas como matrícula, pensão, ensino, uniforme, enxoval etc.” (CANÇADO, 1999, p. 39).

O *prefeito* a tudo olhava. E, quando não era o prefeito, a convivência intensa com os padres e professores nos pátios, nos corredores, nas salas de aula, garantia a disciplina. E as punições, normalmente em forma de proibição do usufruto da liberdade, eram comuns. O bem mais precioso do interno é a liberdade de vaguear pelas largas ruas da cidade. O poeta Andrade (2011, p. 243-244) dá uma ideia de como essa disciplina afetava a vida do aluno, fascinado com a possibilidade de sair aos domingos e encontrar a cidade.

A NORMA E O DOMINGO

Comportei-me mal,
Perdi o domingo.
posso saber tudo
das ciências todas,
dar quinau em aula,
espantar a sábios
professores mil:
comportei-me mal,
não saio domingo.

[...]
Lá fora a cidade
é mais provocante
e seu pátio aberto
recobre ignorantes
dóceis ao preceito.
Que aventura doida
no domingo livre
estarão desafiando
enquanto eu sozinho
contemplo escorrer
a lesma infindável
do meu não domingo?

[..] Abomino a ordem
que confisca tempo,
que confisca vida
e ensaia tão cedo
a prisão perpétua
do comportamento.

O uniforme era obrigatório para todos os alunos do internato – uniforme militar e boné com faixa verde e monograma C.A. O enxoval dos alunos era composto por: 2 ternos de brim

cáqui, 4 outros ternos, 6 camisas brancas, 2 camisas de dormir, 6 pares de meias, 6 pares de ceroulas, 2 calções de banho, 1 sobretudo de casemira, 6 toalhas de rosto, 3 toalhas de banho, 12 lenços, 2 cobertores de lã, 6 fronhas grandes, 2 colchas brancas (não de outras cor), 2 sacos de roupa servida, 3 pares de botinas, 2 chapéus de palha, 2 pentes (fino e grosso), gravatas, 1 copo de metal ou vidro, 1 tesourinha para unhas e escova de cabelo” (CANÇADO, 1999, p. 40).

Outro hábito que era diferente daquele vivido pelos alunos no internato é o que Andrade, citado por Cançado (1993, p. 56) mostrava: o estranhamento do aluno quanto ao fato de passar a “despertar em série” no dormitório do Colégio (FIG. 17).

Quando Drummond entrou no Colégio, 1916, eram 74 internos e outros 136 que moravam com suas famílias em Belo Horizonte. “Nunca mais acordo individualmente, soberano”, teria dito o poeta referindo-se a esse momento de transformação. A Figura 16 traz uma foto em que é possível observar a fila dupla de camas de metal em cada um dos lados do corredor, cada uma delas com armário próprio para guardar o enxoval.

Figura 17 - Dormitório e alunos do Colégio Arnaldo



Fonte: ACERVO HISTÓRICO DO COLÉGIO ARNALDO. Data aproximada: 1918-1920.

Não há registro do poeta comentando sobre a hora das refeições, mas, a julgar pelo comentário anterior, repetiria frase similar. O refeitório tinha capacidade para 60 pessoas (FIG. 18 e 19).

Figura 18 - Refeitório do Colégio (década de 1920)



Fonte: PORTAL UAI.

Figura 19 - Refeitório dos padres



Fonte: ACERVO HISTÓRICO DO COLÉGIO ARNALDO (Data aproximada: 1918-1920).

Quanto aos horários, havia uma rotina similar àquela praticada por outros colégios internos, em que há uma mescla entre momentos de estudo e recreio. Mas o dia começa com a missa na capela (QUADRO 3).

Dentre as atividades, chama a atenção a sessão de cinema nos finais de semana. Aos domingos, havia liberação de passeio pela cidade. Normalmente, os alunos se dirigiam ao Parque Municipal, que fica a poucos metros, seguindo pela avenida Carandaí. Nessa avenida, funcionava a Escola Modelo Normal, hoje Instituto de Educação.

Quadro 3 - Horário de atividades Colégio Arnaldo (Internato)

Horário	Dia de semana	Horário	Fim de Semana
5 h 30 min	Levantar	6 h	Levantar
6 h	Missas na capela	6 h 30 min	Café e recreio
6 h 30 min	Café e recreio	8 h	Missas
7 às 8 h	Estudo	9 às 10 h	Estudo livre
8 às 8 h 30 min	Recreio	10 h	Almoço e recreio
8 h 30 min às 9 h 30 min	Estudo e aulas	11 h 30 min às 12 h 30 min	Estudo livre
9 h 30 min às 11 h	Almoço e recreio	12 h 30 min	Café e recreio
11 às 13 h 30 min	Aulas	15 h 30 min	Jantar e recreio
13 h 30 min às 14 h	Merenda e recreio	17 h 30 min às 19 h	Estudo
14 às 15 h 30 min	Aulas	19 h	Sessão cinematográfica, chá e repouso
15 h 30 min às 16 h	Banho		
16 às 17 h 30 min	Jantar e recreio		
17 h 30 min às 19 h 45 min	Estudo		
19 h 45 min	Chá		
20 h	Repouso		

Fonte: CHAGAS, 2014, p. 37, Adaptado pelo autor.

Mas o melhor do colégio, na visão de seus alunos, era o pátio, rodeado de mangueiras e capaz de comportar um campo de futebol e a prática de diversos esportes. No Anuário (1920), descreve-se esse momento: “Faltavam os irmãozinhos, mas quando se abriam as portas do recreio, lá estavam os companheiros a dezenas, convidando-nos para o críquet, a barra, ao football e outros divertimentos” (COLÉGIO ARNALDO, 1920 p. 5-6).

O ex-aluno poeta Carlos Drummond de Andrade descreve o talento ou não de seus colegas para o esporte bretão praticado com intensidade pelos alunos e padres, nas tardes do colégio (ANDRADE, 2011, p. 239).

FIGURAS

O Meirinho, o Meirão³¹. Um é craque na bola,
o outro, caricaturista. A vontade que sinto
de ter nascido J. Carlos e vencê-lo.
Dos três irmãos Lins³², Ivan ainda não conhece
Augusto Comte e já se mostra sábio.
Capanema, o estudante
três vezes estudante, e completo.
O completo vadio,
ignoro se sou. Sei que não sei
estudar, e isto é grave. Jamais aprenderei.
Vou rasgando papéis pelo pátio varrido.
Todos riem baixinho. Volto-me,
pressentimento.

³¹ Adhemar de Meira (um dos fundadores do América Futebol Clube) e Alcides de Meira.

³² Ivan Monteiro de Barros Lins, Paulo Monteiro de Barros Lins, Edmundo Monteiro de Barros Lins.

Atrás de mim Padre Piquet vem, passo a passo,
 pousa em meu ombro a punição.
 (ANDRADE, 2011, p. 239)

A punição, no caso, era ficar no colégio no final de semana, sem desfrutar da liberdade da cidade.

Em outro poema, Drummond descreve, indiretamente, o que se perdia quando havia punição:

PARQUE MUNICIPAL
 O portão do colégio abre-se em domingo.
 Toda a cidade é tua e verde.
 O parque o barco o banco o leque
 do pavão em grito e cor fremindo o lago
 sem que as estruturas de silêncio
 desmoronem.
 Quem passa? Nada passa. Aqui o tempo
 aqui o ramo aqui o caracol
 em ar benigno se entrelaçam, duram
 eternamente a vez de contemplá-los.
 (ANDRADE, 2011, p. 241)

Mas o que o aluno Carlos Drummond sonha mesmo é em sair para a cidade. Sonha frequentar a Livraria Alves: “Um dia quando? Vou entrar naquela casa / vou comprar / um livro mais terrível que o de Almqvist / e nele me perder – e me encontrar” (ANDRADE, 2011, p. 243).

No conjunto da pesquisa, observou-se dois tipos de punição sendo utilizadas no Arnaldo: a retirada de privilégios e os “coques” dados pelos professores quando os alunos ultrapassavam os limites em seu comportamento ou feriam o regulamento. Franca (1952, p. 60) dedica parte de seu texto sobre os jesuítas para abordar esse assunto. Diz que os jesuítas “não a suprimiram de todo, mas alistaram-se decididamente entre os que mais contribuíram para suavizar a disciplina”.

Os castigos físicos só eram aplicados em casos mais graves quando não bastavam os meios suasórios. [...] Só se deveria recorrer à palmatória, dizia a regra do Prefeito de estudos, quando “não bastassem as boas palavras e exortações”. Ainda nestes casos mais raros a Ratio rodeava a aplicação do castigo a tais circunstâncias que lhe restringiam as possibilidades de abuso e conservavam a eficácia disciplinadora (FRANCA, 1952, p. 62).

Se a análise temporal estende-se por mais tempo, ver-se-á de modo geral, que há uma modificação nessa prática dentro do próprio Arnaldo. Na década de 1970, outro extremo se

instala na utilização de conceitos do psicólogo Carl Rogers³³, que envolve o aluno na responsabilidade de seu aprendizado, diametralmente oposto ao visto nas primeiras décadas do colégio e no tempo jesuítico.

O ambiente do colégio produzia resultados: “Os meninos mineiros matriculados no Arnaldo distinguiam-se entre os demais estudantes”, segundo Chagas (2014, p. 29), graças à disciplina e à rotina na vida escolar. O conteúdo de estudo era voltado para a formação integral, seguindo o padrão do Colégio Pedro II³⁴, “referência na formação da elite no Distrito Federal [...] e padrão de excelência educacional para as demais instituições de ensino secundário” (CUNHA JUNIOR, 2008, p. 14).

Quanto às disciplinas, o currículo era composto pelas seguintes matérias: Aritmética, Geometria, Física, Química, Álgebra, Latim, Inglês, Religião, Desenho, Francês, Alemão, Caligrafia, Historia Geral, História do Brasil, Português, História Natural, Topografia, Elementos Cósmicos.

Se no Arnaldo havia disciplinas além do currículo-padrão da época como Topografia e Elementos Cósmicos, no currículo jesuíta, fazendo uma comparação, havia Metafísica, Cosmologia e Filosofia. O caráter técnico de um contrapõe-se à necessidade de formação de quadros da outra. Talvez essa a grande diferença nos objetivos educacionais das duas missões: os verbitas colocavam a formação dos quadros em *segundo plano*, enquanto os jesuítas tinham como propósito a conversão dos gentios e a ampliação de seu quadro – com os filhos de donos de terra e outros pertencentes à elite. Tanto é assim que pelo menos um dos filhos das famílias deveria seguir, por costume, o caminho religioso.

Curiosamente Drummond, o cronista, logo após deixar o Colégio Arnaldo no final de 1917, retorna a sua cidade natal e depois segue rumo a Nova Friburgo (RJ) onde estuda em colégio jesuíta. Ao lermos seus poemas, postos na sequência em *Boitempo III*, é possível, sem tecer julgamentos, perceber diferenças em sua percepção sobre a educação verbita e a jesuíta.

A rotina religiosa do colégio de Nova Friburgo era compulsória. Diz o poeta em *Começar bem o dia*:

A missa matinal, obrigação
de fervor maquinal.
Em fila religiosa penetramos

³³ Terapeuta e professor americano (1902-1987), atribuía valor primordial à comunicação e à relação interpessoal dentre o aluno e o professor. “Sua pedagogia, liberada das sujeições e aberta à criatividade foi qualificada como não diretiva na Europa, ao passo que ele próprio preferia a fórmula de ‘ensino centrado no aluno’ (BORDERIE, 2005, p. 60)

³⁴ Imperial Collegio de Pedro II, fundado em 1837, no Rio de Janeiro “para oferecer ensino secundário aos jovens da chamada boa sociedade brasileira”. (CUNHA JUNIOR, 2008)

Na haendeliana atmosfera do órgão
 No incenso do recinto.
 Cada um de nós pensa em outra coisa
 Diferente de Deus.
 Ai, nosso Deus compulsório!
 (ANDRADE, 2011, p. 250)

No Arnaldo parece-nos que, mesmo buscando cumprir sua missão catequizadora e de formação de “quadros católicos competentes, tenazes, e que fossem ao mesmo tempo propagadores da fé católica e artifícios do progresso material do mundo, nas regiões mais remotas do globo” (CANÇADO, 1993, p. 56), a “congregação não forçava exageradamente a sua catequese no sentido da conversão espiritual das almas”.

Havia talvez, naqueles padres, um pouco do humanismo prático, do espírito pedagógico herdado das ciências exatas e da natureza, uma fumaça, enfim, dos naturalistas alemães. Em 1916, era diretor do Colégio Arnaldo o Padre Mathias Willems, um robusto filho de camponeses nascido no sul da Alemanha, formado em filosofia e teologia em Viena, e em física na Universidade de Berlim (CANÇADO, 1993, p. 56-57).

O Colégio Arnaldo, naquele primeiro momento, era um colégio para a elite. Cançado (1993, p. 56) confirma a posição que então o colégio ocupava no contexto mineiro: “O Colégio Arnaldo disputava com o Ginásio Mineiro (leigo), as matrículas dos filhos de famílias de posse em Minas”.

Havia uma mistura entre estudo e prática de convivência, mediada pelo esporte praticado no pátio rodeado de mangueiras.

Os professores poderiam lecionar diferentes disciplinas. Em 1921, o Padre José Symalla trabalhava com as disciplinas Religião, Aritmética, Geometria, Física e Química. “Mestres dedicados os esperavam quando era hora de estudo ou de aula e sob sua regência era leve trabalhar. Oh! Sala de estudo, quantas recordações agradáveis não despertadas!” (COLÉGIO ARNALDO, 1920, p. 6).

Na Figura 20, uma sala de aula com seus muitos alunos. Todos com seus uniformes, cabelos penteados. Na entrada, o cabideiro onde eram pendurados os casacos. Ao fundo, o quadro protetor do Anjo da Guarda, cuidando dos meninos. Uma contagem do número de alunos na foto nos mostra aproximadamente 60 alunos.

Figura 20 - Sala de aula (entre 1915-1920)



Fonte: ACERVO HISTÓRICO DO COLÉGIO ARNALDO.

Ainda sobre a sala de aula, Kowaltowski (2001, p. 35) fala do estilo alemão, que aqui foi mesclado com o adotado no Brasil, já que as carteiras, pelo menos as primeiras, foram doadas pelo governo.

A Alemanha usava o sistema prussiano de salas de aula, separado em volta de um grande vestíbulo ou *hall* de entrada. O tamanho da sala de aula era determinado pela lotação de 40 a 60 crianças. [...] As carteiras para dois alunos tinham um arranjo octogonal, com espaço para circulação, que permitia cada aluno sair do seu assento sem perturbar os demais. Havia espaço na frente, para demonstrações. [...] *As construções eram robustas, muitas ainda em uso no século XXI.* (Grifo nosso).³⁵

Especificamente sobre os professores, havia uma preocupação de serem os melhores da cidade. Arnaldo Jansen fundador da Congregação, era conhecido por sua formação eclética e aprofundada, feita nas melhores escolas alemãs, assim como era a formação dos missionários fundadores do Colégio: Padre Piquet, Padre Mathias, cientistas; Padre Vienken, arquiteto.

³⁵ Quando estamos no interior das salas de aulas do Arnaldo, próximo às janelas, principalmente, é de se admirar a estrutura, tal qual mencionada por Kowaltowski, pela largura de seus umbrais.

A estes se somavam, desde a inauguração do colégio, os professores leigos. Como exemplo Carlos Góes (professor, escritor, poeta e filólogo). Sobre ele escreveria ANDRADE (2011, p. 236-237):

AULAS DE PORTUGUÊS

A linguagem
na ponta da língua,
tão fácil de falar
e de entender.

A linguagem
na superfície estrelada de letras,
sabe lá o que ela quer dizer?
Professor Carlos Góes, ele é quem sabe,
e vai desmatando
o amazonas de minha ignorância.
Figuras de gramática, equipáticas,
atropelam-me, aturdem-me, sequestram-me.
Já esqueci a língua em que comia,
em que pedia para ir lá fora,
em que levava e dava pontapé,
a língua, breve língua entrecortada
do namoro com a prima.

O português são dois; o outro, mistério.

O professor Carlos Goés também era dramaturgo. Suas peças foram levadas ao palco tanto em Belo Horizonte quando na capital, Rio de Janeiro. Era frequente ter o seu nome mencionado em solenidades ligadas à literatura assim como em comentários sobre suas peças. No jornal O Paiz (22.04.1912, p. 4), é possível saber que, em Belo Horizonte, “prosseguem os ensaios da peça histórica mineira, do escriptor Carlos Goés, intitulada *Governador das esmeraldas*, que será levada á scena pela companhia Pato Moniz”. O professor Goés era também professor do Gymnasio Mineiro. Por ter uma vida atuante nas escolas da cidade e por sua erudição, foi sido considerado um dos melhores professores da capital.

O jornal O Paiz (15.07.1913, p. 5), ao relacionar os membros da Academia Mineira de Letras, descreve o professor Arduino Bolivar, considerando-o um “devotado cultor da língua latina”:

CADEIRA PATRONIMICA: Manoel Ignacio da Silva Alvarenga – Arduino Bolivar – Nascido em Ubá, em....., Filho de João Fortes Bolivar e D. Maria Bolivar. Advogado. Casado. Redigiu as revistas acadêmicas *Ensaio Juridico* e *Renascença*, onde colaborava escolhido corpo de colaboradores. Foi redactor do *Commercio* de São Paulo.

Devotado cultor da língua latina, tem actualmente no prélo uma tradução das *Éclogas* de Virgilio.

O professor de Francês era Arduíno Bolivar foi diretor do Arquivo Público Mineiro, membro do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, da Comissão do Livro Didático; fundador da Faculdade de Filosofia da UFMG, onde foi catedrático de literatura Latina. Sobre ele, escreveria Drummond:

AULA DE FRANCÊS

Cette Hélene qui trouble et l'Europe et l'Asie,
mas o professor é distraído,
não vê que a classe inteira se aliena
das severas belezas de Racine.
Cochicham, trocam bilhetes e risadas.
Este desenha a eterna moça nua
que em algum país existe, e nunca viu.
Outro some debaixo da carteira.
Os bárbaros. Será que vale a pena
ofertar o sublime a estes selvagens?

O Professor Arduíno Bolivar
fecha a cara, abre o livro.
Ele não os despreza. Ama-os até.
Podem fazer o que quiserem.
Ele navega só, em mar antigo,
a doce navegação de estar sozinho.
Tine a campainha.
Acabou a viagem, no fragor
de carteiras e pés.
O professor regressa ao rígido
sistema métrico decimal das ruas de Belo Horizonte.
(ANDRADE, 2011, p. 238)

No colégio havia outro professor (de Português) que seria reconhecido socialmente por seus poemas: o Dr. Mário de Lima (FIG. 21), professor, poeta, ensaísta, polemista, jurista, fundador do Instituto Histórico, diretor do Arquivo Público e da Imprensa Oficial.

Figura 21 - Dr. Mário de Lima - DD. Lente de Português e História do Brasil



Fonte: ACERVO HISTÓRICO DO COLÉGIO ARNALDO.

Um fato curioso: em 16 de outubro de 1909, Carlos Goés faria uma conferência sobre sua peça *Lágrima*, no Clube Bello Horizonte. Infelizmente, sua mãe falece no dia anterior e então, para substituí-lo, é convidado o professor Mário de Lima. O jornal O Paiz (1.1.1910, p. 3) noticiou:

A conferência devia ser feita por Carlos Góes, o delicado poeta que o Rio de Janeiro conheceu de perto e que reside agora em Bello Horizonte, onde é lente do Gymnasio Mineiro; mas uma dolorosa circumstancia, exatamente a de ter perdido nas vésperas da festa a extremosa progenitora, Carlos Góes que devia falar sobre a *Lágrima*, não a pôde realizar, sendo dada a sua substituição ao lyrico dos *Ancenubios*.

Mario de Lima, que é igualmente um bello orador, bordou sobre o thema que a situação lhe sugeria uma série de períodos sentidos e brilhantes, que o auditório selecto do Club Bello Horizonte aplaudiu devidamente e que agora vem publicada em folheto.

A impressão da conferencia foi nitidamente feita na Imprensa Official do Estado, em Bello Horizonte.

Os três, Carlos Góes, Arduíno e Mário Lima, foram membros fundadores da Academia Mineira de Letras, ocupando, respectivamente, as cadeiras 11, 6 e 32. Por essas mesmo que curtas biografias e referências percebe-se a preocupação dos padres verbitas com a qualidade do seu corpo docente.

A crônica de Drummond deixa perceber o rigor da formação dos alunos e a qualidade dos professores do Arnaldo. No futuro, o escritor Drummond de Andrade teceria elogios ao trabalho desenvolvido pelo professor Mário de Lima: ‘Ideias e Comentários’, que eu li em rápidas horas, tem a marca iniludível dos bons e belos trabalhos. Atrai pela forma literária; prende pela nobreza de pensamento; triunfa pela significação moral.”

Cabe aqui uma observação comparativa com a formação dada pelos jesuítas a seus futuros professores, uma vez que havia necessidade de formá-los dentro do espírito da ordem. Franca (1952, p. 93) fornece informações sobre isso:

Formação literária, cultura filosófica, iniciação pedagógica, nada decurou o Ratio para preparar professores à altura de sua missão. Não era, porém, ainda suficiente. Acima e além desta, longo tirocínio profissional cumpria infundir no professor a claridade e o calor de um grande ideal para elevar-lhe o magistério à grandeza de uma vocação.

Um aspecto que, era de se esperar, poderia prejudicar a aprendizagem e o relacionamento com os alunos, as aulas com sotaque germânico, não parece ter sido problema. O poeta Drummond de Andrade escreve sobre o professor de alemão (ANDRADE, 2011, p. 238):

AULAS DE ALEMÃO

Baixo, retaco, primitivo,
Irmão Paulo, encarregado da livraria
e do ensino de Goethe a principiantes,
leu um único livro em sua vida:
Arte de Dar Cascudos,
que ele pratica bem, mas não ensina.
Os lábios assustados ficam mudos
para sempre, em germânico.

Outro professor, de origem alemã, tornou-se figura folclórica e amada pelos alunos, estando presente na narrativa histórica do Colégio (CHAGAS, 2011) pela forma curiosa com que ensinava aos alunos o Teorema de Pitágoras, usando uma metodologia diferente daquela normalmente soturna utilizada pelos demais professores. Não se sabe o motivo, mas o

professor tinha a alcunha de “Padre Mamão”, provavelmente fruto de alguma observação de seus alunos. Talvez em razão de sua forma física: “rosto avermelhado dos alemães, cabelos castanhos, estatura mediana, robusto e circunferência maior que a dos ombros” (CHAGAS, 2011, p. 19).

Padre Mamão ensinava o Teorema de Pitágoras utilizando o voo de um urubu sobre Belo Horizonte:

Voz grave, forte sotaque germânico, dobrando todos os erres, ele anuncia:

- Vamos hoje aprenderr o Teorrema do Urrubu. Falam porr aí que é o Teorema de Pitágorras. Mas não é do Pitágorras, não. É do Urrubu.

Vai até o quadro-negro, assinala um ponto com o giz branco e começa:

- O Urrubu está aqui neste ponto, no Colégio Arnaldo, pousado numa das mangueiras. Aí o Urrubu pensa assim: “Acho que vou dar uma voltinha até a Prraça Sete”.

Risca então uma reta a partir daquele ponto onde afirmou estar um urubu, indo até o novo ponto, que define como sendo a Praça Sete, no coração de Belo Horizonte.

- Aí o Urrubu chegou à Praça Sete. Ficou olhando, olhando. Aí o Urrubu pensou assim: “Acho que é melhorr eu dar uma voltinha até aquele bairro que chamam de Florresta”.

Desenha outra reta, ligando a Praça Sete à Floresta.

- Aí o Urubu chegou à Floresta. Viu poucas árvores porr lá. Aí o Urrubu pensou assim: “Quer saber de uma coisa? Vou é voltar lá parra as mangueiras do Colégio Arnaldo”.

Traça então mais uma reta, ligando a Floresta ao colégio. Fala e faz tudo isso com o ar mais sério. Diante do triângulo formado por Arnaldo-Praça Sete-Floresta, o padre professor afirma:

- Acontece que o Urubu presta muita atenção em tudo. Assim repara que o passeio dele acabou desenhando um triângulo. Reparrando mais ainda, o Urrubu chega a uma conclusão: “Essa linha que vai do Arnaldo até a Prraça Sete é igual à soma das outras duas linhas. Querr dizer então que o quadrado dessa reta maior é igual à soma dos quadrados das duas retas menores. Acho que acabo de fazer uma grande descoberta!”

Sempre sério, mas agora com ar de vitória, o Padre Mamão completa:

- Falam que esse é o Teorrema de Pitágoras. Mas, como vocês acabam de ver, esse é na verdade o Teorrema do Urrubu (CHAGAS, 2011, p. 19).

As atividades de ensino no colégio eram ampliadas nos gabinetes. “Gabinete” era a denominação dos laboratórios específicos: de química, física, de história natural e mineralogia. (FIG. 22).

Figura 22 - Equipamentos do gabinete de Física



Foto: ACERVO HISTÓRICO DO COLÉGIO ARNALDO.

Cançado (1999, p. 47) reproduz trechos do Anuário de 1923 – quando se faz referência ao gabinete de física:

O “Anuário” de 1923 reconstitui o “gabinete” de física e faz referência a uma “Machina Condensadora” do Dr. Wommesldorf, recém-chegada da Alemanha. Segundo o “Anuário”, a máquina, ‘com todo o seu exercitozinho de aparelhos accessorios, deu aos alunos condições excepcionais para realizar as experiências com as ondas hertzianas, com um detetor de Galena, com os raios catódicos e com os raios Roetgen, que permitiram “nitidíssimas radioscopias e uma experiência de radiografia”.

Esses gabinetes eram conhecidos nos meios científicos da cidade.

Ao contrário da postura assumida em 1917, quando da invasão do Colégio, os Acadêmicos de Medicina, no início da década de 1920, tinham “fascínio pelas aplicações dos raios catódicos em ortopedia” (CANÇADO, 1999, p.48) e não hesitam “em mandar seus pacientes para se submeterem a exames de radioscopia e radiografia” no Colégio (CANÇADO, 1999, p. 48).

O Museu e a utilização de raios X pelos padres verbitas fez com que o Colégio fosse um dos lugares visitados no Brasil por Madame Curie em 1926³⁶. A ganhadora dos prêmios

³⁶ Madame Curie, cumpriu agenda de visitas ao Rio de Janeiro, São Paulo e a Belo Horizonte entre os dias 15 de julho e 28 de agosto. Em Belo Horizonte permaneceu entre 16 e 19 de agosto de 1926 (O PAIZ).

Nobel de Física (1903) e de Química (1911) viera a Belo Horizonte para um encontro científico na Faculdade de Medicina e para uma visita ao Instituto Radium, primeiro centro destinado à luta contra o câncer no Brasil, inaugurado em 1922 (FENELON; ALMEIDA, 2001).

Bernardo Monteiro não estava enganado ao confiar seu projeto de uma Exposição Permanente aos padres alemães. Nos relatórios de seus governos, os Presidentes de Minas, Raul Soares (1924) e Mello Vianna (1926-1926), abordam a Feira de Exposição Permanente:

Ainda não ficou concluída a organização da Exposição Permanente de Produtos do Estado, que estamos instalando em uma parte do edifício do Colégio Arnaldo, nesta Capital, e que vos falei em minha primeira mensagem. Esse serviço é demorado pela sua própria natureza sendo feito sem pessoal extraordinário e com pequeno dispêndio, estando mesmo assim já bem adiantado. A seção de minerais, para nós de capital importância, já conta números espécimes devidamente classificados e com indicação da sua procedência e capacidade da jazida (RAUL SOARES, 1924, p. 108-109).

Em 1923 começou o governo a organizar nas acomodações para esse fim destinadas pela diretoria do Colégio Arnaldo, em virtude de antigo acordo com a Prefeitura, a Exposição Permanente de riquezas industriais do Estado, com as seções de mineiros e minerais, de madeiras e cereais. É digna de visita essa exposição que, se não é ainda uma representação completa da imensa variedade de riquezas do nosso solo e subsolo, dá, entretanto, ideia bem aproximada das numerosas essenciais florestas e dos variados produtos minerais encontrados no Estado. A exposição vai sendo organizadas com o cunho da maior utilidade prática (MELLO VIANNA, 1925, p. 356).

A exposição está funcionando, provisoriamente, no Colégio Arnaldo. Diversas e variadas são as coleções que se acham expostas aos visitantes, sobressaindo uma de pedras coradas, de outras de subido valor e diversas coleções de madeiras. A exposição permanente está prestando reais serviços, entre outros o de ser a fornecedora de mostruários para diversas exposições no país e no estrangeiro (MELLO VIANNA, 1926, p. 332-333).

Essa “exposição” transformou-se no Museu de História Natural e Mineralogia e era referência não só para os alunos do colégio, mas também para o público em geral. Nos dias atuais, continua em atividade (FIG. 23).

Figura 23 - Museu de História Natural e Mineralogia (dias atuais)



Fonte: COLÉGIO ARNALDO, 2016a.

Na descrição do Museu de História Natural e Mineralogia, no site do colégio, está o corolário dos princípios pedagógicos dos padres verbitas:

Ciência, tecnologia e fé

O Colégio Arnaldo tem na tríade ciência, tecnologia e fé – como dizia Padre Leopoldo Krieger³⁷ –, a síntese do ideário verbita: o gosto pelas ciências naturais, a paixão pelas ciências exatas e uma adesão sem reservas ao mistério e à significação do Evangelho.

O Museu Arnaldo Janssen reúne grandes coleções, como a de história natural e a de mineralogia, ricas pela diversidade e pela beleza. A paleontologia, que integra o acervo de mineralogia, compõe a exposição com raríssimas peças. Uma importante coleção de fac-símiles de fósseis humanos, trazidas da Alemanha, conta 4 milhões de anos de nossa história evolutiva – isso sem falar de um modesto, mas por demais significativo acervo de arqueologia.

Espaços como esses não apenas aguçam a curiosidade, como também estimulam, motivam os estudantes e contribuem para socializá-los, o que é imprescindível ao processo de ensino/aprendizagem, pois constituem um poderoso reforço às atividades pedagógicas (COLÉGIO ARNALDO, 2016b).

Citou-se a presença de Madame Curie no colégio. Mas não só ela é digna de nota em relação à presença no colégio. Em 1916, o poeta Olavo Bilac, em visita à cidade, “antes do

³⁷ Padre Leopoldo Krieger, era Doutor em História Natural pela Universidade de Munster (Alemanhã). Atuou em Juiz de Fora, no Colégio Redentor, sendo o fundador do Herbário e do Museu de História Natural daquele colégio (Verbita). Foi Chefe de Departamento de Biologia da Universidade Federal de Juiz de Fora. Faleceu aos 89 anos, em 2008.

banquete que se realizou [...] no Grande Hotel, [...] esteve em visita [...] ao Collegio Arnaldo e aos padres do “Verbo Divino” onde também assistiu à “instalação do Centro de Cultura Physica, dirigido pelo Dr. Pergira Silva” (O PAIZ, 28.08.1916, p. 4).

3.3 Atividades extraclasse

Além das atividades acadêmicas, o Colégio incentivava os alunos e lhes proporcionava condições para participarem de agremiações religiosas. Dentre essas havia a “Liga Eucharistica”. Em suas atas estão descritas algumas das ações que se esperavam de seus participantes: doações para as festas religiosas, cumprimentos dos deveres religiosos como a comunhão obrigatória aos domingos e recursos para a manutenção da própria Liga.

Na Ata da 1ª. Seção de 1917 extraem-se os seguintes trechos:

[...] foi aberta a secção, tendo o presidente Jose Fonseca invocado Jesus Christo, pedindo a benção para essa associação. Fez a leitura espiritual o associado Gustavo Capanema. [...]. Foram oferecidos cinco santinhos pelo associado Agostinho da Conceição. O livro de actas foi oferecido por Abel Moraes. O associado Agostinho da Conceição tirou a quantia de 2\$, em esmola para o ornamento da capella por ocasião da festa da Liga Eucharistica que se realizará no fim do presente ano. Faltaram às comunhões obrigatórias, isto é, aos domingos os associados Antônio Guerra, Omar, Paulo Andrade, Henrique Andrade [...]. Pede-se a estes sócios que façam todo o sacrifício para não faltarem às comunhões obrigatórias (LIGA EUCHARISTICA DO COLÉGIO ARNALDO, 1917 p. 3).

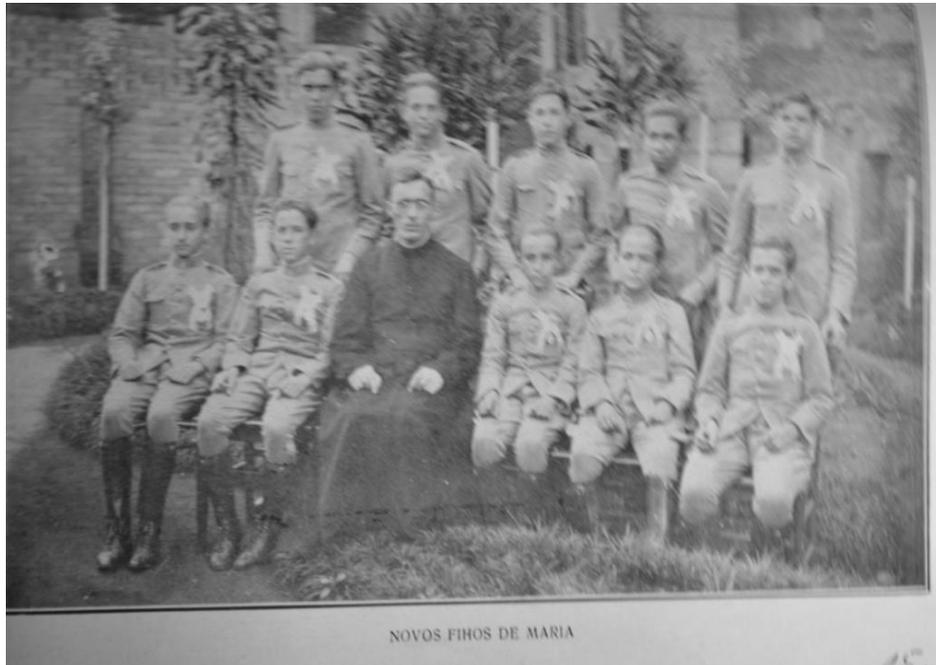
Entre os presentes a essa Secção estavam Gabriel Passos e Gustavo Capanema, que assinava a Ata como Secretário. Na Ata da 5ª. Seção, maio de 1917 verifica-se que a Liga cuidava do bom relacionamento entre seus associados: “Alguns associados que, por mera desavença, se achavam privados de comunicação entre si, tornaram-se bons amigos, por pedido do presidente e obediência aos estatutos” (LIGA EUCHARISTICA DO COLÉGIO ARNALDO, 1917 p. 6). Também nessa seção “correu-se a bolsa que rendeu 1300 reis. O associado Iorio deu particularmente 1.000 reis, e o presidente “convidou aos associados para que comungassem no dia 6 de julho, dia da fundação da Liga e do seu primeiro aniversário”.

Como pode ser observado, a Liga Eucharistica era uma associação, semelhante a outras de caráter leigo relacionadas à Igreja Católica (congregados, confrarias). Nesse caso, formada por estudantes do colégio, tinha como objetivo fortalecer a formação cristã e o cumprimento dos deveres religiosos por seus membros.

Havia também aqueles grupos formados por alunos, mas que eram preparados e formados pelos padres como os “Novos Filhos de Maria” que seriam, no futuro, os

“Congregados Marianos”, movimento leigo ainda existente. Na Figura 24, foto dos Filhos de Maria de 1922, uniformizados.

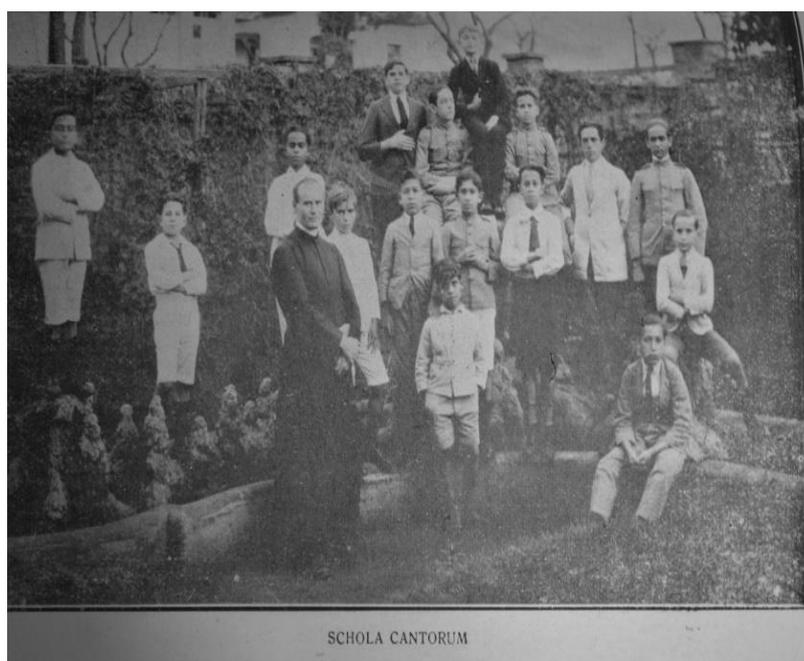
Figura 24 - Os “Novos Filhos de Maria” – 1922



Fonte: ANUÁRIO 1922. ACERVO HISTÓRICO DO COLÉGIO ARNALDO.

O canto coral sacro também era incentivado e praticado pelos alunos na Schola Cantorum, como mostra a Figura 25.

Figura 25 - Schola Cantorum - 1922



Fonte: ANUÁRIO 1923 - ACERVO HISTÓRICO DO COLÉGIO ARNALDO.

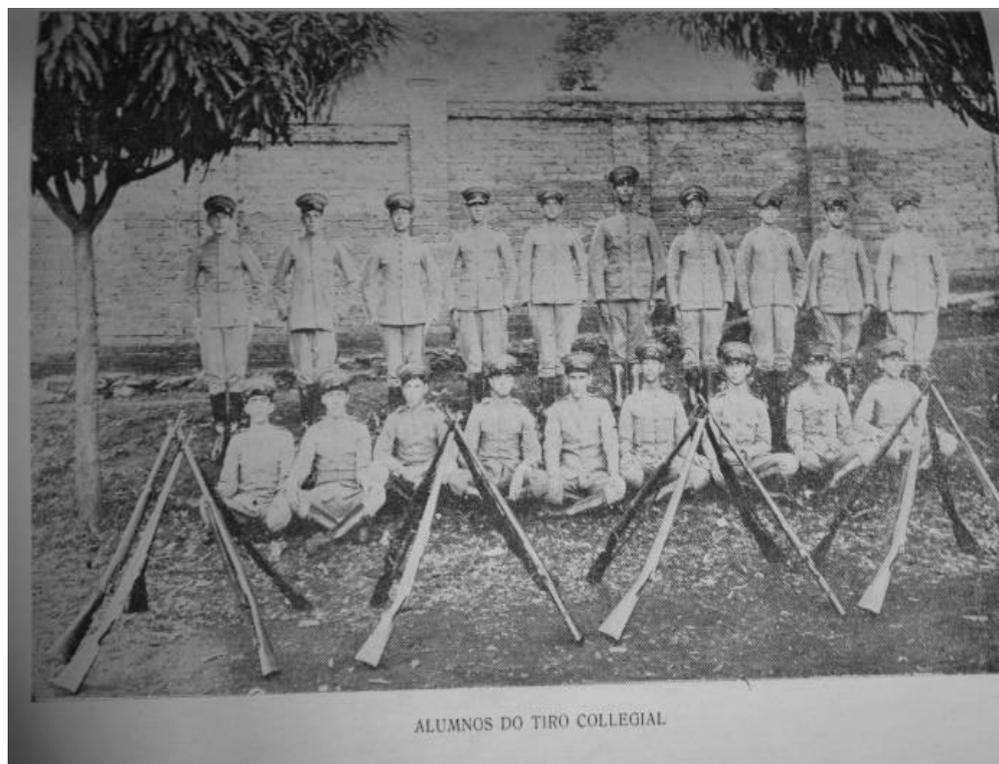
Havia também o Tiro Collegial que, naquele período, era obrigatório por força da lei. Os alunos eram treinados e formados na prática do tiro, havendo provas e competições entre colégios (FIG. 26).

Sobre a Instrução Militar, no Anuário de 1923 (COLÉGIO ARNALDO, 1923), incluiu-se um comentário:

Ao lado da instrução intelectual, o Colégio não tem descuidado de dar aos seus alunos a instrução militar como ordena a lei do serviço militar obrigatório que, entre outras vantagens, cultiva no coração de nossa mocidade o amor à Pátria pelo cumprimento de um dever sagrado (COLÉGIO ARNALDO, 1923).

Além desse treinamento, o Colégio promovia sessões de tiro no 1º. Batalhão Policial e concurso de tiro. “Tendo alcançado número suficiente de pontos nas provas parciais de tiro obtiveram, como prêmio de seus esforços, a honra de tomar parte no concurso de tiro que se realizou em Juiz de Fora os alunos Ortiz de Carvalho e Santos Ribeiro”³⁸ (COLÉGIO ARNALDO, 1923).

Figura 26 - Tiro Collegial - 1922



Fonte: ACERVO HISTÓRICO DO COLÉGIO ARNALDO.

³⁸ Em 1912, o jornal O Paiz noticiou que 200 estudantes da companhia de guerra da Academia de Comercio de Juiz de Fora se locomoveu para Belo Horizonte em “um trem especial para os conduzir desta para aquela cidade” onde participariam das festividades de 7 de setembro e de concursos de tiro. (O PAIZ, 05.09, 1912, p. 4).

Ao término da preparação e treinamentos dos alunos no Tiro Collegial, havia a solenidade de juramento à bandeira e entrega dos títulos para os reservistas. Esses acontecimentos escolares eram notícia na capital, enviadas pelo correspondente em Belo Horizonte.

MINAS GERAES

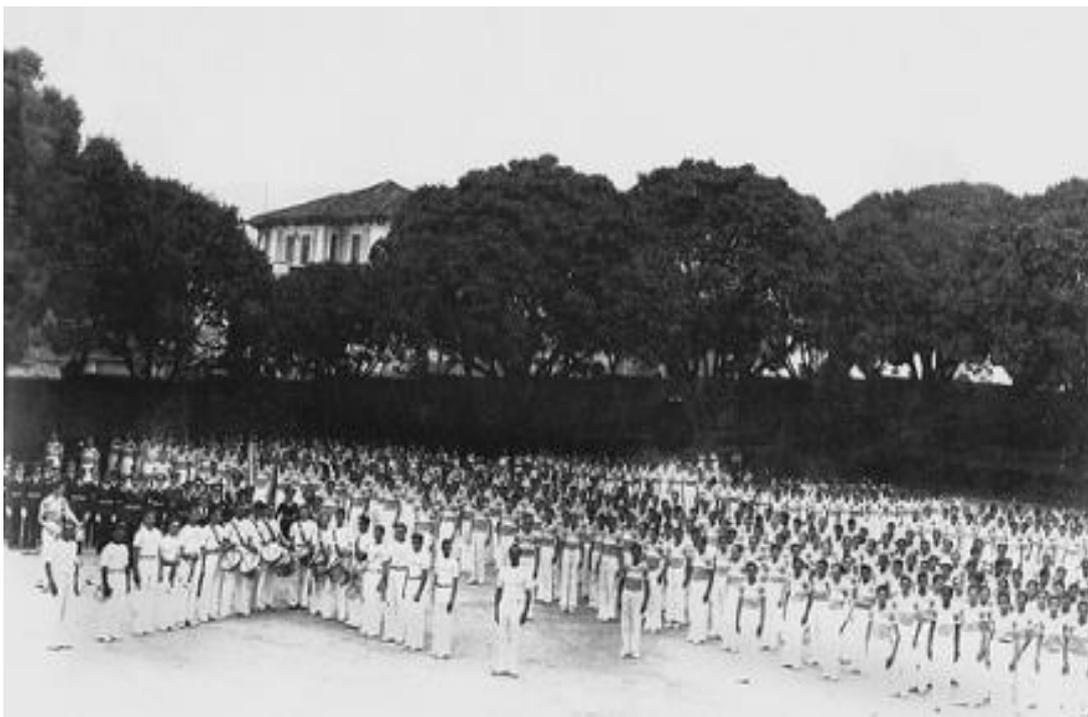
BELLO HORIZONTE, 3 (P.) – Está sendo realizada no teatro Municipal uma festa cívica para entrega da bandeira oferecida por moças de Bello Horizonte aos voluntários de manobras.

A esta solenidade precedeu outra comovente cerimonia: esses voluntários, em número de duzentos, receberam as mãos do Dr. Delfim Moreira as cadernetas de reservistas do exército e juraram bandeira, como receberam também cadernetas doze alumnos dos collegio Arnaldo.

O teatro está literalmente cheio, tendo a mocidade entoado hymnos patrióticos. Todo o governo compareceu à festa. Oraram a senhorita Alzira Reis, oferecendo a bandeira, o Dr. Carlos Góes, orador oficial, e o tenente Assumpção, instructor dos voluntários, corpos docente e discente dos collegios e academias desta cidade (O PAIZ, 04.12.1916, p. 4).

Nas datas cívicas, era entre o dever de marchar e a liberdade de desfilar pela cidade que a relação entre cidade e colégio se manifestava. O Arnaldo participava com outros colégios do estado e do município das comemorações cívicas. Na Figura 27, veem-se alunos do colégio concentrados para as comemorações cívicas da independência: a fanfarra, os alunos uniformizados como que assistidos pelas frondosas mangueiras que rodeavam o seu pátio central.

Figura 27- Preparativos para a comemoração da Independência



Fonte: ACERVO HISTÓRICO DO COLÉGIO ARNALDO, s.d. Provavelmente, década de 1930.

O colégio funcionava também como seminário, acolhendo aqueles que desejavam abraçar a carreira religiosa em seu curso preparatório. A seguir, a Figura 28 mostra uma foto dos seminaristas do ano de 1922, infelizmente não identificados individualmente como nas demais fotos publicadas nos Anuários. Proporcionalmente ao número de alunos do colégio, não é possível dizer que houvesse um número elevado daqueles que seguiriam a carreira religiosa. Esse é um fato que nos leva a considerar que havia, entre jesuítas e verbitas, uma diferença na intensidade da prática no alcance dos objetivos e na forma de cumprirem sua missão. Mesmo que se considere a evolução cultural, era de se esperar que fosse mais intensa a ação na formação de quadros missionários.

Figura 28 - Seminaristas de 1922



Fonte: ANUÁRIO 1923. ACERVO HISTÓRICO DO COLÉGIO ARNALDO.

As festas de fim de ano também eram motivo de notícias em jornais por movimentarem a cidade. Em 1915, o jornal *A Noite*, do Rio de Janeiro, noticiava a festa de final de ano no Colégio, destacando a atividade teatral e a participação do “batalhão de alunos”. O curioso é que houve uma arrecadação de fundos para ajuda a vítimas da seca no

Nordeste, fato que demonstra, desde cedo, ser uma das preocupações do colégio o envolvimento de seus alunos em causas sociais. Nos dias atuais acontece o mesmo.

Anteriormente à inauguração do teatro do colégio, essas atividades aconteciam no teatro Municipal.

Pró flagelados do Nordeste

Os alunos do Colégio Arnaldo (congregação do Verbo Divino) vão encerrar o ano letivo com uma festa de programa variado, dramático e esportivo.

O montante das entradas do teatro Municipal, onde se realizará a festa, será em benefício dos compatriotas dos Estados do extremo nordeste, vítimas da seca.

Constam do programa a representação de duas peças teatrais e assaltos de esgrima de baioneta, dirigidos pelo tenente Herculano d'Assumpção, instrutor militar do Colégio Arnaldo, cujo batalhão de alunos fará uma passeata pela cidade domingo próximo (A NOITE, 30.11.1915, p. 5).

Havia também as premiações aos melhores do ano que aconteciam no salão de festas. Delas participavam todos os alunos, apresentando os resultados de suas atividades. A prática de encerramento do ano com apresentações artísticas acompanha a vida escolar dos alunos desde a inauguração do colégio. O nome dos premiados era divulgado no anuário.

À noite realizou-se a distribuição dos prêmios de aproveitamento e comportamento. Esta cerimônia revestiu-se de solenidade e teve lugar no salão de festas.

Tendo a diretoria do Colégio instituído um prêmio denominado "Arnaldo", em homenagem ao exmo. e revmo. padre Arnaldo Jansen, fundador da Congregação do Verbo Divino, foi ele conferido aos alunos Antonio Couto, da divisão dos maiores do internato, Geraldo Porto Botelho, dos menores do internato, e Dirwan Lima, do externato.

O prêmio "Arnaldo" consiste em três medalhas de ouro e uma redução de 15% no preço da pensão do internato e 50% na mensalidade do externato.

Além dos prêmios de aproveitamento e comportamento foram também distribuídos outros aos alunos que fizeram parte do coro colegial, da orquestra e dos ajudantes das missas.

Às 19 e meia hora realizou-se a sessão cinematográfica, exibindo-se na tela do "Cine-Arnaldo" o drama em 7 partes "A Chama da Vida" em que toma parte saliente a atriz Priscilla Dean, e a comédia em 1 ato "Cara dura" de Berth Roach (COLÉGIO ARNALDO, 1923).

Essas comemorações e entregas de prêmios tinham um significado especial, como um rito de passagem e de vitória. No Anuário de 1923, compara-se o momento da festa de encerramento do ano com o término de uma batalha.

O término da luta é sempre agradável aos combatentes, mesmo para aqueles que saem do campo com as armas quebradas ou vencidas.

Não sei se concordam comigo os combatentes da luta escolar.

A se julgar pelo espetáculo encantador que se realiza nos dias 14 e 15 de novembro...

A confusão agradável dos preparativos de viagem, a barulhada dos martelos a pregarem fechaduras nas malas, e sobretudo a alegria sorrindo nos semblantes da meninada, tornavam o dia 14 de novembro o mais agradável do ano de trabalhos colegiais.

No dia 15 pela manhã fomos dar graças a Deus.

Às oito horas, mais ou menos, iniciaram-se as provas finais dos campeonatos de xadrez, damas, ping-pong, moinho e bilboquet. [...] todos os campeões receberam como prêmio um aparelho do jogo de que foram proclamados campeões (COLÉGIO ARNALDO, 1923).

A prática da premiação, explica Franca (1952), não foi inventada pelos jesuítas – e nem pelos verbitas – mas era utilizada por ambos com a intenção de motivar seus alunos a vencerem os desafios da disciplina, da ordem e dos conteúdos disciplinares. Não é sem razão que os verbitas usam a expressão “término da luta”, o que deveria ter mais sentido ainda para aquele que frequentasse uma escola missionária jesuítica do século XVIII.

Drummond, como já foi dito, estudou em colégio jesuíta, em Nova Friburgo. Dos muitos temas ligados a sua vida de estudante, escreveu também sobre a premiação em *Certificados escolares* (ANDRADE, 2011, p. 278):

I
Do certame literário
deste grande educandário,
o nosso aluno mineiro,
pacato, aplicado, ordeiro,
sai louvado com justiça,
por ter galgado na liça
este sonhado ouropel:
o posto de coronel
em francês, inglês, latim.
Que Deus conserve assim.

Pode-se sintetizar como era a relação entre professores e alunos do colégio por meio da história de padre Guilherme Gross, um dos mais longevos, vivendo no colégio entre 1921-1974.

Nos tempos aqui abordados – 1912 a 1922 –, os professores tinham o hábito de darem *coque* (leve pancada na cabeça com os nós dos dedos) nos alunos como forma de repreensão a alguma atitude fora da disciplina. Entre os padres do Colégio, tornou-se famoso o padre *Coqueiro*, que lá chegou em 1921.

Além de gostar de dar coques nos alunos, padre Guilherme Gross era muito alto e magro, parecido com um coqueiro. Por ter permanecido no colégio por muitos anos, quando de seu falecimento, em 1974, recebeu homenagens e foi motivo de notícia no principal jornal da cidade, o jornal Estado de Minas (12.08.1974). O título da notícia revela uma relação mista

de temor e carinho que os alunos mantinham com os seus professores mais rigorosos: “Padre Coqueiro não é mais temor. É saudade”.

No corpo da matéria jornalística lê-se:

Padre Coqueiro não é mais temor. É saudade

“Lá vem o padre Coqueiro”. E os alunos do Colégio Arnaldo – dos anos 20 a 40 – espalhados pelos corredores do imenso edifício da avenida Bernardo Monteiro, silenciavam ao ouvir o seu estridente apito. E cabisbaixos, entravam para as salas, em ordem. Sua figura de mais de 1,90m impunha respeito e bastava o seu olhar firme e enérgico para conter uma indisciplina – “coisas de adolescentes”.

Há pouco mais de dois anos, preso numa casa e semiparalítico, o padre Coqueiro deixou de andar pelos corredores do colégio, subindo e descendo escadas, com o apito na boca ou como acontecia mais recentemente, empunhando sua famosa bengala. “E toma bengaladas”, assim o velho padre cumprimentava os alunos, numa forma toda sua de demonstrar o seu amor pela disciplina do colégio onde era o padre prefeito.

“Quando a estima é muito grande, é fácil ou possível um tempinho para matar a saudade”. Foi o que disse o arquiteto Joaquim Nunes Valério, ex-aluno do padre Coqueiro. “Lembro-me direitinho daquela saudosa época que o chamavam de padre prefeito. E se a gente hoje volta aqui trazendo estas lembranças, é porque atrás daquela cara feia e daquelas atitudes enérgicas, havia um grande coração. Os valores do ensino e educação eram outros, por isto, hoje, o compreendo e ainda mais quando uma pessoa consegue reunir as duas coisas, sem deixar de ser gente” (ESTADO DE MINAS, 11.08.1974).

Na sequência narra-se um dos episódios mais significativos da história do Arnaldo: o fechamento do colégio em 1917.

3.4 Vida interrompida: a invasão do Colégio

O cenário das crônicas de Drummond sobre a vida estudantil do Colégio Arnaldo sofreria um abalo em novembro de 1917. A cidade passa a viver um clima tenso em razão do cenário de guerra. Um navio brasileiro havia sido torpedeado por submarinos alemães, nos primeiros meses daquele ano. Iniciam-se inúmeras reuniões e atos públicos de protestos. Em abril, o navio *Paraná* foi afundado, motivo para recrudescimento de “manifestações antigermânicas, havendo a multidão saído em marcha pelas ruas da cidade após uma reunião no Teatro Municipal” (BADARÓ, 2000, p. 44). A multidão pressiona para uma declaração de guerra contra os alemães.

O clima na cidade é acirrado e não poderia deixar de afetar a vida do Colégio. Os alunos externos pressionam os internos a abandonarem os estudos. Forma-se um “Comitê Patriótico Acadêmico”, recebido pelo presidente do Estado no Palácio do Governo.

Em outubro de 1917, o Diretor da Faculdade de Medicina é encarregado pelo Secretário do Interior para que investigasse o Colégio Arnaldo. Em carta ao Secretário, o Dr.

Cícero Ferreira narra o resultado da investigação: nada foi encontrado que depusesse contra os padres alemães, mas por prevenção recomenda a tomada de posse do edifício pelo Governo. Na justificativa, a arquitetura do prédio e curiosamente, a “conhecida a educação do povo allemão, feita nos moldes da moral jesuíta”. (FERREIRA, 1917)

Illmo. Exmo. Sr. Dr. Americo Lopes D.D. Secretario do Interior.

Respeitosas saudações

Tendo recebido de V. Excia. A incumbência de inspecionar o Collegio Arnaldo, venho comunicar-lhe que hontem percorri todo o precio e de um exame tão detalhado quando se foi possível fazer, não consegui apurar a existência de coisa alguma que denotasse acto de espionagem por parte dos alemães ali domiciliados. Entretanto a solida construcção do edifício, toda de cimento armado, oferecendo solidez exagerada ali onde não se costuma a exigil-a: a posição estratégica de quatro torreões que dominam a cidade em todas as direcções, levaram-me ao espirito a convicção de que com quatro pequenos canhões montados naqueles pontos dominantes, Bello Horizonte pode ser basicamente arrasada. A importação desses elementos de guerra não é difficil, dada a possibilidade de virem elles desmontados a titulo de material de construcção e dada a existência de mecanismos habilíssimos entre os padres que poderão installa-los convenientemente.

São fatos puramente hypotheticos; mas nas condições de beligerância em que nos achamos e conhecida a educação do povo allemão, feita nos moldes da moral jesuíta para a qual o fim justifica os meios; parece-me medida de policia preventiva e altamente justificada, a tomada de posse, ainda que temporária, daquelle edificio, com a sahida dos padres e empregados allemães para outro prédio menos perigoso.

Agindo assim, o Governo não vae de encontro as leis em vigor, porquanto a mim declararam os padres que estam promptos a entregar o prédio aos poderes constituídos e nem mesmo se deve receiar o pedido de indemnizações ultteriores; porque, dado o oferecimento dos padres, o Governo se constituiria simples depositário daquelle próprio.

Deste modo, o Governo se libertaria de graves responsabilidades e attenderia a população que se mostra fundamente revoltada conta a existência e funcionamento daquelle estabelecimento nos dias de hoje.

Saúde e Fraternidade

Cícero Ferreira.

Os padres também buscaram tomar providências para evitar uma possível retaliação pelo fato de serem germânicos. O jornal O Paiz noticiava o comparecimento dos padres ao palácio do Governo: “entregaram como garantia do prédio e de vidas, nas mãos do presidente, o único francez da congregação e director, padre Piquet, nascido na Alsacia”. A mesma nota diz que “O director da ‘Imprensa Official’ dispensou hoje dois empregados alemães”. Diz o autor da notícia, correspondente do jornal em Belo Horizonte:

BELLO HORIZONTE, 3 (P.) – Acabo de saber, depois de ter feito observações, que o ex-consul allemão aqui, mantendo volumosa correspondência, tem a originalidade de endereçar cartas e bilhetes postaes, escritos em allemão, a um mesmo nome e rua, para diversos pontos, o que faz supor tratar-se de senha de espionagem.

A correspondência epistolar não sofre censura.

Os padres do Collegio Arnaldo foram hoje ao palácio do governo e entregaram como garantia do prédio e de vidas, nas mãos do presidente, o único francez da congregação e director, padre Piquete nascido na Alsacia. Todo o elemento clerical é

sabidamente germanófilo. O director da “Imprensa Official” dispensou hoje dois empregados alemães.
Até agora a polícia se mantém apenas em suave vigilância (O PAIZ, 04.11.1917, p. 6).

A garantia oferecida e a vigilância da polícia não foram suficientes para impedir que no dia 5 de novembro, o colégio fosse invadido por estudantes da faculdade de medicina.

A invasão não era esperada e não houve aviso prévio aos padres. Provavelmente, a consulta aos padres pelo Dr. Cícero Ferreira sobre a liberação do prédio tenha sido feita de maneira informal, no meio da conversa, e a aquiescência tenha ocorrido desde que dentro da ordem.

Mourão (1970, p. 242) narra os episódios:

O primeiro estabelecimento da Capital visado foi o Colégio Arnaldo, cujos padres eram de nacionalidade alemã. Os estudantes, a princípio resolveram fazer um apelo aos pais que tinham filhos no Colégio Arnaldo para retirá-los. Formaram eles o “Comitê Patriótico Acadêmico”, sendo seus membros recebidos pelo Presidente Delfim Moreira.

Na noite de 2 de novembro, passaram os estudantes à violência apedrejando o edifício do Colégio Arnaldo de cujas proximidades foram expulsos pela cavalaria. Depois forma à Padaria Alemã, obrigando o proprietário a retirar a tabuleta da fachada. Continuando as tropelias, a multidão arrancou a placa da Alfaiataria Wilke de um austríaco radicado na capital.

No dia 4 de novembro, houve outro comício. Reunida na Avenida Afonso Pena, a multidão delirante subiu a Rua da Bahia levando a Bandeira Nacional.

O mais grave, porém, ocorreu no dia seguinte, quando a mocidade das escolas foi fechar o Colégio Arnaldo.

A respeito do apedrejamento, Padre Mathias escreveria: “Nesta mesma noite, pouco antes da meia-noite, o nosso colégio foi atacado a pedradas. Pouca gritaria. Duraram uns 15 minutos. Todas as janelas do primeiro andar tinham sido abertas e o estrago não foi muito grande”. (CHAGAS, 2014, p. 30). Continua em suas anotações o Padre Mathias:

Já tinham me alertado, na véspera, que o Comissário de Polícia, encarregado do nosso distrito, não era confiável. Pena! Basta que apareça um patriota exaltado, ou um bando de italianos.... Seria fácil colocar uma bomba de dinamite em nossa casa (CHAGAS, 2014, p. 31).

Antes da invasão do Colégio, os alunos de outras escolas e da Medicina “reuniram-se na Faculdade de Medicina e dali partiram para o edifício, nele penetrando e declarando-o ocupado. Os alunos do internato aderiram ao movimento e passaram a dar vivas ao Brasil, enquanto os padres se refugiavam no terceiro andar do prédio” (BADARÓ, 2000, p. 45).

Padre Mathias Willems narra o fato da seguinte forma:

“[...] durante o terceiro horário, eu estava dando aula de francês no segundo ano ginásial, quando se ouviu um ruído estranho na escadaria. Os alunos ficaram inquietos. Procurei tranquilizá-los. Dado o sinal de campainha para o término da aula, a porta foi aberta de supetão, aparecendo no vão dois rapazes. A casa inteira estava cheia, ocupada por 400 estudantes de Medicina exigindo que o reitor fechasse o colégio (CHAGAS, 2014, p. 29).

Cançado (1999, p. 44-45) transcreve o discurso realizado pelo Dr. Cícero Ferreira, Diretor da Faculdade de Medicina, por ocasião da posse do Colégio, acrescentando que esse discurso “ainda perturba a memória do colégio”:

Nós fomos coagidos a entrar nesta casa pelo imperialismo alemão, não apenas de nação contra nação, mas o império alemão obriga seus súditos a fazer a guerra contra todos que ele aponta como inimigos, onde quer que se encontrem. É por isso que vamos arrebatá-la esta casa das mãos de indivíduos que são obrigados a dar a pior orientação a nossos jovens.

No entanto, no próprio discurso, o Professor diz que, após ter realizado fiscalização detalhada no cotidiano do colégio durante duas horas, não encontrou “nada que merecesse desconfiança” (CANÇADO, 1999, p. 45). Prossegue dirigindo o seu discurso para a estrutura do Colégio:

Mas constatei que este prédio é uma estrutura tão sólida que não se usa em nossa terra. Constatei que esse prédio possui quatro torres nas quais podem ser facilmente instalados canhões leves, com auxílio dos quais seria uma brincadeira arrasar a nossa magnífica capital mineira (CANÇADO, 1999, p. 45).

O Diário de Minas de 06 de novembro de 1917 utiliza como manchete a expressão “Estado de Guerra” e noticia que após a invasão foi hasteada a bandeira nacional no alto do edifício (CHAGAS, 2014, p. 31). O Paiz da mesma data narra com mais detalhes a invasão.

BELLO HORIZONTE, 5. (A) – Cerca de quinhentos acadêmicos das escolas superiores daqui, principalmente da de Medicina, dirigiram-se ao Collegio Arnaldo, intimando os padres Allemães a fechar o mesmo e entregar 40 alumnos internos. Os padres mandaram chamar o fiscal do Collegio, Dr. Cicero Ferreira que, comparecendo, dirigiu um patriótico e veemente discurso aos manifestantes, aplaudindo a atitude pelos mesmos assumida. Os professores de medicina, Drs. Borges da Costa, Samuel Libanio e Alvaro Barros foram, em comissão, a palácio, comunicar o facto ao Dr. Delfim Moreira, presidente do Estado.

Os alumnos foram retirados do Collegio e recolhidos a um hotel, à disposição dos seus paes, enquanto os padres preparam as malas, devendo abandonar o estabelecimento hoje mesmo.

Por ocasião da estadia daquelas autoridades no edifício do Collegio lá se encontravam alguns lentes e grande número de estudantes dos nossos cursos superiores, os quaes pouco depois se retiraram levando as chaves do edifício, que estão em poder da polícia, tendo o Dr. Noronha Guarany, delegado auxiliar, sido incumbido do arrolamento dos bens existentes (O PAIZ, 06.11.1917, p. 2).

Diante de tamanha violência, não restava aos padres abandonarem o Colégio, não sem antes cuidarem de guardar as obras do artista alemão William Schumacher, a Via Sacra. Cançado (1999, p. 45) encerra a narrativa desse episódio dizendo que “os verbitas tiveram a via sacra própria naquele novembro de 1917”.

O aluno Gustavo Capanema narraria os acontecimentos a seu pai, em carta escrita no dia 6 de novembro de 1917, da qual, por sua relevância, transcreve-se os principais trechos:

Meu Pai.

Logo que foi declarada a guerra entre o Brasil e a Alemanha, os estudantes daqui manifestaram o desejo do fechamento do Colégio Arnaldo que, como você sabe, foi dirigido por padres alemães. Para chegar a esse intento espalharam diversos boletins, nos quais pediam aos pais que retirassem seus filhos do colégio o quanto antes. Porém não foram ouvidos, pois o estabelecimento continuou a funcionar regularmente.

Em vista disso os acadêmicos se dirigiram para lá e obrigaram aos padres o fechamento imediato do colégio. Foi ontem à uma e meia da tarde. Os alunos internos foram entregues aos respectivos correspondentes. Alguns não os têm, entre os quais eu também. Fomos, pois, entregues ao Sr. Secretário do Interior que nos colocou em uma pensão familiar por conta do Estado, até que os pais deliberam o que se deve fazer. Muitas coisas sobre o fato acontecido queria eu lhe contar; estou, porém, reservando-as para quando estivermos juntos.

[...] O dinheiro com que os alunos pagaram a mensalidade de novembro adiantadamente não foi restituído e certamente não o será. Haverá exames no ginásio. É, pois, preciso que eu fique aqui até dezembro. [...]. Preciso tomar professores particulares de algumas matérias, para concluir o curso interrompido. Arranjei aulas de português e francês como Dr. Morais por 15 por mês. Aulas de alemão vou contratar hoje. Para geografia não preciso de professor. [...] O Sr. Santos mandou chamar-me para ficar na sua pensão. Dá-me tudo que precisar, como cama, colchão, bacia, um quarto (para dois rapazes: para um dos meus melhores amigos, Gabriel Passos, que também não tem correspondente e ficará aqui para fazer exames no ginásio e para mim) por 70 por mês. [...]. Como vê você, foi um ato bem violento esse fechamento tão imediato e imprevisto do colégio. Deu grandes despesas aos pais dos alunos.

Quanto ao destino dos padres eu nada sei. No colégio eles não estão. O estabelecimento está fechado e guardado pela polícia.

[...] Confiemos em Deus e tenhamos coragem.

Abençoe o seu Filho.

Gustavo

NB - Peço-lhe que não mostre essa carta a ninguém. (BADARÓ, 2000, p. 45)

Os padres abrigam-se em outros colégios ou sedes de congregações, inclusive no Colégio do Caraça.

No início do ano seguinte, “por determinação do Presidente da República Wenceslau Brás”, segundo Cançado (2011, p. 45), as adversidades já haviam sido superadas. “A cidade voltara a ‘adotar’ o seu colégio Arnaldo”, nas palavras de Cançado (2011, p. 45). Mas, se o relacionamento com a cidade voltara ao normal, o episódio deixara suas marcas. Anos depois, por ocasião da Segunda Guerra Mundial, os padres verbitas, temendo uma nova retaliação em razão de sua origem, fizeram um comunicado público reafirmando seu compromisso com a nação brasileira e com o esforço de guerra. Fizeram também uma campanha pública de arrecadação de recursos e conseguiram doar um avião ao Governo. Professores escreveram manifesto público em defesa do colégio.

3.5. Vida que segue: Cronologia do Colégio Arnaldo

Hoje, o Colégio Arnaldo continua fazendo história em seus bancos escolares e formando pessoas, não mais exclusivamente na escola média, mas em toda a cadeia evolutiva do ensino: fundamental, médio e superior.

De forma rápida, narra-se neste momento a trajetória do colégio até os dias atuais e traz-se ao conhecimento ex-alunos que, de alguma forma, deixaram marcas na vida nacional.

Frisa-se, e não podia ser diferente, que não se atribui e nem há elementos suficientes para tal, a responsabilidade ao Colégio Arnaldo e às demais instituições educacionais pelos resultados alcançados por estes ex-alunos em suas atividades públicas. Por outro lado não há como negar essa influência, uma vez que um dos objetivos das instituições de ensino é o estabelecimento de vínculos com o mundo do trabalho e à política social (BRASIL, 1996). Se não fosse assim, não haveria necessidade do estabelecimento de um ambiente escolar preocupado com a socialização, com a qualidade do relacionamento entre professores e alunos, com a metodologia de ensino, atendo-se somente ao repasse de conteúdos programáticos.

Como foi visto na história do colégio Arnaldo, a convivência entre seus alunos e professores teve papel relevante nas décadas de 1910 e 1920, através de diversas práticas sociais existente no cotidiano escolar. Em menor proporção, esse ciclo se repetiu com as demais turmas de egressos, fato comprovado pelos encontros frequentes entre ex-alunos nos dias atuais e a presença de muitos deles nas comemorações do centenário do colégio.

Em 1920, quando a Congregação do Verbo Divino completou 25 anos de Brasil, houve uma solenidade comemorativa. O ex-aluno Gabriel Passos³⁹, foi um dos oradores.

Em seu agradecimento emocionado aos padres verbitas, o jovem Gabriel Passos afirmou: “Aqui aprendemos a ter um ideal e a alimentá-lo. E feliz é a mocidade que concebe um ideal, se bate por ele, que por ele morre.... Aqui aprendemos a ser jovens, porque só é juventude a sã e iluminada. Só há juventude nos que trabalham, com entusiasmo, para o futuro. E nós aprendemos a trabalhar [...]. Agradecemos-vos, como brasileiros, os benefícios que à nossa amada terra trazeis” (GHAGAS, 2014, p. 95).

Após os seus dez primeiros anos, alguns fatos marcaram a trajetória do Colégio Arnaldo. Fatos de natureza estrutural, como a inauguração da piscina suspensa; mudanças culturais, como a entrada de alunas em 1967; a abertura para alunos carentes, na década de 1970; a morte de padre Symalla; a prisão de padre Natanael por militares.

Apresenta-se a seguir um breve relato cronológico de principais acontecimentos históricos na sequência do colégio Arnaldo após os dez primeiros anos de vida, segundo Cançado (1999) e Chagas (2014), com adaptações.

- 1926 Inauguração do Teatro com a presença do Presidente do Estado Antonio Carlos.
- 1927 Equiparação ao Colégio Pedro II.
- 1930 Revolução de 1930.
- 1932 O colégio atinge o número de 1.200 matriculas.
Lançada a publicação “Ginásio Arnaldo”, revista mensal de 10 páginas.
- 1936 Término da construção do colégio.
Realização do II Congresso Eucarístico – participação ativa do colégio na organização.
- 1939 Campanha de doação de um avião para a FAB.
Manifesto de professores a favor do colégio contra o “germanismo”.
- 1942 Composição do “Hino do Colégio Arnaldo”: “Nós te saudamos, belo educandário / Colégio Arnaldo do saber fanal. / Da sã ciência és o lampadário. / Da fé robusta és guia sem igual// Em teu regaço a nossa mocidade / Aprende sempre a Pátria enaltecer / E de Jesus a excelsa divindade / Também aprende a amar e bem-querer. [...]

³⁹ Ex-ministro de Estado no governo João Goulart.

- 1947 Evento público: visão do eclipse através do telescópio do colégio (descido da torre).
- 1948 Criação do Seminário “Arnaldinum São José” – futuro colégio Arnaldinum.
- 1949 Alunos do Arnaldo lançam o “Cine-grátis” que levava sessões de cinema às praças de Belo Horizonte.
- 1952 Término do internato.
Início de construção da piscina suspensa.
- 1955 Inauguração da piscina pelo cardeal Dom Cabral.
- 1957 Greve de alunos secundaristas contra aumento das mensalidades das escolas de Belo Horizonte.
Falecimento do Pe. Afonso Wenger, responsável pelo observatório astronômico, pelo Museu de Mineralogia do Colégio Arnaldo, um dos pioneiros do colégio.
- 1960 Falecimento do Pe. Piquet, primeiro diretor e fundador do colégio.
- 1962 Cinquentenário do Colégio.
- 1967 Abertura do colégio ao ensino feminino.
- 1970 Primeiro diretor brasileiro: Pe. Octávio Vinicius Roscoe.
Prisão de Pe. Natanel, por participar da JOC (Juventude Operária Católica).
Implantação de metodologias baseadas nas ideias do educador Carl Roger, “Liberdade com Responsabilidade”, e de A. S. Neill, “Liberdade sem medo”.
Criação de Conselhos de Classe e da autoavaliação do aluno.
- 1971 Retorno de Pe. Natanel da prisão de Ilha Grande.
Criação do SOE (Serviço de Orientação Educacional).
- 1972 Falecimento do Pe. Symalla, que estava no colégio desde 1915.
- 1973 Falecimento do Pe. Luís Roth, professor de biologia, descobridor de uma planta nativa da Serra do Curral e que leva seu nome: *Mikania rothii*.
- 1974 Falecimento do Pe. Gross (Pe. “Coqueiro”).
- 197- Abertura do colégio a alunos carentes: 500 bolsas.
Utilização de vídeos em sala de aula.
Lançamento do “Arnaldo Infantil”: Ensino Primário.
Cessão do espaço do colégio para funcionamento da Faculdade de Direito Milton Campos – fundada por ex-alunos do colégio.
Lançamento das Olimpíadas do Colégio Arnaldo.
- 1976 Crise financeira. Renúncia de Pe. Roscoe. Manifestação de alunos para seu

retorno, além dos muros do colégio, com repressão policial.

- Década de 1980 Ocupação das instalações do colégio por outras instituições como saída para a crise (aluguel): Instituto Goeth, INAP – escola de desenho, lojas comerciais na área externa.
- 1984 Primeira gestão leiga: Prof. Gabriel Reis Valle.
- 1990 Começo da retomada dos espaços ocupados por terceiros.
Início da ação social no bairro Taquaril.
Início do Centro Pastoral Santo Arnaldo Janssen.
Início das atividades educativas por meio de viagens de estudos.
- 1992 Tombamento do prédio do colégio e seu entorno pelo Patrimônio Histórico.
- 1997 Reconhecimento da população como a “decoreção natalina mais bonita da cidade”
Falecimento do Pe. Roscoe.
- 1998 Elevação do número de matrículas a 2.300 alunos.
- 2000 Reinauguração da biblioteca do Colégio, que passa a ter o nome do poeta Carlos Drummond de Andrade. Possui 41.000 livros em seu acervo.
- 2002 Criação da Faculdade Arnaldo com cursos de Administração e Direito.
- 2014 Lançamento do livro comemorativo de 100 anos do Colégio.
Inauguração da restauração da pintura do Colégio.

Essa movimentação permitiu a presença constante de alunos e uma atualização permanente nas metodologias educacionais e na estrutura para suportá-las. A seguir, relaciona-se alguns dos alunos que passaram pelo colégio Arnaldo, acompanhado de sua principal atividade na sociedade. No Apêndice A, há uma biografia detalhada de cada um deles.

3.6 Alunos de destaque na vida nacional

Atualmente, as instituições de ensino dos níveis fundamental e médio são avaliadas e definidas qualitativamente a partir do resultado alcançado por seus alunos nos exames nacional de proficiência – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Não deveria ser exclusivamente assim.

Numa sociedade em que a visibilidade é um valor, ter ex-alunos de destaque, de atuação social perceptível e valorizada socialmente, deveria ser um dos aspectos a ser observado em uma instituição escolar. “Quem são (foram) seus ex-alunos?” seria uma das

formas de avaliar a qualidade de ensino de uma instituição ou, pelo menos, um de seus mais significativos indicadores de qualidade.

O desenvolvimento humano é um processo complexo sujeito a inúmeras influências e dentre estas, a escola é uma das mais significativas.

Os alunos do Colégio Arnaldo tinham entre 14 e 17 anos à época de sua fundação, quando ali estudaram. Fase da vida denominada adolescência; etapa da formação caracterizada pela consolidação de seus valores e seu desenvolvimento cognitivo. Valores que são de ordem moral, política, religiosa, social e que definirão seu grau de alienação ou de ativismo perante a sua própria vida (e a sociedade) (MUSSEN; CONGER; KAGAN, 1977). Portanto a escola, ainda mais a escola no modelo de internato, de convivência intensiva, cumpre um papel relevante na formação do “homem” nessa fase de transição entre a criança e o adulto.

Outro aspecto que chama a atenção é a ausência de citação de escolas primárias e secundárias na maioria das bibliografias pesquisadas. Passa-se, normalmente, a contar a formação da pessoa a partir do ensino universitário, tempo da formação profissional. Ora, se no Brasil, se há preocupação com a melhoria de qualidade do ensino básico e fundamental e sua valorização, ignorá-los mesmo que biograficamente parece ser um contrassenso, uma forma de perpetuação da desvalorização da base educacional do biografado.

O Quadro 4, apresenta relação de alunos do Colégio Arnaldo que alcançaram projeção social em suas áreas de atuação. Durante a realização desta pesquisa encontramos duas iniciativas de elaboração de uma relação desta natureza. Estas iniciativas estavam rascunhadas em documentos do acervo histórico do colégio e demonstra uma preocupação que, infelizmente, não teve sequencia e, portanto, amplitude. Apenas nomes de maior projeção ou de mais fácil identificação são destacados na bibliografia sobre o colégio ou mantidos também em destaque no acervo histórico. São exemplos a ficha de matrícula de Ivo Pitanguy e o boletim de notas de Guimarães Rosa.

O critério de seleção aqui utilizado foi o destaque (menção) recebido pelo aluno nas publicações citadas e a disponibilidade de informações biográficas. Outros nomes foram encontrados, mas por não atenderem aos critérios acima, foram retirados da relação.

Na ausência de dados que confirmem com exatidão o período de presença no colégio, fixamos a provável década como referência, considerando 14 anos como a idade média de entrada no colégio – nas décadas de 1910-1920. Cita-se pelo menos uma fonte de informação que relacione o ex-aluno ao colégio.

Quadro 4 - Ex-alunos do Colégio Arnaldo: destaques na vida nacional

Aluno	Década	Atividade	Indicativo de Presença
Abgard de Castro Araújo Renault	1910	Professor. Ministro da Educação. Membro da ABL	Cançado (1999)
Afonso Arinos de Mello Franco	1910	Jurista. Membro da ABL	Cançado (1993)
Carlos Drummond de Andrade	1910	Escritor. Chefe de Gabinete no Ministério da Educação. Funcionário do SPHAN.	Cançado (1993)
Gabriel de Resende Passos	1910	Político. Ministro no Governo João Goulart. Procurador Geral da República (1936-1945).	Calicchio (2001)
Gustavo Capanema	1910	Advogado. Ministro da Educação (1934-1945)	Cançado (1993)
Mario Casassanta	1910	Professor. Reitor da UFMG.	Chagas (2014)
Milton Campos	1910	Advogado. Governador de Minas. Ministro da Justiça.	Cançado (1999)
Américo Jacobina Lacombe	1920	Escritor. Membro da ABL.	Academia Brasileira de Letras
Geraldo de Proença Sigaud (Dom Sigaud)	1920	Arcebispo da Diocese de Diamantina	Acervo Histórico do Colégio Arnaldo.
Raimundo Cândido	1920	Ex-presidente da OAB. Professor da UFMG.	Chagas (2014)
Hilton Rocha	1920	Médico. Fundador do Instituto de Oftalmologia Hilton Rocha.	Chagas (2014)
Ivan Monteiro de Barros Lins	1920	Médico. Presidente do Tribunal de Contas da União (1951-1953). Membro da ABL.	Academia Brasileira de Letras
João Guimarães Rosa	1920	Escritor. Médico. Diplomata. Membro ABL.	Chagas (2014)
Lúcio Cardoso	1920	Escritor, dramaturgo e poeta.	Carelli (1988)
Fernando Sabino	1930	Jornalista, escritor.	Colégio Arnaldo (2016)
Ariosvaldo Campos Pires	1940	Jurista. Diretor da Faculdade de Direito UFMG.	Chagas (2014)
Célio de Castro	1947-1954	Médico. Prefeito de Belo Horizonte (1997-2003).	Cançado (1999)
Ivo Pitanguy	1940	Médico. Cirurgião Plástico. Membro da Academia Brasileira de Letras.	Chagas (2014)
Roberto Drummond	1940	Escritor. Jornalista.	Colégio Arnaldo (2016)
Herbert José de Souza (Betinho)	1950	Sociólogo. Fundador do Movimento Fome Zero.	Colégio Arnaldo (2016)
Fernando Brant	1960	Músico. Compositor. Membro do Clube da Esquina.	Chagas (2014)
Henrique de Souza Filho (Henfil)	1960	Cartunista. Escritor.	Chagas (2014)
Patrus Ananias	1960	Ministro de Estado da Ação Social. Prefeito de Belo Horizonte. (1993-1996).	Chagas (2014)
Paulo Brant	1960	Economista, engenheiro.	Chagas (2014)
Toninho Horta	1960	Músico. Instrumentista premiado várias vezes no mercado internacional.	Chagas (2014)
Carlos Herculano Lopes	1970	Escritor. Jornalista.	Chagas (2014)
Ivan Drummond	1970	Jornalista.	Chagas (2014)

Fonte: ACERVO HISTÓRICO COLÉGIO ARNALDO; CANÇADO, 1993 e 1999; CHAGAS, 2014; ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, COLEGIO ARNALDO (2016).

Estes registros são poucos em relação ao grande número de alunos que frequentaram as salas do colégio desde a sua fundação. Por outro lado, mesmo que se saiba existirem muitos outros, seria muito difícil uma identificação apenas pelo nome do aluno, constante nos registros escolares. Como identificar que Henrique de Souza Filho, é o nome de um famoso cartunista, jornalista e escritor, conhecido como Henfil, aluno do colégio na década de 1960? O registro escolar, per si não é suficiente para essa identificação, demandando tempo, recursos e uma pesquisa extensa sobre cada um de seus ex-alunos.

No próximo capítulo descreve-se a trajetória de ex-alunos do Colégio Arnaldo entre 1916-1918 que tiveram destaque na história da educação e na cultura brasileira: Abgar Renault, Carlos Drummond de Andrade e Gustavo Capanema.

4 OS ARNALDINOS E O MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

*Mineiro sai de Minas sem que Minas saia dele.
Fica uma saudade forte, funda, farta e fértil.*
Frei Beto.

Este capítulo começa com uma citação de Cançado (2011, p. 53), dando conta do “surgimento de uma primeira geração de intelectuais, de profissionais liberais, de políticos, de escritores, formada quase completamente em Belo Horizonte”. Essa geração formou-se nos grupos escolares criados por João Pinheiro e fez o ginásio e o colegial ou no Arnaldo ou no Ginásio Mineiro (CANÇADO, 2011). “Esses quadros dirigentes iriam fazer parte de uma geração que foi protagonista de uma mudança no esquema e no estilo de dominação política no Estado ao longo dos anos 20” (CANÇADO, 2011, p. 53).

A relação entre o colégio e a cidade continua intensa. Veem-se diversas atividades desenvolvidas pelo colégio que movimentam ou contribuem para a vida da cidade: o Tiro Collegial, as festas públicas, a recepção a visitantes ilustres, os desfiles cívicos e a maior das contribuições, o aproveitamento de um projeto arquitetônico abandonado.

O momento agora é além do período determinado no início da pesquisa.

Depois dos anos iniciais, os primeiros ex-alunos do colégio são estudantes do ensino superior ou atuando na cidade, ocupando cargos públicos, exercendo profissões (médicos, engenheiros, advogados, farmacêuticos).

Em 1926, o Colégio inaugurara o seu teatro, aberto à população. A relação com o Presidente Antônio Carlos continuava. Em julho de 1927, o então presidente do Estado envia carta para o Ministério da Educação e concretiza o sonho do Arnaldo em equiparar-se ao colégio Pedro II. Em 1928, durante o “Congresso Catequístico”, anuncia-se o decreto que reintroduz o ensino facultativo de religião nos estabelecimentos de instrução primária. “A sessão em que foi divulgado o decreto realizou-se no Colégio Arnaldo, no novo salão de festas, a cuja inauguração compareceu o Presidente. No mesmo dia, Antônio Carlos inaugura o Cineteatro” (CANÇADO, 1999 p. 55).

Alunos do Colégio fundam em 1928 a Associação de Ex-alunos da Congregação do Verbo Divino. Cançado (1999, p. 53) avalia que a formação da primeira diretoria da Associação é comprovação que o “Arnaldo tinha formado boa parte dos quadros dirigentes de Minas Gerais da década que se aproximava (além de toda uma geração de profissionais liberais)”.

Esses quadros dirigentes iriam fazer parte de uma geração que foi protagonista de uma mudança no esquema e no estilo de dominação política no Estado ao longo dos anos 20. O sociólogo e historiador Fernando Correia Dias, por exemplo, observa que, a propósito daquela geração (que estaria também à frente do modernismo literário em Minas), já não se podia falar tanto mais em ‘oligarquias’, no seu sentido mais tacanho e atrasado, mas em ‘elites’ mesmo. (CANÇADO, 1999, p. 53)

Dentre os membros desta primeira diretoria estavam Abgar Renault, Milton Campos e Gabriel Passos, colegas de colégio em 1916/1917.

Em 1930, a revolução eclode. A cidade está agitada. Houve resistência no 12º. RI, mas vencida rapidamente. A participação dos mineiros no movimento foi fundamental para o sucesso de Getúlio Vargas. O apoio do Presidente Antônio Carlos em contraposição a São Paulo garantiu o sucesso da empreitada. Esse apoio renderá frutos a Minas durante todo o governo Vargas e afetará diretamente a vida dos ex-alunos do Colégio Arnaldo.

Responsável, no início da década de 1920, pela formação escolar de boa parte dos que iriam constituir os quadros dirigentes de Minas Gerais na década que estava por começar, o Arnaldo, quisesse ou não, não teria como “fechar” suas torres aos novos ventos que sopraram na capital na década que estava começando. Assim, foi dentro dessas torres, conta Padre Gross, que a comunidade do Arnaldo assistiu, no dia 12 de outubro de 1930, o estrondo com que toda uma era se fechava dando início a uma outra: a Revolução de 30 (CANÇADO, 1999, p. 56).

Um novo, claro Brasil / surge, indeciso, da pólvora. / Meu Deus, tomai conta de nós. (ANDRADE, 2009, p. 46)

No início do período letivo de 1932, impulsionado pela equiparação ao Pedro II, o colégio tinha 1.200 matrículas. “Afinal de contas, ser formalmente equiparado, inclusive para efeito de inspeção, ao que era talvez o mais brasileiro dos colégios do país, era um belo certificado de ‘abrasileiramento’ para o Arnaldo” (CANÇADO, 1999, p. 60) e para a congregação de modo especial. Em 1936 considera-se terminada a obra do colégio: tinha 3 pavimentos, sótão, subsolo, torres e torreões; 200 metros de fachada e 600 janelas.

Consolidado o Colégio, consolida-se a sua influência na formação de parte da intelectualidade brasileira, responsável pelas mudanças advindas com a revolução de 1930. Neste contexto, seria impossível acompanhar a trajetória de todos os ex-alunos que frequentaram os bancos escolares do colégio Arnaldo entre 1912 e 1922, e que assumiram a condição de líderes regionais ou nacionais nas décadas futuras. Optou-se então, pela descrição da trajetória de três destes alunos, estudantes do ano de 1916/1917, que se conheceram no colégio, estabeleceram laços de amizade, prosseguiram suas carreiras nas repartições públicas de Minas Gerais e, a partir de 1934, seguem rumo à capital federal onde assumem funções no

Ministério da Saúde e Educação. São eles: Carlos Drummond de Andrade, Abgar Renault e Gustavo Capanema.

Não se tratará aqui de descrever a biografia detalhada desses ex-alunos, mas sim de retratar individualmente os passos seguidos por eles entre 1917 e 1934 e, de forma conjunta, a ação no Ministério da Educação e Saúde entre 1934 e 1945.

4.1 Carlos Drummond de Andrade

Carlos Drummond de Andrade, que era de Itabira do Mato Dentro (1902), tornou-se estudante do Colégio Arnaldo no início de 1917. Sua permanência no colégio foi curta. Com a invasão do colégio pelos estudantes de Medicina e com problemas de saúde, retorna a Itabira no final daquele mesmo ano. Estuda por algum tempo com professores da cidade e segue depois para Nova Friburgo, onde retoma os estudos no colégio dos jesuítas.

A vida no colégio jesuíta não é agradável, se comparada aos momentos que vivera no colégio Arnaldo. Quando retorna a Minas, expulso do colégio aos 17 anos de idade (1919), havia perdido a fé. “Perdi a Fé. Perdi tempo. E sobretudo perdi a confiança na justiça dos que me julgavam” (ANDRADE, 2011, p. 68).

Ainda escreveria em “Adeus Colégio”:

Adeus colégio, adeus vida
vívuda sob inspeção,
dois anos jogados fora
ou dentro de um caldeirão
em que se fritam destinos
e se derrete ilusões.
(ANDRADE, 2011 p. 280)

Em 1920, a família toda muda de Itabira para Belo Horizonte. Drummond, oportunista, aos 18 anos, já é colunista de primeira página do jornal “Diário de Minas”. Vira cronista da vida belo-horizontina, é um rebelde sem causa, vaga pela cidade, está livre. Conhece Pedro Nava, que lera um conto seu (“Rosita”) publicado na revista da Faculdade de Medicina. Ambos eram amigos de Anibal Machado, que, em sua casa, tinha um porão onde se reunia “um dos *clubes da esquina*⁴⁰, da geração e do grupo de Drummond” (CANÇADO, 1993, p. 82).

⁴⁰ Referência a movimento musical mineiro surgido na década de 1960, formado por Milton Nascimento e os irmãos Borges (Marilton, Márcio e Lô), aos quais se juntaram Flávio Venturini, Vermelho, Tavinho Moura, Toninho Horta, Beto Guedes e o letrista Fernando Brant.

Nesta época Belo Horizonte vivia o apogeu de sua *belle époque* tardia. Era hábito as reuniões de políticos e intelectuais nos cafés da cidade para discussões acaloradas sobre os temas do dia, a frequência aos cinemas e ao teatro, o *footing* nas praças e ruas da cidade, a vida noturna nos cabarés. Um destes grupos ficou conhecido como o Grupo do Estrela.

No perfil de Abgar Renault elaborado por Oliveira e Renault (1996) está incluído um *Depoimento* do ex-aluno do Arnaldo, amigo de Drummond. Nele Abgar fala de sua vida em Belo Horizonte – “o cinema Odeon, o Café Estrela, as andanças pela rua da Bahia, a avenida João Pinheiro, a rua Bernardo Guimarães”.

Em Belo Horizonte conheci minha esposa, lá fiz meus melhores amigos: Emílio Moura, Carlos Drummond de Andrade, Milton Campos, Dario de Almeida Magalhães, Gustavo Capanema, Mário Casassanta, Alberto e Mário, irmãos de Francisco Campos, e tantos outros (RENAULT, 1996, p. 34).

Por esse tempo, (1922) Carlos Drummond de Andrade incorporou-se ao grupo que se reunia no *Café Estrela* e fez-se amigo de todos. Lá nos encontrávamos quase todas as noites e ficávamos entregues aos chopes, cafés e versos até alta madrugada, quando voltávamos para casa, a pé: havia poucos táxis, nem eles eram necessários, pois naqueles dias longínquos tudo era perto e ninguém corria risco de ser assaltado e trucidado (RENAULT, 1996, p. 41).

Em 1924, o grupo do Estrela, na figura de Drummond, estabeleceria relacionamento com o grupo modernista de São Paulo, que realizou uma célebre visita a Belo Horizonte. Mario de Andrade, Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral, Paulo Prado, Olívia Guedes Penteadó e Blaise Cendrars, formavam o “grupo paulista”. Este momento seria decisivo para a vida do poeta e para a consolidação das ideias modernistas na cultura brasileira.

Oswald de Andrade, em entrevista ao jornal Diário de Minas (ANDRADE, 2009, p. 29) fala de suas impressões sobre a cidade, descrevendo a sua provisoriedade:

Não lhe posso negar que a primeira impressão que tive da Capital não foi das melhores. Vê-se na sua construção uma desordem banal copiada de todos os estilos, como infelizmente em São Paulo e Rio.

O que salva esse aspecto caótico e neológico da vossa Capital é a sua provisoriedade. Toda a pastelaria dos edifícios atuais desaparecerá pouco a pouco, absorvida pelo progresso formidável que se anuncia e realiza em Minas.

O cimento armado matará com certeza os Versalhes de estuque. E, como a cidade foi possantemente rasgada e o seu local muito bem escolhido, os arranha-céus se instalarão admiravelmente aqui. Assim, tenho a esperança de que Belo Horizonte virá a ser uma das mais belas cidades do século XX. Sendo do seu tempo, entrará por isso mesmo na tradição.

Drummond fazia o curso de Farmácia, recém-lançado em Belo Horizonte. Casa-se com Dolores, para surpresa dos amigos. “Quase ninguém na Escola de Farmácia sabia que

Drummond estava noivo ou que namorava de quatro anos uma mesma moça” (CANÇADO, 1993, p. 107).

Em 1925, forma-se em Farmácia, profissão que nunca exerceria. Realiza um projeto acalentado há muito: lança “A Revista”. Entre os colaboradores da revista estão, entre outros: Manuel Bandeira, Emílio Moura, Mario de Andrade, Abgar Renault, Pedro Nava e seu ex-professor, Carlos Góes. A revista teve curta duração.

O poeta volta por um tempo a Itabira, para dar aulas de Português e Geografia no Ginásio Sul-Americano. Retorna a Belo Horizonte em 1926, quando “Alberto Campos conseguira com o irmão Francisco Campos, secretário do interior, uma vaga para o amigo na redação do Diário de Minas. [...] Drummond e Dolores passam a morar na casa cedida pelos pais do escritor” (CANÇADO, 1993 p. 121). Torna-se redator-chefe do Diário de Minas. Sobre sua atuação como redator, Afonso Arinos de Mello Franco, subordinado de Drummond, escreve:

Carlos Drummond de Andrade dominava soberanamente a redação, João Alphonsus e eu obedecíamos docilmente às suas ordens e instruções. Carlos, com aquele senso de organização e aquela eficiência burocrática que se tornaram conhecidas no Ministério da Educação, distribuía tarefas, fiscalizava horários, tomara a sério sua função, o que nos obrigava a fazer o mesmo com as nossas (CANÇADO, 1993, p. 124).

Assis Chateaubriand convida Drummond para a direção do Diário da Noite, em São Paulo. Ele recusa sair de Minas. Em 1928, é publicado, na Revista da Antropofagia, *No meio do caminho*. O poema gera comentários positivos dos amigos Mário de Andrade e Manuel Bandeira.

Em 1929, depois de recusar o convite de Chateaubriand e ainda passando por dificuldades financeiras, recebe o socorro do amigo Rodrigo Mello Franco de Andrade⁴¹.

Com Francisco Campos, Rodrigo arranhou-lhe um emprego na Secretaria da Educação. Era um emprego para o qual – lembraria o próprio Drummond – ‘não tinha mesa nem cadeira’. Mário Casassanta, diretor da Imprensa Oficial, arranhou-lhe uma atribuição, fazendo dele diretor da Revista do Ensino. [...]. Ainda em 1929, Mário Casassanta faria de Drummond seu oficial de gabinete, e lhe ofereceria o cargo de ajudante de redação do Minas Gerais, a publicação oficial, e que tinha

⁴¹ Rodrigo Mello Franco de Andrade estudou no Ginásio Mineiro. Aos 12 anos, passa a viver na casa do tio Afonso Arinos, em Paris. Durante esse período, conviveu com intelectuais, escritores e artistas plásticos brasileiros que frequentavam a casa de seu tio Afonso, como Graça Aranha, Tobias Monteiro, Alceu Amoroso Lima. Por volta de 1922, aproximou-se de grupos modernistas e criou laços de amizade que permaneceram ao longo dos anos com Aníbal Machado, Milton Campos, João Alphonsus, Carlos Drummond de Andrade, Pedro Nava, Abgar Renault, Osvald de Andrade, Mário de Andrade (INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL, 2016).

como diretores Abílio Machado e o futuro e folclórico político José Maria Alkimim. [...]. Logo depois, no início de 1930, Drummond passou a auxiliar de gabinete do secretário do Interior Cristiano Machado (CANÇADO, 1993, p. 130).

O ano de 1930 marca o lançamento de seu livro: “Depois de dar um trabalhão a MA [Mário de Andrade], acabei publicando meu livro *Alguma poesia* pela Imprensa Oficial de Minas Gerais, a preço camarada, pagando-o parceladamente” (CANÇADO, 1993, p. 131).

No Minas Gerais, o jornalista Carlos Drummond continuou a escrever comentários sobre a vida da cidade como havia feito no Diário de Minas. Considerou-se ilustrativo o extrato de um desses comentários sobre ruas de Belo Horizonte e sobre o resultado de um concurso de beleza:

Eu conheci a rua da Bahia quando era ela feliz. Era feliz e tinha um ar de importância que irritava as outras ruas da cidade. Um dia, parece que a rua da Bahia teve um desgosto qualquer e começou a decair. Hoje, a gente olha para ela com um respeito meio irônico e meio triste. Como quem olha para Ouro Preto. O último concurso de beleza deu-nos alguma coisa que meditar. A vitória de “miss” Carlos Prates é de algum modo a vitória de Carlos Prates, do bairro desmerecido que até bem pouco a Serra e os Funcionários não ligavam. Agora é o que se está vendo: Carlos Prates, Barro Preto, Lagoinha, olhando de igual para igual para Santo Antônio, Cidade, Serra. Um dia chegará a vez de “miss” Palmital, e desde já fiquem avisados de que o Palmital é a paisagem mais larga, arejada e bonita de Belo Horizonte (ANDRADE, 1984, p. 39).

É também em 1930 que Drummond se torna oficial de gabinete de Gustavo Capanema, que fora nomeado Secretário do Interior e Justiça. Como consequência do cargo, apoia a Revolução de 1930.

“Em 1934, Gustavo Capanema, o novo ministro da Educação e Saúde, convidou Drummond para ser seu chefe de gabinete no Rio de Janeiro” (CANÇADO, 1983, p. 147).

4.2 Abgar Renault

Dos três ex-alunos do colégio Arnaldo, aquele sobre o qual se tem mais dificuldade de falar é Abgar Renault. Não por falta de informações sobre sua obra ou sua vida pública, mas pela ausência de uma biografia que conte algo mais detalhado. Sua obra literária não é extensa, mas é significativa e louvada por seus contemporâneos. Relutou muito em publicá-la. Foi dedicado à educação, sobretudo como professor.

Abgar Renault nasceu em Barbacena, em 1901. Sua família mudou-se logo para Belo Horizonte, quando ele tinha 4 meses de idade. Na fase escolar, foi acompanhado por seu pai, o professor Leon Renault. Estudou no Colégio Arnaldo a partir de 1913.

Cursou Direito na Faculdade de Direito de Minas Gerais, depois de tentar Medicina. Quando da formatura, Abgar Renault foi o orador da turma e Capanema o aluno homenageado pelo desempenho escolar com a medalha Barão do Rio Branco.

Estudou também pedagogia, além de língua e literatura inglesas. Ainda em 1924 tornou-se professor em diversos colégios da capital mineira e em 1926 passou a lecionar no Ginásio do Estado de Minas Gerais (CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL - FGV, 2016).

Entre 1927 e 1930, foi deputado estadual pelo Partido Republicano Mineiro; professor de português na Escola Normal Modelos; professor de língua e literatura inglesas no Ginásio Mineiro.

Em 1930, Francisco Campos, ao assumir o Ministério da Educação e Saúde Pública, constituiu o seu gabinete da seguinte forma: “Diretor: Rodrigo Mello Franco de Andrade; assistente, dr. Carlos Sá; oficiais de gabinete, srs. Lafayette de Andrada e Evaristo da Veira; secretário particular, sr. Abgar Renault” (DIÁRIO DA NOITE, 28.11.1930, p. 1). Abgar transfere-se então para a capital federal.

Em 1931, o jornal Diário da Noite (11.09.1931, p. 1) noticia: “Por ato de hoje, o presidente do Estado nomeou o Dr. Abgar Renault diretor da Secretaria de Justiça do Estado. O nomeado foi secretário do Doutor Francisco Campos no Ministério da Educação”. Abgar retorna então a Belo Horizonte.

Em 1934, transfere-se para o Rio de Janeiro novamente para ser professor no Colégio Pedro II e na Universidade do Brasil. Publica em *O Cruzeiro* traduções de Rabindranath Tagore. Torna-se assessor técnico do Departamento de Educação e Cultura do Distrito Federal em 1935 e, em 1937, catedrático de inglês no Colégio Pedro II e lente de literatura inglesa na Universidade da Prefeitura do Distrito Federal⁴².

Outra característica própria dos professores é mencionada por Deolindo Couto, no discurso de recepção que fez a Abgar Renault, na Academia Brasileira de Letras. Deolindo

⁴² Moraes (2012) discorre sobre a relevância do emprego público na manutenção econômica dos intelectuais. No caso dos professores, havia a necessidade de múltiplas atividades para que tivessem uma condição econômica satisfatória, pois “não resta dúvida de que o magistério permaneceu desvalorizado em termos salariais e sociais em toda sua história, no panorama educacional brasileiro” (ALMEIDA, 2006a, p.197).

ressalta a vocação e a forma como o novo imortal erigiu a sua veia literária, orientado por seu pai, complementado pelos estudos no Arnaldo.

A vocação é, não raro, o resultado de um exemplo, e, quando este é alto e iterativo, então ela se torna nuclear. Tiveste o paradigma de vosso genitor, mestre Leon Renault, oracular autoridade no ensino técnico profissional e cujo abnegado exercício vos proporcionou habitar o próprio educandário que dirigia, o Instituto João Pinheiro.

Na casa paterna se complementava – e com que exaço! – o plasmar de uma cultura prosseguida no Colégio Arnaldo e, finalmente, na Faculdade de Direito de Belo Horizonte (COUTO, 1968).

Um pouco mais à frente, em sua saudação, a presença do *grupo do Estrela* também é mencionada.

Foi a essa altura que, pela primeira vez, vos vi, sem, contudo, chegar a conhecervos. Devia realizar-se no Rio uma semana de debates científicos entre estudantes de Medicina [...] fui à capital mineira, para tratar da organização do certame. [...]. Lá estava o Café Estrela, onde se reuniam algumas dessas esperanças, cedo legítimas realidades do Brasil: Afonso Arinos, Aníbal Machado, Carlos Drummond de Andrade, Cyro dos Anjos, Emilio Moura, Gustavo Capanema, João Alphonsus, João Pinheiro Filho, Martins de Almeida, Mário Casassanta, Milton Campos, Pedro Aleixo, Pedro Nava, entre outros. Naquele *Deux Magots* da renovação cultural de Minas, chegou-se a reservar uma sala dos fundos para os iniciados: aí se combinou *A Revista*, de vida tão fugaz quanto luminosa (COUTO, 1968).

Sobre a sua participação em *A Revista*, Renault (1996) diz em seu *Depoimento* que fora incluído mais por benevolência de Drummond do que por suas qualidades poéticas.

Em 1938, Abgar Renault assume, a convite de Gustavo Capanema, o cargo de diretor-geral do Departamento Nacional de Educação e Membro do Conselho Federal de Educação.

4.3 Gustavo Capanema

Gustavo Capanema doou os documentos de seu arquivo pessoal ao CPDOC-FGV. Na página de acesso a esses documentos, que estão sendo digitalizados, há a sua biografia, que começa da seguinte forma:

Gustavo Capanema Filho nasceu em Pitangui (MG), em 1900. Formou-se pela Faculdade de Direito de Minas Gerais, em 1923. Durante seus tempos de universitário vinculou-se, em Belo Horizonte, ao grupo de “intelectuais da rua da Bahia”, do qual também faziam parte Mario Casassanta, Abgar Renault, Milton Campos, Carlos Drummond de Andrade e outras futuras personalidades das letras e da política no Brasil. Em 1927 iniciou sua vida política ao eleger-se vereador em sua cidade natal (CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL, 2016).

De 1925 a 1929, Capanema foi professor e montou banca de advogado em Pitangui.

Com a eleição de seu primo, Olegário Maciel, para o governo de Minas, Capanema foi nomeado seu oficial-de-gabinete e secretário do Interior e Justiça. Obedecendo ao hábito reinante na cidade, organiza-se um banquete em homenagem ao novo secretário. “Seus amigos intelectuais da Rua da Bahia, uma roda de que participava Pedro Nava, Abgar Renault, Emílio Moura, Milton Campos, Pedro Aleixo, Afonso Arinos de Mello Franco, resolvem organizar um grande banquete” (BADARÓ, 2000, p. 134). Abgar Renault, à frente na organização, faz o discurso de saudação. Inicia dizendo que “a homenagem já estava destinada ao amigo e colega muito antes de sua ascensão ao elevado cargo de secretário de Estado”, deixando claro uma admiração existente entre eles, nascida de tempos anteriores.

Ela (a homenagem) se dirigia pura e simplesmente a Gustavo Capanema, e também porque tu, pessoalmente, e a nossa velha e sólida amizade argamassada pelo trato de longos anos, vitoriosamente experimentada em transe vários da nossa vida, estais, tu e ela, acima de todos os postos a que tenhas sido ou venhas ainda a ser elevado pelo conjunto excepcional de excelências morais e intelectuais que concorrem no entramento de tua complexa e impressiva personalidade. [...] Tu, Capanema, eras uma exceção naquela turma: [...] Enquanto nós outros, líricos e descuidosos, líamos a nossa literatura - o que afinal já era alguma coisa - , fazíamos versos, contemplávamos, noite afora, a lua e as estrelas e chorávamos por dentro, copiosamente, diante de qualquer crepúsculos de segunda classe, tu estavas firme sobre teus livros, e beneditinamente construías uma cultura, cujas virtudes essenciais residem a meu ver, na severidade e na honestidade, e acima de tudo, enérgico e duro, forjava uma férrea disciplina de conduta. O ar severo da tua mocidade e da tua vida de estudante, os sacrifícios, renúncias e labores a que virilmente te votaste e os resultados a que atingiste ainda nos tempos de Academia armavam um contraste inconciliável entre ti e teus colegas (BADARÓ, 2000, p. 135-137).

O papel de Capanema em Minas Gerais, no apoio à revolução de 1930, necessita um pouco mais de atenção em sua biografia, pois é a partir desse movimento político que seu futuro é definido, mesmo com revezes, tornando-o futuramente ministro da Educação e Saúde. Junto com Francisco Campos e Amaro Lanari, Capanema funda a Legião de Outubro, organização política criada com a finalidade de oferecer apoio à Revolução de 1930.

Faoro (1989, p. 693) expõe como o movimento mineiro se inseriu no contexto da política nacional.

A espinha dorsal do novo modelo será o elemento militar [...] O cunho político do Exército se abre na quebra dos exclusivismos estaduais e no aliciamento do povo – as camadas médias e as proletárias – em movimentos de organização do poder e da ideologia reinante. A Legião Revolucionária de São Paulo, fundada por João Alberto, depois de articulações com Juarez Távora e Osvaldo Aranha, fixa o primeiro contorno das aspirações revolucionárias, divorciadas da imediata

reconstitucionalização liberal. Reclamam um Estado forte, sem obediência aos sistemas políticos transplantados, comunismo ou fascismo. [...] A nota modernizadora do movimento assume feição nacionalista: um direito público brasileiro, um governo brasileiro, uma política brasileira.

Em Minas Gerais a Legião mantém essas características, acrescida do contorno fascista impresso pela liderança de Francisco Campos (FAORO, 1989, p. 694):

A sarna – segundo a furiosa reação generalizada dos políticos e jornais – se estende a Minas Gerais, com a Legião de Outubro, liderada por Francisco Campos e Gustavo Capanema, com camisas cáquis, milícias e símbolos, em franca inclinação à cópia fascista, como o apoio discreto, cauteloso, quase envergonhado do governador Olegário Maciel. No movimento mineiro, menos militar e mais político, embora repousasse na estrutura militar que assegura o plano geral, percebe-se o propósito de anular o oficialismo do Partido Republicano Mineiro, cujo elemento preponderante era Artur Bernardes.

Sobre seus objetivos, fala Capanema em entrevista ao jornal Estado de Minas:

Pegamos em armas para corrigir costumes políticos deturpados pelos homens sem escrúpulos que haviam tomado conta da coisa pública, e para depurar costumes administrativos, rebaixados a um nível rasteiro de transações e favoritismos. Na esfera política, queremos moralidade; na esfera administrativa, aspiramos por honradez (BADARÓ, 2000, p. 165).

Discursa no lançamento da Legião, após Milton Campos:

Legionários, vede como se vai formando o Brasil novo: três homens de boa vontade deram o toque de reunir. A eles se juntou um pugilo. Agora se junta um grupo já mais numeroso que sois vós. Outros elementos, animados da mesma flama, se vão juntando e se juntarão cada dia. E, em breve, será Minas toda, será todo o Brasil em linha de batalha, a construir a pátria nova! (BADARÓ, 2000, p. 165)

No entanto, a Legião teve curta duração ao não conseguir transformar-se em um partido político de expressão nacional, como era desejo de seus idealizadores. “Em outubro de 1931, o próprio Osvaldo Aranha retirou seu apoio à organização que ajudara a criar, convencido da impossibilidade de transformar as legiões revolucionárias num único partido”. (CALICCHIO, 2016)

Capanema, em 1931, faz frente a um golpe articulado por Osvaldo Aranha para afastar Olegário Maciel. Em 1932, articula a pacificação de Minas, dividida que estava entre forças a favor e contra Olegário, que apoiou Getúlio Vargas durante a Revolução Constitucionalista paulista.

Com a morte de Olegário Maciel, Capanema é o interventor interino. Desejava ser efetivado no cargo, mas Getúlio indica Benedito Valadares. A estratégia do presidente é não fortalecer os grupos de Flores da Cunha, que apoiava Capanema e de Osvaldo Aranha, que apoiava Virgílio de Melo Franco. Capanema amarga um período de ostracismo, até que o próprio Getúlio, como forma de compensação – afinal Capanema sempre o apoiara –, nomea-o em julho de 1934 como ministro da Educação e Saúde.

4.4 Arnaldinos no Ministério da Educação

Na década de 1930, Getúlio Vargas, como forma de compensação ao apoio dado à Revolução pelo Governo de Minas, nomeia Francisco Campos como seu primeiro Ministro da Educação e Saúde Pública.

Francisco Campos já possuía larga experiência na área desde a década de 1920, sendo responsável pela reforma do ensino naquele Estado. Após sua saída do Ministério, em 1932, assume no seu lugar Washington Pires, que permanecerá à frente da Educação por dois anos.

Em 1934, Capanema substitui Washington Pires no Ministério da Educação e Saúde, indicado por Francisco Campos. Capanema muda-se para o Rio de Janeiro, levando Drummond como seu chefe de gabinete. Abgar seguiu Francisco Campos, que fora ser Ministro da Educação do Distrito Federal.

Entre 1934 e 1945, os três atuam juntos na definição dos rumos da educação brasileira. Abgar vem trabalhar com Capanema a partir de 1938, quando se torna Diretor do Departamento Nacional da Educação. Até hoje, Capanema foi o ministro que mais tempo permaneceu à frente de uma das pastas do Governo – 11 anos.

O ambiente do Ministério da Educação e o período sob o comando de Gustavo Capanema são tratados historicamente e politicamente dentro do tema da relação estabelecida entre os intelectuais e o poder, em um período marcado pelo caráter autoritário do governo Vargas, principalmente após o estabelecimento do Estado Novo. São inúmeras as obras que tratam desse assunto. Especificamente Bomeny (1994, 2001), Schwartzman (2000) e Miceli (2001) abordaram esse período. Moraes (2012, p. 76) fala das razões dessa participação e como era a relação dos intelectuais com o poder. Relação que passa pela necessidade financeira de um lado e, de outro, pela necessidade de legitimação a ser dada pelo suporte intelectual para operar uma transformação. Fala-se de uma época em que mais da metade da população do país era analfabeta e no qual

Quando um livro vendia duas ou três tiragens consecutivas de mil ou dois mil exemplares, a imprensa celebrava como best-seller. Nesta moldura, era impossível viver de literatura, o que levava escritores, em regra, a empregos públicos, além de buscarem fonte de renda adicional, prestígio e legitimação no jornalismo. A imprensa, com efeito, constituía abrigo protetor para muitos intelectuais, principalmente aqueles que traziam no sangue, além da paixão por palavras e teclas, o cheiro da tinta inconfundível das redações (MORAES, 2012, p. 75).

Entre esses intelectuais a buscarem essas fontes de renda, o próprio Drummond de Andrade, mas também Antonio Callado, Otto Lara Resende, Francisco de Assis Barbosa, Otto Maria Carpeaux, Franklin de Oliveira, Moacir Werneck de Castro, Mário Pedrosa, Álvaro Lins, Paulo Mendes Campos, Joel Silveira e Rubem Braga. Graciliano Ramos dizia: “como a profissão literária ainda é uma remota possibilidade, os artistas em geral se livram da fome entrando no serviço público” (MORAES, 2012, p. 76).

Escritores detestavam a ditadura Vargas e o fascismo, mas recebiam dos cofres públicos por serviços prestados ao Ministério da Educação, comandado habilmente por Gustavo Capanema. Na lógica pragmática do governo Vargas, importava atrair competências para legitimar e conduzir projetos de modernização que garantissem o papel do Estado como organizador da cultura (MORAES, 2012, p. 76).

O objetivo, nas palavras do próprio Getúlio (apud MORAES, 2012, p. 76), era o engajamento (dos intelectuais)

[...] em uma campanha tenaz e vigorosa em prol do levantamento do nível mental e das reservas de patriotismo do povo brasileiro, colocando as suas aspirações e as suas necessidades no mesmo plano e na direção em que se processa o engrandecimento da nacionalidade.

Antônio Cândido no prefácio da obra de Miceli (2001) escreve sobre a necessidade de se fazerem distinções entre duas modalidades de dependência e alerta sobre graus de combinação entre elas: “não separá-las com clareza pode projetar injustamente o plano da verificação sobre o plano da avaliação”. E cita exemplos:

Carlos Drummond de Andrade “serviu” o Estado Novo como funcionário que já era antes dele, mas não alienou por isso a menor parcela da sua dignidade ou autonomia mental. Tanto assim que as suas ideias contrárias eram patentes e foi como membro do gabinete do ministro Capanema que publicou os versos políticos revolucionários de Sentimento do mundo e compôs os de Rosa do povo. Já um Cassiano Ricardo se enquadrou ideologicamente e apoiou pela palavra e pela ação, porque o regime correspondia à sua noção de democracia autoritária e nacionalista [...] Outros que nem vale a pena nomear, para poderem repousar com menos infelicidade no seio de Deus, eram pura e simplesmente escribas vendidos, sem alma e fé. (MICELI, 2001, p.74)

Portanto, Capanema, funcionário público, político e apoiador de primeira hora da Revolução de 1930, acompanhado por Drummond, jornalista, poeta, funcionário público e comunista, constroem uma rede de intelectuais que atuavam à sombra do Ministério da Educação entre 1934 e 1945.

A formação desse grupo teve início nas reuniões do Estrela, na rua da Bahia; fortaleceu-se no encontro com os modernistas paulistas no Grande Hotel e consolidou-se na atuação à frente do ministério.

O grupo do Estrela era apenas formado por amigos, de diversas origens, que se reuniam cotidianamente para “jogar conversa fora” num bar (o Estrela), que frequentavam uma livraria (Alves) e que iam com frequência ao cinema (Odeon). Algo comum.

Pedro Nava dá uma definição do grupo e de sua formação, dizendo que ele “é formado por amigos, conhecidos antes e durante a estadia do poeta (Drummond) no Colégio Arnaldo, em 1916 e que se encontraram novamente em Belo Horizonte na década de 1920” e cita seus integrantes:

Francisco Martins de Almeida, Hamilton de Paula, Abgar Renault, João Guimarães Alves, Heitor Augusto de Sousa, João Pinheiro Filho, os irmãos Alberto e Mário Álvares da Silva Campos, Emilio Moura, Mário Casassanta, Gustavo Capanema, Gabriel de Rezende Passos, João Alphonsus de Guimarães e Milton Campos. “O tempo traria ainda para nossa convivência”, Dário Magalhães, Guilhermino César, Cyro dos Anjos, Luís Camilo e Ascânio Lopes. Escrevendo o nome desses amigos de mocidade e vendo o que eles foram depois – não posso deixar de dizer do orgulho de ter pertencido a grupo tão ilustre. Dele sairia, já nos anos 1920, a contribuição mais importante de Minas para o movimento modernista. Tínhamos o hábito de reunir na Livraria Alves e principalmente no Café e Confeitaria Estrela. Daí, além do pejorativo futuristas que nos davam os infensos, a designação de Grupo do Estrela – como nos chamavam os indiferentes. Mas tudo isto é uma longa história... (NAVA, 2013, p. 137).

No Ministério, segundo Bomeny (2001), dá-se início, oficialmente à existência da *Constelação Capanema*, que conduziria a educação, a cultura e a saúde do Brasil durante 11 anos. Essa constelação tinha na sua base os colegas do Colégio Arnaldo e, ao seu redor, outros com os quais haviam estabelecido ligações na década de 1920.

Essa noção de comportamento coletivo aparece na narrativa de Pedro Nava, contemporâneo de Capanema, Carlos Drummond e Abgar Renault. Nava narra em *Beira-mar* (2013) a sua aproximação com Drummond. “Só ele e eu? Não. Era enorme o grupo a que Carlos me apresentou” (NAVA, 2013, p. 137).

Foi a simpatia e logo a amizade que começaram a me unir a Carlos Drummond de Andrade. Subsequindo nossa confraternização na noitada que descrevi, encontrava-o frequentemente na calçada do *Odeon* esperando a segunda sessão, íamos a ela, depois ficávamos à espera dos jornais na esquina da casa do seu Artur Haas, dali subíamos ao Estrela, do Estrela saíamos a vaguear pelas ruas de uma Belo Horizonte deserta de homens, mas cheia de sombras e cheiros vegetais e finalmente escalávamos todos os infinitos – inclusive o de cada um de nós. Só ele e eu? Não. Era enorme o grupo a que o Carlos me apresentou.

Quem olha as fotos de Carlos Drummond de Andrade pode pensar que o poeta era uma pessoa contemplativa, meditativa, solitária até. Esse Carlos deve ter existido. Mas o Carlos que revela a história do Colégio Arnaldo é uma pessoa cercada de amigos, capaz de estabelecer relacionamentos, comunicativo. Cançado (1993, p. 37) fala na criação de uma mitologia “baseada na sua aspereza e na falta de calor humano”, porque Carlos “era, ao contrário, desembaraçadíssimo para se aproximar das suas afinidades eletivas”. A comprovar, o fato de boa parte de sua obra passar por cartas que escrevia a seus amigos: Manuel Bandeira, Mário de Andrade, Alceu de Amoroso Lima, Abgar Renault. Uma das maiores habilidades de Gustavo Capanema e de Drummond de Andrade, exercida à frente do Ministério da Cultura, foi a de construir o que Bomeny (2001) denomina de “a constelação capanema”.

Além desses integrantes, ao observarmos documentos de época, transitaram ao redor do Ministério Lourenço Filho, Anísio Teixeira, Alceu Amoroso Lima, Otto Maria Carpeaux e tantos outros ideólogos da educação e cultura, aos quais Capanema e Drummond recebiam com o seu jeito mineiro.

Moreira (2000) fala desse relacionamento entre Drummond e Capanema na construção dos relacionamentos e cita alguns dos principais integrantes da constelação (FIG. 29, 30).

Assessorado por seu chefe de gabinete, o poeta Carlos Drummond de Andrade, [Capanema] cercou-se de uma equipe diversificada, integrada, entre outros, por Mário de Andrade, Cândido Portinari, Manuel Bandeira, Heitor Villa-Lobos, Cecília Meireles, Lúcio Costa, Vinícius de Moraes, Afonso Arinos de Melo Franco e Rodrigo Melo Franco de Andrade.

No entorno do ministério, foi possível reunir um número de pessoas, de diversas áreas do conhecimento, de crenças diferentes, para realizarem a tarefa de organizar a estrutura da educação e da cultura no país. Esse trabalho de organização se deu em várias frentes, desde a legislação educacional, passando pela moralização da distribuição de diplomas, pela criação de órgão de regulação e incentivo à cultura, até a construção de um símbolo em forma de edifício, a dizer que a cultura e a educação são relevantes para a edificação da nação.

A uni-los, a construção da identidade nacional. De um lado o projeto modernista com sua amplitude de expressões a definir o homem brasileiro. São exemplos as pesquisas de Mário de Andrade, as pinturas de Tarsila do Amaral, a arquitetura de Niemeyer, Lúcio Costa, os jardins de Burle Marx e outros. De outro o projeto nacionalista de Getúlio Vargas. Neste projeto o trabalho, a cultura, a educação e a saúde eram fundamentais para a formação de uma imagem do novo homem brasileiro, alcançando o projeto da indústria nacional, da juventude brasileira e outros. Capanema segundo Cavalcanti (2006), Capanema descreveria em 1937 a Getúlio a função do Ministério da Educação: “se destina a preparar, a compor, a afeiçoar o homem do Brasil. Ele é verdadeiramente o Ministério do Homem”.

Figura 29 - Drummond, Rodrigo Mello, Capanema



Fonte: CPDOC-FGV, s.d.

Figura 30 - Posse de Abgar Renault no Depto. Nacional de Educação - 1938



Fonte: CPDOC-FGV.

Dos membros da constelação, Mário de Andrade, talvez tenha sido um dos maiores responsáveis pela institucionalização da cultura no Brasil. Era frequentemente consultado pelo ministro Capanema, sem, no entanto, desejar assumir cargos no Ministério. Escreve a Capanema em 1939:

Por mais amizade que lhe tenha e liberdade que tome consigo, sempre é certo que diante de você não esqueço nunca o ministro, que me assusta, me diminui e me subalterniza. Isto, aliás, me deixa danado de raiva e é a razão porque fujo sempre das altas personalidades. Por carta e de longe, posso me explicar com menos propensão ao consentimento (SCHWARTZMAN, 2000, p. 386).

Durante o período em que estiveram à frente do Ministério da Educação, foram inúmeras as alterações realizadas na estrutura da cultura e da educação brasileira.

Candido (2001, p. 27) faz uma análise do que significou esse período para a história da cultura brasileira:

Quem viveu nos anos 30 sabe qual foi a atmosfera de fervor que os caracterizou no plano da cultura, sem falar de outros. O movimento de outubro não foi um começo absoluto nem uma causa primeira e mecânica, porque na história não há dessas coisas. Mas foi um eixo e um catalisador: um eixo em torno do qual girou de certo modo a cultura brasileira, catalisando elementos dispersos para dispô-los numa

configuração nova. Neste sentido foi um marco histórico, daqueles que fazem sentir vivamente que houve um “antes” diferente de um “depois”. Em grande parte, porque gerou um movimento de unificação cultural, projetando na escala da nação fatos que antes ocorriam no âmbito das regiões.

Na sequência, as principais realizações de Capanema à frente do Ministério:

- 1936 Funda o Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN). Indica Rodrigo de Mello Franco de Andrade como diretor.
- 1937 Cria o Instituto Nacional do Livro. Nomeia Augusto Meyer para Diretor. Cria a Universidade do Brasil (antiga Universidade do Rio de Janeiro). Cria o Serviço Nacional de Teatro. Cria o Serviço de Radiodifusão Educativa. Apoiado por Roquete Pinto. Cria o Instituto Nacional do Cinema Educativo. Apoiado por Humberto Mauro.
- 1938 Cria o Museu da Inconfidência em Ouro Preto. Funda o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP). Nomeia Lourenço Filho para a sua direção.
- 1941 Cria o Conselho Nacional de Desportos.
- 1942 Cria o Conservatório Nacional de Canto Orfeônico. Nomeia Villa-Lobo para a sua direção. Nacionaliza cerca de 2000 escolas em núcleos de colonização no sul do país. Cria o Fundo Nacional do Ensino Primário. Cria o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI). Organiza o ensino industrial (Decreto-lei n. 4.048, de 22 de janeiro de 1942). Organiza o ensino secundário (Decreto-lei n.4.244, de 9 de abril de 1942).
- 1943 Assina o acordo da Convenção Ortográfica com Portugal. Reforma o ensino comercial (Decreto-lei n.6.141, de 28 de dezembro de 1943).
- 1945 Cria o Museu o Ouro em Sabará (MG).

Em relação ao Colégio Arnaldo, coube a Capanema, como ministro, “nos termos da lei orgânica do ensino secundário e do decreto-lei no. 4.245, de 9 de abril de 1942” autorizar que o Ginásio Arnaldo, “funcione como colégio”:

Decreto no. 11.340, de 15 de Janeiro de 1943.
 Autoriza que o Ginásio Arnaldo, com sede em Belo Horizonte, no estado de Minas Gerais, funcione como colégio.
 Art. 1º. O Ginásio Arando, com sede em Belo Horizonte, no Estado de Minas Gerais, fica autorizado a funcionar como colégio.
 Art. 2º. A denominação do estabelecimento de ensino secundário de que trata o artigo anterior passa a ser Colégio Arnaldo.
 Art. 3º. O reconhecimento, que pelo presente decreto é concedido ao Colégio Arnaldo, considerar-se-á, quanto aos seus cursos clássicos e científico, sobre regime de inspeção preliminar.
 Art. 4º. Revogam-se as disposições em contrário.
 Rio de Janeiro, 15 de janeiro de 1943, 122º. da Independência e 55º. da República.
 GETULIO VARGAS
 Gustavo Capanema (DOU, 1/2/1943)

Houve também reformas gestadas no período Capanema e efetivadas após a sua saída do Ministério:

- Decreto-lei n. 8.529, de 02 de janeiro de 1946, que organizou o ensino primário em âmbito nacional;
- Decreto-lei 8.530, de 02 de janeiro de 1946, que organizou o ensino normal;
- Decretos-lei n 8.621 e 8.622, de 10 de janeiro de 1946, que criaram o SENAC;
- Decreto-lei n. 9.613 de 20 de agosto de 1946, que organizou o ensino agrícola.

Essas medidas lançaram as bases sobre as quais puderam se desenvolver ações culturais e uma nova estrutura educacional no país.

A evolução dos números da educação no período é significativa, como se observa na TAB. 1:

Tabela 1 - Evolução do Sistema Educacional Brasileiro - 1933-1945

	1933		1945		Variação	
	Cursos	Alunos	Cursos	Alunos	Cursos	Alunos
Nível Primário	29.553	2.221.904	35.561	3.496.664	20%	57%
Secundário	417	66.420	1.282	256.664	207%	286%
Outros de Nível Médio	1.534	101.221	3.801	209.145	148%	107%
Superior	248	24.166	325	26.757	31%	11%
Outros	678	52.391	1.936	192.384	186%	267%

Fonte: Adaptado de SCHWARTZMAN, 2000, p. 277.

Capanema, ao iniciar seu trabalho no Ministério da Educação, decide pela construção de uma sede exclusiva, já que seus departamentos estavam espalhados pela cidade do Rio de Janeiro. Em 1935, institui concurso do qual saem vencedores Lúcio Cosa e Oscar Niemeyer. A pedido do primeiro, Capanema convida o famoso arquiteto francês Le Corbusier para analisar o projeto vencedor. Dessa consulta, resulta a construção do prédio que, em 1968, viria a se tornar o Palácio Capanema.

O prédio em estilo moderno destacava-se, na época, na paisagem da Capital Federal, a dizer que a cultura e a educação são significativas para o povo brasileiro (FIG. 31). O prédio tem no seu hall painéis de Cândido Portinari denominados “Jogos Infantis”, além de pinturas de Alberto Guignard, Pancetti e esculturas de Bruno Giorgi, Jacques Lipchitz e Celso Antônio Silveira de Menezes. Tal qual a imagem Não é possível afirmar com certeza, mas o impacto causado pelo prédio no cenário nacional e sua função de consolidação para o Ministério da Cultura remete ao mesmo impacto que o Colégio Arnaldo teve sobre a cidade de Belo Horizonte, assim como àquela menção feita no Anuário sobre como os novos alunos se sentiam ao entrar no prédio do Colégio: “Muitos de vós, quando passaram pela primeira vez

os humbraes do Colégio, deste edifício colosso, cujas formas gigantescas vivamente impressionam, se sentiram oprimidos” (COLÉGIO ARNALDO, 1920, p. 5).

Figura 31- Prédio sede do MEC (Década de 1950)



Fonte: CPDOC – FGV.

A construção do edifício do Ministério da Educação é destacada por Nava (apud BOMENY, 2001, p. 15) pelo seu significado. O memorialista também destaca a presença do *coletivo* na obra de Capanema: “Capanema e seus auxiliares próximos”.

[...]. As consequências do que ele [Capanema] fez são incalculáveis, siga você o meu raciocínio. Sem o prédio do Ministério da Educação (recebido na ocasião como obra de um mentecapto) não teríamos a projeção que tiveram na época Lúcio Costa, Niemeyer, Carlos Leão e Cândido Portinari. Foram entendidos por Capanema e seus auxiliares próximos (Drummond, Rodrigo, Mário de Andrade e outros). Sem essa compreensão não teríamos tido a Pampulha, concepção paisagística e arquitetônica prestigiada pelo imenso Kubitschek. Sem Pampulha não teríamos tido Brasília, do mesmo Juscelino Kubitschek, que desviou nosso curso histórico - levando o Brasil para o seu Oeste. A raiz de tudo isto, a semente geradora, o adubo nutridor está na inteligência de Capanema e de seus auxiliares de gabinete.

Após a saída do Ministério da Educação, Capanema continua a sua atuação na área da educação como membro da Comissão de Educação na Câmara e no Senado. Drummond integra o quadro de funcionários do SPHAN - Superintendência do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Quando se desliga do SPHAN, em 1962, tem completos 35 anos de Serviço Público. Abgar continua no Conselho Federal de Educação e integra diversas

comissões no âmbito da UNESCO, recebendo várias condecorações por serviços prestados à educação. Em 1968, é eleito para a Academia Brasileira de Letras. Drummond sempre recusou premiações e não quis candidatar-se à Academia, mesmo sendo um dos maiores escritores que o Brasil já teve. Capanema foi eleito senador várias vezes, por Minas Gerais.

Em 1985, o então Vice-presidente Marco Maciel, ocupando o cargo de Presidente da República, promulga o Decreto no. 91.188, de 8 de abril, determinando que o prédio do ministério da educação a partir daquela data passasse a ser denominado “Palácio Gustavo Capanema” (DOU, 9.04.1985, p. 5873). Na exposição de motivos o decreto considera as razões para tal:

CONSIDERANDO ter sido Gustavo Capanema uma das personalidades brasileiras que melhor souberam marcar sua vida pública pelo empenho em preservar e dinamizar a educação e a cultura do País;

CONSIDERANDO a magnitude de sua obra como Ministro de Estado, no período de 1934 a 1945, estabelecendo seguras e inovadoras bases e diretrizes para a educação nacional;

CONSIDERANDO sua destacada presença no cenário político brasileiro, como Senador da República e, nessa condição, colocando-se, mais uma vez, a serviço da educação, no exercício, por sucessivas legislaturas, da presidência da Comissão de Educação e Cultura do Senado Federal;

CONSIDERANDO, finalmente, que uma das mais significativas realizações de Gustavo Capanema, como estímulo à liberdade criadora, foi a construção do edifício do Ministério da Educação na Esplanada do Castelo, no Rio de Janeiro, marco da nova arquitetura brasileira, cujo significado conseguiu projetar-se, mundialmente,

DECRETA:

Art. 1º. O edifício do Ministério da Educação, localizado na Esplanada do Castelo, no Rio de Janeiro, passa a ser denominado “Palácio Gustavo Capanema”.

Art. 2º. Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3. Revogam-se as disposições em contrário.

Brasília, em 08 de abril de 1985; 164º. da Independência e 97º. da República.

JOSÉ SARNEY

Marco Maciel

Abgar Renault também seria, por um curto período de tempo, Ministro da Educação, entre 1955 e 1956. À frente do Ministério, Abgar criou no Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), o Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE). Já como Secretário da Educação em Minas Gerais (1956-1959) criou o Serviço de Orientação e Seleção Profissional (SOSP); a Campanha de Reparos e Restauração de Prédios Escolares (CARRPE); o serviço de Ensino Primário em Zonas Rurais, entregue a Helena Antipoff; os cursos de férias na capital do Estado, para os professores dos ginásios e das escolas normais oficiais. Também promoveu o convênio de que resultou o Programa de Assistência Brasileiro-Americana ao Ensino Elementar (PABAEE).

No próximo capítulo, faz-se as considerações finais, nas quais se destaca a presença de um movimento individual e intencional de acompanhar a evolução cultural da sociedade brasileira realizado pelo Colégio, pela Cidade e pelo Ministério. Este fator, a modernidade, reforçada pelo modernismo , é o fator natural a liga-los historicamente.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho buscou-se caracterizar o Colégio Arnaldo em alguns de seus aspectos e através deles, o reforço do papel desempenhado pela escola na sociedade e na formação de seus agentes.

Primeiramente abordou-se o aspecto missionário sobre o qual foi fundada a ordem dos verbitas. Diferente dos missionários jesuítas, cuja primeira e principal tarefa foi a conversão “das massas irreligiosas: pelo catecismo, para as crianças; pelo tribunal da penitência, para os adultos; pela prédica, para a generalidade dos homens” Calógeras (1911, p. 2), os verbitas chegam para dar prioritariamente apoio religioso a colônias de imigrantes já cristãos.

No entanto, verbitas e jesuítas assemelham-se na ação educadora, a princípio não intencional, na formação de uma elite: os jesuítas ao serem chamados pela Igreja Católica para enfrentarem o movimento de Reforma através de suas escolas e tão logo a sociedade brasileira constituiu-se; os verbitas ao serem convidados para assumirem a direção do Colégio Academia, em Juiz de Fora.

Esta formação acontece de forma diferenciada na ênfase que davam a ampliação de seus quadros religiosos, mais presente na educação jesuíta. Semelhantes na preocupação em fazerem frente ao avanço protestante. Diferentes no ambiente e nas relações com os alunos.

Carlos Drummond, ex-aluno do Colégio Arnaldo e do Colégio Jesuíta, em Nova Friburgo, faz um depoimento em seus poemas sobre os dois momentos de sua vida. Nos poemas em que trata dos verbitas destaca os professores, a convivência com os colegas, de forma quase humorística, a disciplina; quanto ao tempo vivido na escola jesuíta, fica a marca da disciplina e da autoridade.

Igualmente jesuítas e verbitas, a despeito de suas diferenças e semelhanças, souberam interpretar o tempo e sua evolução, tornando-se instituições centenárias.

Quando se fala de uma instituição centenária, no caso uma escola religiosa, imagina-se o esforço desenvolvido para sua permanência ativa e influente nos rumos da sociedade, pois a sociedade como um organismo vivo, modifica-se num processo constante de auto ajuste. E assim acontece com a educação.

Durkeheim (2001, p. 48) ao procurar pela definição de educação, estabelece algumas condições para esta resposta, sendo uma delas a relação de dependência existente em relação às características da sociedade no momento:

Ora, não fomos nós, individualmente, que inventamos os costumes e ideais que determinam este tipo de educação. Eles são o produto da vida em comum e refletem suas necessidades. Em sua maior parte, eles são inclusive fruto das gerações anteriores. Todo o passado da humanidade contribuiu para elaborar este conjunto de máximas que dirige a educação de hoje; nela está gravada toda a nossa história e

mesmo a história dos povos que nos precederam. Este mecanismo é similar ao dos organismos superiores, que carregam como que o eco de toda a evolução biológica da qual eles são o resultado. Quando se estuda historicamente a maneira como os sistemas de educação se formaram e se desenvolveram, percebe-se que eles sempre dependeram da religião, da organização política, do grau de desenvolvimento das ciências, do estado da indústria, etc. Se forem desconectados de todas as causas históricas, eles se tornarão incompreensíveis.

Esta citação de Durkheim, nos permite refletir sobre um aspecto relevante na história do Colégio Arnaldo, da Cidade e na de seus ex-alunos, qual seja o de estar em consonância com o tempo de sua existência, isto é, ser moderna.

Nos primeiros anos, chegar a Belo Horizonte logo após a sua inauguração, quando se rompia com a tradição da antiga Vila Rica, era um desafio. Como integrar-se a este movimento? A resposta veio através da arquitetura, na edificação de uma obra que contribuísse com a grandeza pretendida no projeto da cidade, em consonância com os demais projetos arquitetônicos, não destoando do conjunto. A relação política, com os representantes da cidade, trouxe a resposta nos alicerces da Feira de Exposição Permanente.

Durante o período histórico abordado nesta tese, a demanda da sociedade era por uma nova elite intelectual, alinhada com o mundo externo, integrada a uma economia em seus primórdios industrial. O Colégio consolida-se com uma visão educacional que mesclava tecnologia e ciência, com princípios religiosos. Seus professores são os mais conceituados em suas áreas, seus laboratórios de física e química tornam-se referência na cidade. Mesmo que suas torres e o telescópio lá instalado tenham sido mal interpretados, a cidade usufruía de seus equipamentos modernos, como exemplifica o aparelho de raios X, utilizado por acadêmicos de medicina.

Por seu lado, na década de 1920, a cidade vivia a efervescência cultural e científica, expandindo sua estrutura educacional com a fundação da Faculdade de Direito e de Medicina. Madame Curie em passagem pela cidade, visita do Colégio Arnaldo, como um ponto de referência. Em 1922 acontece em São Paulo a Semana de Arte Moderna (11 a 18 de fevereiro), da qual participam Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Villa Lobos, Anita Malfatti, Di Cavalcanti, Guiomar Novais, Victor Brecheret, entre outros. Este movimento não se restringiu à capital paulista e em 1924, consolidava-se em Belo Horizonte no encontro entre os paulistas e os mineiros do Estrela, grupo formado, à época, por jovens estudantes universitários, entre eles Gustavo Capanema, Drummond de Andrade e Abgar Renault, ex-alunos do Arnaldo. O impacto deste encontro pode-se perceber extenso quando começamos a reconstruir os relacionamentos ali construídos: da visita a Minas, vai à capital federal e ao Ministério da Educação, retornando no projeto modernista da Pampulha na década de 1940.

A partir deste encontro, dá-se o início a um processo de modernização cultural que atravessará a década de 1930 e 1940, desembocando nas décadas subsequentes. Nelas, sucessivas gerações de ex-alunos do Colégio deram sua contribuição.

O mundo mudara e o Brasil, no início da década de 1930, sofria em sua dependência do comércio cafeeiro, enfraquecido pela crise de 1929. No campo político, a geração (elite) formada no Colégio do Caraça e no Ginásio Mineiro une-se àqueles (novos) oriundos do Colégio Arnaldo e integram o movimento reformista de Getúlio Vargas, garantindo a revolução de 1930.

Entre 1934 e 1945, como ministro da Educação e Saúde, Capanema e seu Chefe de Gabinete, Drummond (ex-alunos do Arnaldo), patrocinaram e promoveram, junto com Rodrigo de Mello Filho, Mario de Andrade, Humberto Mauro, Villa Lobos, Di Cavalcanti, Monteiro Lobato, Lucio Costa, Oscar Niemeyer, Anísio Teixeira, Lourenço Filho e outros, uma revolução cultural e estética que até os dias de hoje se vê refletida em seus ideais de valorização do nacional.

Há neste momento a confluência das visões modernizadoras da semana de arte moderna, representada por paulistas, a renovação modernizadora advinda de Minas e sua nova capital e o projeto modernizante, nacionalista e autoritário chegado do Rio Grande na figura do seu mentor, o presidente Getúlio Vargas.

Sob a condução e patrocínio do Ministério estruturou-se a educação com a criação de novas instituições de ensino superior, faculdades de medicina, engenharia, direito, escolas de farmácia, a Universidade do Brasil; a estruturação do ensino profissional; a criação de diversos organismos ligados ao cinema, ao teatro, ao patrimônio histórico, à difusão do livro. Há ainda o debate profícuo de um projeto de educação, do qual resulta a hegemonia da ideia de democratização do ensino, preconizado pelo movimento da Escola Nova, manifesto já em 1932.

Sob o governo Vargas cresce o movimento modernista na arquitetura, em cujas obras se inclui o edifício do Ministério da Educação. Abre-se a partir do concursos para o projeto do edifício (atual Palácio Gustavo Capanema), o caminho para que Lúcio Costa e Niemeyer, ao lado de Israel Pinheiro, fizessem o projeto modernizador de Juscelino Kubtscheck, primeiramente em Belo Horizonte, quando prefeito, - Conjunto Arquitetônico da Pampulha -, e posteriormente, Brasília, ao ser eleito presidente da República (ambos patrimônio mundial da UNESCO).

O Colégio Arnaldo acompanha os projetos e as ideias modernizantes. Vive o tempo da sociedade. Na década de 1950, reforma sua praça de esportes incluindo a construção de sua

piscina suspensa; encerra o regime de internato; implanta a orientação aos jovens. Na década de 1960, admite alunas nos três anos do curso colegial. Na década de 1970, adere as ideias de educação do Prof. Carl Rogers; religiosos da congregação opõe-se à ditadura. No início do século XXI, surge a Faculdade Arnaldo e acontece a profissionalização de sua gestão. Todas essas ações ilustram a resposta do Colégio à evolução da sociedade onde está integrado.

Da mesma forma, que a geração de alunos de 1910-1920, a geração seguinte de alunos continuou a produzir incentivos à modernização. Guimarães Rosa, Ivo Pitanguy, Fernando Sabino, Henfil, Toninho Horta, Fernando Brant, cada um a seu tempo trouxeram sua contribuição ao pensamento do caráter do Brasil como nação.

Mais recentemente, quando a sociedade voltava sua atenção para a pobreza, ex-alunos do Colégio estiveram à frente desta movimentação. Ao voltar do exílio, Herbert de Souza deu início ao projeto social que ficaria conhecido como Fome Zero, continuado como política de governo por Patrus Ananias, outro ex-aluno do Colégio, ministro do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, Governo Luiz Ignácio Lula da Silva.

No momento em que se repete o debate sobre qual o modelo de educação deve ter o Brasil, rever a trajetória do Colégio Arnaldo e de seus ex-alunos, provoca questionamentos e reflexões. No momento em que a qualidade da educação, é medida por índices construídos através da aplicação de testes/provas específicas a cada nível escolar⁴³, verifica-se neste trabalho, que o melhor indicador desta qualidade é a contribuição dada por ex-alunos ao desenvolvimento da sociedade.

No entanto, acompanhar a história de ex-alunos não é uma prática comum a nossas escolas. Por enquanto, não há como medir o impacto de uma escola específica sobre a formação de seus alunos, se não houver uma monitoração ao longo tempo (histórica) ou um reconhecimento pessoal sobre esta influência. Nesta direção, a reunião de várias biografias, como feito neste trabalho, pode ser um caminho na busca por esta resposta. O conjunto da obra dos ex-alunos de uma escola fornece a dimensão destes resultados.

Ao final deste trabalho esta é a reflexão que propomos aos historiadores da educação: a inclusão nas pesquisas sobre a história da educação do aspecto fundador da escola que é a formação do ser para a ação em sociedade.

⁴³ Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB); Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM); Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (ENADE); e outros indicadores de âmbito mundial como o Programme for International Student Assessment (PISA).

REFERÊNCIAS

1. Fontes primárias.

A NOITE. **Pró flagelados do Nordeste**. Rio de Janeiro, Ano V, n. 1.416. 30. Nov. 1915. P. 5. Biblioteca Nacional Digital.

CHAVES, Dr. Allexandre Rodrigues da Silva. **Relatório apresentado a Assembleia Legislativa Provincial (1866)**. Victoria: Tip. do Jornal da Vitoria: 1866. Biblioteca Nacional Digital.

COLÉGIO ARNALDO. **Anuário de 1920**. Belo Horizonte: Colégio Arnaldo. 1920

COLÉGIO ARNALDO. **Anuário de 1922**. Belo Horizonte: Colégio Arnaldo. 1922.

COLÉGIO ARNALDO. **Anuário de 1923**. Belo Horizonte: Colégio Arnaldo. 1923.

CONGREGAÇÃO DO VERBO DIVINO. **1895-1920. Jubileo de prata da província brasileira da congregação do verbo divino**: Livreto comemorativo. 1920.

DIÁRIO DA NOITE. **No Ministerio da Instrucção**. Rio de Janeiro, Ano II, n. 00356 28. Nov. 1930. P. 1. Biblioteca Nacional Digital

DIÁRIO DA NOITE. **Um ex-secretario do dr. Francisco Campos nomeado para a secretaria da Justiça de Minas**. Rio de Janeiro, Ano III, n. 00598, 11. Set. 1931. P. 1. Biblioteca Nacional Digital

ESTADO DE MINAS. **Padre coqueiro não é mais temor. É saudade**. Recorte. 11.08.1974. Acervo Colégio Arnaldo.

FERRAZ, Luiz Pedreira do Couto. **Relatório do Presidente da Província do Espírito Santo 1848**. Rio de Janeiro: Typ. do Diario, de N.L.Vianna. 1848. Biblioteca Nacional Digital.

LEAL, Felipe José Pereira. **Relatório de abertura da sessão ordinária da Assembleia Legistiva 1850**. Victoria: Typ. Capitaniense de P.A. de Azeredo, 1850. Biblioteca Nacional Digital.

LIGA EUCHARISTICA DO COLÉGIO ARNALDO. **Atas 1917**. Acervo Histórico do Colégio Arnaldo.

MELLO VIANNA, Fernando de. **Mensagem ao congresso mineiro – 1925**. Relatórios dos Presidentes dos Estados Brasileiros - 1891 a 1930. Biblioteca Nacional Digital.

MELLO VIANNA, Fernando de. **Mensagem ao congresso mineiro – 1926**. Relatórios dos Presidentes dos Estados Brasileiros - 1891 a 1930. Biblioteca Nacional Digital.

MONIZ FREIRE, DR. J. DE M. C. **Relatório apresentado ao passar o governo (1896)**. Rio de Janeiro. Typ. Leuzinger, 1896. Biblioteca Nacional Digital.

O PAIZ. **Mário de Lima**. Rio de Janeiro, Ano XXVI, n. 09.220. 01. Jan. 1910 p. 3. Biblioteca Nacional Digital

O PAIZ. **Notícias de Minas. Ensino Religioso**. Rio de Janeiro, Ano XXVIII, edição 10.058, 20 abr. 1912. p. 7. Biblioteca Nacional Digital

- O PAIZ. **Minas Geraes. Belo Horizonte.** Rio de Janeiro, Ano XXVIII, n. 10.060. 22 abr.1912. p. 4. Biblioteca Nacional Digital
- O PAIZ. **Juiz de Fora.** Rio de Janeiro, Ano XXVIII, n. 10.196. 05 set.1912. p. 4. Biblioteca Nacional Digital
- O PAIZ. **O Paiz em Minas.** Rio de Janeiro, Ano XXVIII, n. 10.350. 07 fev. 1913. p. 7. Biblioteca Nacional Digital.
- O PAIZ. **O Paiz em Minas.** Rio de Janeiro, Ano XXVIII, n. 10.367. 24 fev. 1913. p. 5. Biblioteca Nacional Digital.
- O PAIZ. **O Paiz em Minas.** Rio de Janeiro, Ano XXVIII, n. 10.401. 30 mar. 1913. p. 4. Biblioteca Nacional Digital.
- O PAIZ. **Cadeira Patronimica.** Rio de Janeiro, Ano XXVIII, n. 10.508. 15 jul. 1913. p. 5. Biblioteca Nacional Digital
- O PAIZ. **Bello Horizonte. Contrato para fornecimento de madeira.** Rio de Janeiro, Ano XXIX, no. 10.726. 18 fev. 1914. p. 6. Biblioteca Nacional Digital
- O PAIZ. **Minas Geraes. Bello Horizonte.** Rio de Janeiro, Ano XXXII, n. 11.648, 28 ago. 1916. p. 4. Biblioteca Nacional Digital
- O PAIZ. **Minas Geraes. Bello Horizonte.** Rio de Janeiro, Ano XXXII n. 11.746, 04 dez. 1916. p. 4. Biblioteca Nacional Digital
- O PAIZ. **Do estrangeiro. Bello Horizonte.** Rio de Janeiro. Ano XXXIV, n. 12.079. 04 nov. 1917. p. 6. Biblioteca Nacional Digital
- O PAIZ. **Telegrama dos Estados. Bello Horizonte.** Rio de Janeiro. Ano XXXIV, n. 12.081, 06. nov. 1917. p. 2. Biblioteca Nacional Digital
- RAUL SOARES. **Mensagem ao congresso mineiro – 1924.** Relatórios dos Presidentes dos Estados Brasileiros - 1891 a 1930. Biblioteca Nacional Digital.
- SILVA, João Thomé da. **Falla dirigida a Assembléia Legislativa Provincial do Espírito Santo.** Victoria: Typographia – Espirito-Santense, 1873.
- SENNA, Nelson Coelho de. **Anuario de Minas 1913. Institutos de Ensino Superior, Secundario e Technico, existentes no Estado.** Belo Horizonte: 1913. Biblioteca Nacional Digital.

2. Bibliografia

- ALMEIDA, Jane Soares de. Vestígios para uma reinterpretação do magistério feminino em Portugal e no Brasil a partir do Século XIX. In: **SAVIANI, Demerval [et al.]. O legado educacional do século XIX** 2ª.ed. ver. e ampl. Campinas, SP: Autores Associados, 2006a.
- ALMEIDA, Jane Soares de. Mulheres na educação: missão, vocação e destino? A feminilização do magistério ao longo do século XX. In: **SAVIANI, Demerval [et al.]. O legado educacional do século XX no Brasil.** 2ª.ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2006b.

ALVES, Gilberto Luiz. **Origens da escola moderna no Brasil: a contribuição jesuítica.** Educ. Soc., Campinas, v. 26, n. 91, p. 617-635, Aug. 2005.

ALVES, Ataufo. Meus tempos de criança. In. SOUSA, Rozilene Lopes de. **Que saudades da professorinha...: histórias e memórias da educação de São José da Lagoa Tapada-PB (1968-1980).** 2009. 118 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

ANCHIETA, José de. **Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões do Padre Joseph de Anchieta. S.J. (1554-1594).** Rio de Janeiro: Officina Industrial Graphica, 1933.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Kodack.** In: Revista do Arquivo Público Mineiro. Belo Horizonte: Ano XXXV. 1984.

ANDRADE, Carlos Drummond de. As impurezas do branco. In: **Poesia e Prosa.** Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992, p.433.

ANDRADE, Carlos Drummond de. No meio do caminho. In: **Nova reunião: 23 livros de poesia – volume 1.** Rio de Janeiro: BestBolso, 2009.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Outubro 30. In: **Nova reunião: 23 livros de poesia – volume 1.** Rio de Janeiro: BestBolso, 2009.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Confissões de Minas: Carlos Drummond de Andrade.** São Paulo: Cosac Naify, 2011.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Nova reunião: 23 livros de poesia – volume 3.** 3ª edição – Rio de Janeiro: BestBolso, 2011.

ANDRADE, Maria Guerra de. **A educação exilada – Colégio do Caraça.** Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

AZEVEDO, Fernando de. **A cultura brasileira.** 7ª. ed.- São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

BADARÓ, Murilo. **Gustavo Capanema: a revolução na cultura.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

BARRETO, Abílio. **Belo Horizonte: memória histórica e descritiva – história antiga e história média.** Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1995.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício de historiador.** Rio de Janeiro: Zahar, 2002

BOMENY, Helena (Org). **Constelação Capanema: intelectuais e política.** Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas; Bragança Paulista (SP): Ed. Universidade de São Francisco, 2001.

BOMENY, Helena. **Os Guardiões da Razão: Modernistas Mineiros.** Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1994.

BORDERIE, Rene La. **Os Grandes Nomes da Educação.** São Paulo: Edições Loyola, 2005.

- BRASIL. Presidência da República. **Lei n. 9394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de diretrizes e bases da educação nacional.** Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 23 dez. 1996.
- BUENO, Eduardo. **Náufragos, traficantes e degredados: as primeiras expedições ao Brasil, 1500-1531.** Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.
- CALICCHIO, Vera. *Legião de outubro (verbetes).* **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro. (DHBB) 2ª. ed.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.
- CALICCHIO, Vera. *Gabriel Passos (verbetes).* **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro. (DHBB) 2ª. ed.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.
- CALÓGERAS, João Pandiá. **Os jesuítas e o ensino.** Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1911.
- CAMINHA, Pero Vaz de. **A Carta.** Belém: Universidade da Amazônia NEAD, 2016.
- CANÇADO, José Maria. **Colégio Arnaldo: uma escola nos trópicos.** Com Arte Editora, Belo Horizonte. 1999.
- CANÇADO, José Maria. **Os sapatos de Orfeu. Biografia de Carlos Drummond de Andrade.** São Paulo: Ed. Página Aberta Ltda. 1993.
- CANDIDO, A. Prefácio. In: MICELI, S. **Intelectuais à brasileira.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- CANDIDO, Antônio. A revolução de 1930 e a cultura. In: **Novos Estudos.** no. 4. Abril 1984.
- CARELLI, Mario. **Corcel de Fogo: a vida de Lucio Cardoso.** Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1988.
- CAVALCANTI, Lauro. **Moderno e brasileiro.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006 (Ed. Eletrônica Amazon.com)
- CHAGAS, Carmo. **Colégio Arnaldo: 100 anos: patrimônio educacional e cultural de Belo Horizonte.** São Paulo: SMS Editora, 2014.
- CINTRA, Assis. **Nossa primeira história.** São Paulo: Cia. Melhoramentos de S. Paulo. 1922.
- CUNHA JUNIOR, Carlos Fernando Ferreira. **O Imperial collegio de Pedro II e o ensino secundário da boa sociedade brasileira.** Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.
- DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO (DOU). **Decreto no. 91.188, de 8 de abril de 1985.** Seção 1 – 9/04/1985, Página 5873.
- DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO (DOU). **Decreto no. 11.340, de 15 de Janeiro de 1943.** Seção 1 – 1/2/1943, Página 1401.
- DURKHEIM, Emile. **Educação e sociologia.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- ECO, Umberto. **Como se faz uma tese.** 19ª. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- EGLER, W. A. **A zona pioneira ao norte do Rio Doce.** Revista brasileira de Geografia, v. 13, n. 2, 1951.

FAORO, Raymundo. **Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro – vol.2.** 8ª. ed. São Paulo: Globo, 1989.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil.** 12 ed. 1. Reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

FERREIRA JR., Amarílio; BITTAR, Marisa. **Educação jesuítica e crianças negras no brasil colonial.** R. bras. Est. pedag., Brasília, v. 80, n. 196, p. 472-482, set. /dez. 1999.

FERREIRA, Cícero. **Carta ao Dr. Américo Lopes. 5.10.1917.** Cópia. Acervo Histórico Colégio Arnaldo.

FOLLIS, Fransérgio. **Modernização urbana na Belle Époque paulista.** São Paulo: Editora UNESP, 2004.

FRANCA, Leonel. **O Método Pedagógico dos Jesuítas – O “Ratio Studiorum” Introdução e Tradução.** Rio de Janeiro: Livraria AGIR Editora, 1952

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal.** 25 ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora; 1987.

FREYRE, Gilberto. **Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil – 2 Sobrados e mucambos Decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano.** São Paulo: Global, 2013.

GIROLETTI, Domingos. **Fábrica: convento e disciplina.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

GIROLETTI, Domingos. Participação dos imigrantes italianos no desenvolvimento de Minas Gerais. In: RADUNZ, Roberto; HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti (Org.). **Imigração e sociedade: fontes e acervos da imigração italiana no Brasil.** Caxias do Sul, RS: Educus, 2015.

GONDRA, José Gonçalves, SCHUELER, Alessandra. **Educação, poder e sociedade no Império brasileiro.** São Paulo: Cortez, 2008.

HOBBSBAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOBBSBAWM, Eric. **Sobre história.** São Paulo: Companhia de Bolso, 1997.

HOBBSBAWM, Eric. Todo povo tem história. In: **Sobre história.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 185-200.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos.** Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

KOWALTOWSKI, Doris C. C. K. **Arquitetura escolar: o projeto do ambiente de ensino.** São Paulo: Oficina de Textos, 2011.

LEITE, Serafim. **História da companhia de Jesus no Brasil.** Edições Loyola, 2000.

LUCENA, Paola Lili. **“Nenhum lar sem o lar católico! ”: discursos e vivências sobre gênero, família e sexualidade no jornal Lar Católico (1954- 1986).** / Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2011.

MEDEIROS, Sandra. **Espírito Santo um Estado Singular**. Vitória: Ima Casa Editora, 2004.

MICELI, Sérgio. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MORAES, Dênis de. **Graciliano no fio da navalha: cooptação, engajamento e resistência**. In: ROXO, Marco. SACRAMENTO, Igor (organizadores). **Intelectuais partidos: os comunistas e as mídias no Brasil**. Rio de Janeiro: E-papers, 2012.

MOREIRA, Regina da Luz (org.). **Arquivo Gustavo Capanema. Inventário analítico**. Rio de Janeiro, CPDOC, 2000.

MOURÃO, Paulo Kruger Corrêa. **História de Belo Horizonte de 1897 a 1930**. Belo Horizonte: Editora do Autor, 1970.

MUSSEN, Paul Henry; CONGER, John Janway; KAGAN, Jerome. **Desenvolvimento e personalidade da criança**. 4. ed. São Paulo: Harbra, 1977

NAVA, Pedro. **Baú de ossos**. Apresentação André Botelho; nota Carlos Drummond de Andrade; posfácio Davi Arrigucci Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

NAVA, Pedro. **Beira-Mar**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

NERY, Edson. In. PEREIRA DOS SANTOS, Nelson. **Casa Grande & Senzala**. Vídeo documentário. 2001

NOGUEIRA, Octaciano. **1824**. 3. ed. — Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2012.

PAIVA, José Maria de. Estado e educação. A Companhia de Jesus: Brasil, 1549-1600. **Rev. bras. hist. educ.**, Maringá-PR, v. 15, n. 2 (38), p. 169-191 maio/ago. 2015.

PEREZ, Luiza Quinet Ramos; MUSSE, Christina Ferraz. **Lar Católico: a igreja e a função pedagógica da Imprensa**. Trabalho submetido ao III Encontro Regional Sudeste de História da Mídia no GT de História da Mídia Impressa. UFRJ. Abril 2014.

RENAULT, Abgar. Depoimento. In: OLIVEIRA, Solange Ribeiro de; RENAULT, Affonso Henrique Tamm. **Abgar Renault**. Belo Horizonte: Centro de Estudos Literários, Edições Ouvidor, 1996.

RESENDE, Otto Lara. **O príncipe e o sabiá e outros perfis**. São Paulo: Companhia das Letras: Instituto Moreira Sales, 1994.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RIBEIRO, Maria Luisa Santos. **História da educação brasileira: a organização escolar**. Campinas: Autores Associados, 2007.

ROSA, Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

ROSA, Guimarães. **Primeiras Estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ROSÁRIO, Maria; SILVA, José. **A educação jesuítica no Brasil colônia**. III Encontro de pesquisa em Educação da UFPI. GT - 11. 2004.

SALES, Sheila Jorge Selim de. **Professor Ariosvaldo de Campos Pires: um humanista dez anos de sua partida**. Rev. Fac. Direito UFMG, Belo Horizonte, n. 63, pp. 681 - 686, jul./dez. 2013.

SALVADOR, Frei Vicente de. **História do Brasil**. São Paulo: Weiszflog Irmãos, 1918.

SANGENIS, Luiz Fernando Conde. **Gênese do pensamento único em educação: franciscanismo e jesuitismo na educação brasileira**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFF – Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2004.

SANTOS, Alfredo da Conceição. **A Influência do concílio vaticano II na vida do colégio cristo redentor de juiz de fora: 1962-1968**. Dissertação de Mestrado em Educação. Faculdade de Educação da Universidade Católica de Petrópolis. Petropolis: Rio de Janeiro, 2006.

SANTOS, Hércules Pimenta do. **Católicos e Protestantes: escolas confessionais fundadas por missionários estrangeiros, Belo Horizonte – MG (1900-1950)**. Dissertação de Mestrado, UFMG/FAE, 2010.

SAVIANI, Demerval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Coleção memória da educação. 3ª. ed. ver. – Campinas, SP: Autores Associados, 2010.

SCHWARTIZMAN, Simon. BOMENY, Helena Maria Bousquet. COSTA, Vanda Maria Ribeiro. **Tempos de Capanema**. São Paulo: Paz e Terra: Fundação Getúlio Vargas, 2000.

SILVA, Angélica Brito e outros. **Textos publicados em comemoração ao bicentenário de restauração da Companhia de Jesus**. São Paulo, Pateo do Collegio/Edições Loyola, 2013.

TEIXEIRA, Anísio. **Ensino superior no Brasil: análise e interpretação de sua evolução até 1969/Anísio Teixeira**. - Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1989

VASCONCELLOS, Simão de. **Chronica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil [...]** (Volume 1). Biblioteca Brasiliana. Lisboa: A. J. Fernandes Lopes, 1865.

VASCONCELOS, José Mauro de. **O Meu pé de laranja lima**. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1975.

3. Documentos digitais.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS – ABL. **Biografia de Abgar Renault**. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/abgar-renault/biografia>>. Acesso em: 21 out. 2015.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS – ABL. **Biografia de Américo Jacobina Lacombe**. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/americo-jacobina-lacombe>>. Acesso em: 21 out. 2015.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS – ABL. **Biografia de Ivan Lins**. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/ivan-lins>>. Acesso em: 21 out. 2015.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS – ABL. **Biografia de Ivo Pitanguy**. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/ivo-pitanguy>>. Acesso em: 21 out. 2015.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS – ABL. **Biografia de João Guimarães Rosa**. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/joao-guimaraes-rosa>>. Acesso em: 21 out. 2015.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS – ABL. **Foto de Abgar Renault**. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/abgar-renault>>. Acesso em: 15 set. 2016.

ALMEIDA MELO, J.T. de. **Centenário do Professor Raymundo Cândido**. Disponível em: <<http://www.almeidamelo.com.br/index.php/discursos/8319-centenario-do-professor-raymundo-candido>>. Acesso em 20 jan. 2017.

ARQBH – Guia de Arquitetura. **Traçado urbano de Belo Horizonte: 1890-1900: Aarão Reis**. Disponível em: <http://www.arqbh.com.br/2007_03_01_archive.html>. Acesso em: 21 abr. 2016.

ARQUIDIOCESE DE BELO HORIZONTE. **Outros colégios católicos**. Disponível em: <<http://www.arquidiocesebh.org.br/site/comunicacao.php?menu=Outros%20Col%C3%A9gios%20Cat%C3%B3licos&id=81>>. Acesso em: 20 no. 2015.

BANCO DE DESENVOLVIMENTO DE MINAS GERAIS - BDMG. **Perfil de Washington Melo**. Disponível em: <<http://50anos.bdmg.mg.gov.br/perfil/exibir/68>>. Acesso em: 25 out. 2015.

BRASIL. Constituição (1824) **Constituição Política do Império do Brazil**. Rio de Janeiro, 1824. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constitui%C3%A7ao24.htm>. Acesso em: 20 out. 2015.

CASA RUI BARBOSA. **Lúcio Cardoso: biografia**. Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/literatura/lucio_cardoso/biografia.htm>. Acesso em 20 jan. 2017.

CENTRO CULTURAL SÃO PAULO. **Biblioteca Henfil**. Disponível em: <http://www.centrocultural.sp.gov.br/saiba_mais/biblioteca_henfil.asp>. Acesso em: 20 out 2015.

CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL – FGV. **Gabriel Passos**. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/arquivo>>. Acesso em: 15 set. 2015.

CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL – FGV. **Gustavo Capanema**. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/arquivo>>. Acesso em: 15 set. 2015.

CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL – FGV. **Verbetes biográficos: Abgar de Castro Araujo Renault**. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/abgar-de-castro-araujo-renault>>. Acesso em: 15 set. 2016.

CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL – FGV. **A Era Vargas: Biografias – Gustavo Capanema**. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/gustavo_capanema>. Acesso em: 15 set. 2016.

COLÉGIO ACADEMIA. **Imagem do Colégio Academia**. Disponível em: <<http://www.academia.com.br/servicos/museu/>> Acesso em: 21 out. 2015.

COLÉGIO ARNALDO. **Museu do Colégio Arnaldo**. Disponível em: <<http://www.colegioarnaldo.com.br/multimidia/fotos/museu-do-colegio-arnaldo/>> Acesso em: 20 set. 2016a.

COLÉGIO ARNALDO. **Infraestrutura: Museu**. Disponível em: <<http://www.colegioarnaldo.com.br/o-colegio/infraestrutura/>> Acesso em: 20 set. 2016b.

COLÉGIO IZABELLA HENDRIX. **Nossa história**. Disponível em: <<http://colegio.izabelahendrix.edu.br/institucional/nossa-historia>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

COLÉGIO SANTA MARIA. **História**. Disponível em: <<http://www.inscricaosantamaria.com.br/o-santa-maria/historia/>>. Acesso em: 20 set. 2016.

CONGRAGAÇÃO DO VERBO DIVINO - **Quem somos**. Disponível em: <http://www.verbodivino.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=46&Itemid=59>. Acesso em: 15 jul. 2015.

CONGREGAÇÃO DO VERBO DIVINO - Provincia Brasil Sul. **Quem somos**. Disponível em: <http://www.verbodivino.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=46&Itemid=59>. Acesso em: 23 nov. 2015.

CONSELHO BRASILEIRO DE OFTALMOLOGIA. **100 Anos de Hilton Rocha**. Disponível em: <<http://www.cbo.com.br/novo/medico/pdf/jo/ed140/8.pdf>>. Acesso em: 21 out. 2015

COUTO, Deolindo. **Discurso de recepção a Abgar Renault** In: ABL - Academia Brasileira de Letras. 1968. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/abgar-renault/discurso-de-recepcao>>. Acesso em: 21 out. 2015.

CURRAL DEL REY. **Colégio Sagrado Coração de Jesus**. Disponível em: <<http://curraldelrei.blogspot.com.br/2010/08/antiga-rua-paraibuna-no-final-dos-anos.html>> Acesso em: 21 out. 2015.

DICIONÁRIO CRAVO ALBIN DE MUSÍCA POPULAR BRASILEIRA. **Toninho Horta**. Disponível em: <<http://www.dicionariompb.com.br/toninho-horta>>. Acesso em: 21 out. 2015.

DIOCESE DE JACAREZINHO. **Dom Geraldo de Proença Sigaud**. Disponível em: <<http://diocesejacarezinho.org/site/diocese/bispos/dom-geraldo-de-proenca-sigaud-1947-1961/>> Acesso em: 21 out. 2015.

EDITORA RECORD. **Fernando Sabino**. Disponível em: http://www.record.com.br/autor_sobre.asp?id_autor=1607. Acesso em: 20 jan. 2017.

ENCICLOPÉDIA ITAUCULTURA. **Perfil de Roberto Drummond**. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa2726/roberto-drummond>>. Acesso em: 25 out. 2015.

FARIA, Lair. Especial Vaticano: os caminhos da Companhia de Jesus. In: **História Viva. Ed. Eletrônica**. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/especial_segredos_do_vaticano_-companhia_de_jesus_do_fervor_a_expulsao.html> Acesso em 28 ago. 2015.

FENELON, Sandro; ALMEIDA, Sidney de Souza. **A histórica visita de Marie Curie ao Instituto do Câncer de Belo Horizonte**. Radiol Bras, São Paulo, v. 34, n. 4, p. vii-viii, Aug. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-39842001000400002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 22 jan. 2016.

FOLHA DE GUANHÃES. **Presidente da Cenibra recebe título de cidadão honorário na capital**. Disponível em: <<http://www.folhadeguanhaes.com.br/social/presidente-da-cenibra-recebe-titulo-de-cidadao-honorario-na-capital>> Acesso em: 25 out. 2015.

FRANCA, Leonel. **O Método pedagógico dos jesuítas. O “ratio studiorum” organização e plano de estudos da companhia de Jesus. Regras do provincial**. Disponível <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/fontes_escritas/1_Jesuitico/ratio%20studiorum.htm>. Acesso em: 05 set. 2016.

FREI BETTO. **Ser mineiro**. Disponível em: <<http://www.freibetto.org/index.php/artigos/14-artigos/28-ser-mineiro>>. Acesso em: 11 abr. 2016.

GOCH. **Arnold-Janssen-Haus**. Disponível em <https://www.goch.de/de/dienstleistungen/informatie-voor-nederlandse-bezoekers/> . Acesso em: 15 jul. 2015.

INDEPENDENT. **Summerhill alumni: 'What we learnt at the school for scandal'**. Disponível em: <<http://www.independent.co.uk/news/education/schools/summerhill-alumni-what-we-learnt-at-the-school-for-scandal-2373066.html>>. Acesso em: 18 set. 2016.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL – IPHAN. **Vida e obra de Rodrigo de Melo Franco de Andrade**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/481/vida-e-obra-rodriogo-melo-franco-de-andrade-1898-%E2%80%93-1969>>. Acesso em: 15 set. 2015.

INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE MINAS GERAIS EPHA-MG. **Guia dos bens tombados-IEPHAMG: Belo Horizonte Palácio da Justiça Rodrigues Campos**. Disponível em: <<http://www.iepha.mg.gov.br/component/content/article/3322guia-dos-bens-tombados-iephamg/1334-belo-horizonte-palacio-da-justica-rodrigues-campos>>. Acesso em: 14 set. 2015.

INSTITUTO METODISTA GRANBERY. **História do Instituto Metodista Granbery**. Disponível em: <<http://www.granbery.edu.br/granbery.php?codSegmento=1>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

JANNSENFREINADEMETZ. **Vida y obra de Arnold Janssen. Fotografia de Santo Arnold Janssen**. Disponível em: janssenfreinademetz.wordpress.com/janssen/vida-obra/ Acesso em: 15 jul. 2015.

JARDINS HISTÓRICOS. Paul Villon. Disponível em: <http://www.jardinshistoricos.com.br/teste/jardins-historicos/paul-villon-e-o-jardim-romantico-no/>>. Acesso em: 18 set. 2016.

JOÃO PAULO II. **Arnaldo Janssen. Biografia, 2003**. Disponível em: <http://www.vatican.va/news_services/liturgy/saints/ns_lit_doc_20031005_janssen_po.html> . Acesso em: 26 out. 2015.

MEMORIA VIVA. **Biografia de Carlos Drummond de Andrade**. Disponível em: <<http://drummond.memoriaviva.com.br/>>. Acesso em: 21 nov. 2015.

MOVIMENTO MPBnet. **Fernando Brant**. Disponível em: <<http://www.mpbnet.com.br/musicos/fernando.brant/>>. Acesso em: 22 out. 2015.

MUNICÍPIO DE BELO HORIZONTE. **Lei nº 318 de 18 de Julho de 1927 do Município de Belo Horizonte**. Disponível em: <http://cm-belo-horizonte.jusbrasil.com.br/legislacao/239144/lei-318-27?ref=topic_feed>. Acesso em: 21. Nov. 2015.

MUSEU CLUBE DA ESQUINA. **Perfil de Fernando Brant**. Disponível em: <<http://www.museuclubedaesquina.org.br/>>. Acesso em: 22 out. 2015.

PATRUS ANANIAS. **Depoimento**. Disponível em: <<http://patrusanancias.com.br/blog/proposta-editorial/>>. Acesso em: 25 out. 2015.

PBH - Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. **Célio de Castro**. Disponível em: <http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pIdPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=historia&lang=pt_BR&pg=5780&tax=11706>. Acesso em: 22.out.2015.

PBH – Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. **Cronologia Histórica e Evolução da Ocupação**. Disponível em: <http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pIdPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=estatisticaseindicadores&lang=pt_BR&pg=7742&tax=20462> Acesso em: 22. out.2015.

PLUTZ, Fr. Stan. SVD. **St. Arnold and the laity**. Documento não datado. Disponível em <<http://www.divineword.org/assets/1/AssetManager/Plutz-Arnold & Laity.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2015.

PORTAL DOS JORNALISTAS. **Perfil de Ivan Drummond**. Disponível em: <<http://www.portaldosjornalistas.com.br/jornalista/ivan-drummond>> Acesso em: 20 jan. 2017.

PORTAL UAI. Jornal Estado de Minas. **100 Anos do Colégio Arnaldo: Refeitório Antigo**. Disponível em: <http://www.em.com.br/app/galeria-de-fotos/2014/05/23/interna_galeriafotos,4273/100-anos-do-colegio-arnaldo.shtml>. Acesso em: 11 set. 2016.

PROJETO MEMÓRIA VIVA. **Carlos Drummond de Andrade**. Disponível em: <<http://www.projetomemoria.art.br/drummond/correspondencia/>>. Acesso em: 25 nov. 2015.

RENAULT, Abgar. **Discurso de posse na Academia Brasileira de Letras**. Rio de Janeiro, 1968. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/abgar-renault/discurso-de-posse>>. Acesso em: 20 set. 2016.

RIFF AGÊNCIA LITERÁRIA. **Perfil de Carlos Herculano Lopes**. Disponível em: <<http://www.agenciarriff.com.br/site/AutorCliente/Autor/45>>. Acesso em: 22 out. 2015.

SILVEIRA, Sidney F. Safe. **In Memoriam de Raymundo Candido**. Disponível em: <www.polos.ufmg.br/revista/index.php/revista/article/download/1079/1012> Acesso em 21 jan.2017.

SIQUEIRA; RUCKSTADTER. Os jesuítas e a educação dos índios nas cartas de Manoel da Nobrega (1517-1570). **Anais da XII Jornada HISTEDBR**. Caxias RN, 2014.

UNB – Universidade de Brasília – **Carlos Drummond de Andrade: parabéns farmacêuticos**. Disponível em: <<http://fs.unb.br/?portfolio=parabens-farmacuticos>>. Acesso em: 14 set. 2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS - UFMG – **Galeria de Reitores: Mario Casassanta**. Disponível em: <https://www.ufmg.br/80anos/reitores.html#05>>. Acesso em: 22 out. 2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS - UFMG – **Inventário Abgar Renault**. Disponível em: https://www.ufmg.br/aem/Inventario_abgar/bio/38b.htm>. Acesso em: 23 dez. 2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA - UFV. **Personagens e Pioneiros da UFV: Milton Soares**. Disponível em: <<http://www.personagens.ufv.br/?area=miltonSoares>> Acesso em: 21 out. 2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA – UFV. **Personagens e Pioneiros da UFV: Américo Rene Giannetti**. Disponível em: <<http://www.personagens.ufv.br/?area=americoRene>>. Acesso em: 21 out. 2015.

UOL EDUCAÇÃO. **Biografia de Herbert José de Souza (Betinho)**. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/biografias/herbert-jose-de-sousa-betinho.htm>>. Acesso em: 22 out. 2015.

APÊNDICE A - Biografia de Alunos Destaque do Colégio Arnaldo

As biografias aqui apresentadas, de forma condensada, foram adaptadas de diversas fontes, relacionadas às vidas dos ex-alunos. Estas fontes estão relacionadas ao pé de página.

Abgar de Castro Araújo Renault⁴⁴

Professor, educador, político, poeta, ensaísta e tradutor, nasceu em Barbacena, MG, em 15 de abril de 1901, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 31 de dezembro de 1995.

- Professor do Ginásio Mineiro de Belo Horizonte, da Universidade Federal de Minas Gerais e, no Rio de Janeiro, do Colégio Pedro II e da Universidade do Distrito Federal;
- Deputado Estadual e Diretor da Secretaria do Interior e Justiça do Estado de Minas Gerais;
- Secretário do Ministério da Educação e Saúde Pública Francisco Campos e seu Assistente na Secretaria da Educação e Cultura do Distrito Federal;
- Diretor e organizador do Colégio Universitário da Universidade do Brasil;
- Diretor do Departamento Nacional da Educação;
- Secretário da Educação do Estado de Minas Gerais em dois governos, quando se notabilizou por incentivar o ensino no meio rural;
- Ministro da Educação e Cultura;
- Diretor do Centro Regional de Pesquisas Educacionais João Pinheiro em Belo Horizonte;
- Ministro do Tribunal de Contas da União;
- Membro da Comissão Internacional do Curriculum Secundário da Unesco (1956 a 1959); Consultor da Unesco na Conferência sobre Necessidades Educacionais da África, em Addis Abeba (1961); Membro da Comissão Consultiva Internacional sobre Educação de Adultos, também da Unesco (1968-1972);
- Representante do Brasil em numerosas conferências internacionais sobre educação levadas a efeito pela Unesco em Londres, Paris, Santiago do Chile, Teerã, Belgrado e Genebra; eleito várias vezes membro da Comissão de Redação Final dos documentos dessas reuniões;
- Membro da Comissão Consultiva Internacional do The World Book Encyclopædia Dictionary (Thorndike-Barnhart Copyright, Doubleday & Company, USA, 1963);
- Membro do Conselho Federal de Educação e do Conselho Federal de Cultura;
- Professor Emérito da Universidade Federal de Minas Gerais.
- Membro da Academia Brasileira de Letras (ABL);

Afonso Arinos de Mello Franco⁴⁵

Afonso Arinos de Melo Franco, jurista, professor, político, historiador, crítico, ensaísta e memorialista, nasceu em Belo Horizonte, MG, em 27 de novembro de 1905, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 27 de agosto de 1990.

- Quinto ocupante da Cadeira 25, eleito em 23 de janeiro de 1958, na sucessão de José Lins do Rego e recebido em 19 de julho de 1958 pelo Acadêmico Manuel Bandeira. Recebeu os Acadêmicos Oscar Dias Corrêa, Otto Lara Resende, Antonio Houaiss e Guimarães Rosa.
- Em 1938, ministrou cursos de História Econômica do Brasil na Universidade de Montevidéu. No ano seguinte, ministrou um curso na Sorbonne, em Paris, sobre cultura brasileira, sob os auspícios do Instituto Franco-Brasileiro de Alta Cultura. Em 1944, voltou a lecionar no exterior cursos de literatura na Faculdade de Letras da Universidade de Buenos Aires. Em 1946, foi nomeado professor de História do Brasil do Instituto Rio Branco (curso de preparação para a carreira diplomática, do Ministério das Relações Exteriores). Obteve após concurso as cátedras de Direito Constitucional na Universidade do Estado do Rio de Janeiro e na Universidade do Brasil, hoje UFRJ.
- Foi eleito deputado federal por Minas Gerais em três legislaturas (de 1947 a 1958). Na Câmara dos Deputados, foi membro da Comissão de Constituição e Justiça e da Comissão Mista de Leis Complementares, relator da Comissão Especial constituída para emitir parecer acerca da emenda parlamentarista à Constituição, membro da Comissão de Reforma Administrativa, líder da União Democrática Nacional até 1956, e depois líder do bloco da oposição até 1958, relator da Comissão Especial para emitir parecer sobre a autonomia do Distrito Federal e autor da lei contra a discriminação racial, que tomou o seu nome (Lei n. 1.390, de 3 de julho de 1951).
- Em 1958, foi eleito senador pelo antigo Distrito Federal, hoje Estado do Rio de Janeiro. No Senado, foi membro e presidente da Comissão de Relações Exteriores, membro e presidente da Comissão de

⁴⁴ (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, 2015)

⁴⁵ (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, 2016)

Constituição e Justiça, relator da Comissão Especial sobre a competência do Senado na apreciação dos empréstimos estaduais. Não tendo pleiteado a reeleição, despediu-se do Senado numa série de discursos em torno do projeto da Constituição. A pedido do então líder da maioria na Câmara Federal, deputado Pedro Aleixo, e do senador Daniel Kieger, líder da maioria no Senado, é de sua autoria o capítulo sobre declaração de direitos e garantias individuais na Constituição de 1967.

- Em 1961, ocupou no governo do Presidente Jânio Quadros a pasta das Relações Exteriores, iniciando a fase da chamada política externa independente. Foi o primeiro chanceler brasileiro a visitar a África, sendo recebido no Senegal pelo Presidente Leopold Senghor (1961). Foi chefe da delegação do Brasil nas Nações Unidas, durante as XVI e XVII Assembléias Gerais (1961 e 1962). Na categoria de embaixador extraordinário, compareceu ao Concílio Vaticano II (1962). Chefiou em seguida a delegação brasileira à Conferência do Desarmamento, em Genebra (1963). Pela segunda vez, voltou a exercer o posto de ministro das Relações Exteriores, no governo parlamentarista do primeiro-ministro Francisco Brochado da Rocha (1963).
- Foi nomeado, pelo presidente da República, presidente da Comissão Provisória de Estudos Constitucionais (denominada Comissão Afonso Arinos), criada pelo Decreto n. 91.450 de 18.7.85, que preparou anteprojeto de Constituição. Eleito senador federal em 1988, participou da Assembléia Nacional Constituinte que preparou o projeto de Constituição como presidente da Comissão de Sistematização Constitucional.
- Foi membro do Instituto dos Advogados Brasileiros, sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, membro do Conselho Federal de Cultura (nomeado em 1967, quando da sua criação, e reconduzido em 1973) e professor emérito da Universidade Federal do Rio de Janeiro e da Universidade Estadual do Rio de Janeiro.
- Foi eleito Intelectual do Ano em 1973 (Prêmio Juca Pato, da Sociedade Paulista de Escritores); recebeu o Prêmio Luísa Cláudio de Sousa, do Pen Clube do Brasil, pela sua biografia de Rodrigues Alves, e o Prêmio Jabuti, da Câmara do Livro de São Paulo, por duas vezes, quando da publicação de dois dos seus volumes de Memórias.

Carlos Drummond de Andrade⁴⁶

Jornalista, cronista, farmacêutico, poeta, funcionário público, nasceu em Itabira em 31/10/1902, faleceu em 17/08/1987, no Rio de Janeiro.

- 1921 - Começa a publicar artigos no Diário de Minas;
- 1922 - Ganha um prêmio de 50 mil réis, no Concurso da Novela Mineira, com o conto "Joaquim do Telhado".
- 1923 - Matricula-se no curso de Farmácia da Escola de Odontologia e Farmácia de Belo Horizonte.
- 1928 - Publica na Revista Antropofagia, de São Paulo, o poema *No meio do caminho*, que se torna um verdadeiro escândalo literário.
- 1930 - *Alguma Poesia*, seu primeiro livro, foi editado;
- 1930 - Chefe de Gabinete de Gustavo Capanema na Secretaria de Estado do Interior de MG;
- 1934 - Chefe de Gabinete de Gustavo Capanema no Ministério da Educação e Saúde Pública (até 1945);
- 1945 - Funcionário do Serviço Histórico e Artístico Nacional, até 1962;
- 1946 - Premiado pela Sociedade Felipe de Oliveira, pelo conjunto da obra;
- 1960 - Inicia como cronista para jornais do Rio de Janeiro;
- 1967 - Seu tradutor para o Sueco pede para indica-lo ao Prêmio Nobel de Literatura. Drummond diz que Jorge Amado merece mais do que ele e nega o pedido.
- 1980 - Recebe o título de doutor honoris causa pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (1980);
- 1981 - Recusa o prêmio Juca Pato;
- 1982 - Ao completar 80 anos, é homenageado com exposições na Biblioteca Nacional e na Casa de Rui Barbosa;
- 1987 - A escola de samba Estação Primeira de Mangueira o homenageia com o samba-enredo *O reino das palavras* e é campeã do carnaval carioca naquele ano;
- Recusou várias vezes convite para ingressar na Academia Brasileira de Letra;
- Publicou 29 livros, traduzidos em centenas de países;

⁴⁶ Projeto Memória Viva (2015)

Gabriel de Resende Passos⁴⁷

Advogado e político nasceu em 17/03/1901 em Itapecerica (MG). Falecido em 1962, no Rio de Janeiro (RJ).

- 1924 - Bacharel-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito de Belo Horizonte;
- 1930 - Participa como major da Força Pública da Revolução de 1930;
- 1930 - Assume a secretaria do gabinete de Olegário Maciel, governador de Minas Gerais;
- 1933 - Elege-se deputado à Assembleia Nacional Constituinte (Partido Progressista);
- 1934 - Reelege-se Deputado Federal;
- 1935 - Secretário do Interior e Justiça do Governador Benedito Valadares (MG);
- 1936 - Nomeado Procurador-Geral interino da República (mais jovem ocupante desse cargo até então);
- 1945 - Eleito Deputado por Minas Gerais à Assembleia Nacional Constituinte de 1946 (UDN - União Democrática Nacional);
- 1950 - Candidato derrotado ao governo de Minas;
- 1954 - Eleito Deputado Federal;
- 1957 - Funda com outros a Frente Parlamentar Nacionalista (FPN);
- 1958 - Reeleito Deputado Federal;
- 1961 - Ministro das Minas e Energia no governo parlamentarista de Tancredo Neves.

Gustavo Capanema Filho⁴⁸

Advogado, político, nasceu em Pitangui (MG), em 1900. Faleceu no Rio de Janeiro, em 1985.

- 1923 - Forma-se pela Faculdade de Direito de Minas Gerais, em 1923.
- 1927 - Iniciou sua vida política ao eleger-se vereador em sua cidade natal.
- 1930 - Apoiou a candidatura presidencial de Getúlio Vargas, lançado pela Aliança Liberal - coligação que reunia os líderes políticos de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraíba.
- 1930 - Oficial de Gabinete e Secretário do Interior e Justiça do Presidente de Minas Gerais, Olegário Maciel;
- 1931 - Partidário decidido do movimento revolucionário que depôs o presidente Washington Luís e conduziu Vargas ao poder, liderou em fevereiro de 1931, junto com Francisco Campos e Amaro Lanari, a formação da Legião de Outubro, organização política criada em Minas Gerais com a finalidade de oferecer apoio ao regime surgido da Revolução de 30.
- 1932 - Vinculou-se, em Belo Horizonte, ao grupo de "intelectuais da rua da Bahia", do qual também faziam parte Mario Casassanta, Abgar Renault, Milton Campos, Carlos Drummond de Andrade e outras futuras personalidades das letras e da política no Brasil.
- 1931 - Lidera a reação a um golpe deflagrado na capital mineira para afastar Olegário Maciel do governo;
- 1931 - Intermedia o processo de reaproximação entre Vargas e Olegário;
- 1932 - Participa da fundação do Partido Social Nacionalista (PSN), surgido da tentativa de pacificação da política mineira;
- 1933 - Funda com Olegário Maciel o Partido Progressista (PP) que reunia os setores políticos mineiros alinhados aos governos estadual e federal;
- 1933 - Assume interinamente a interventoria federal em Minas, após a morte de Olegário Maciel;
- 1934 - Designado pelo presidente para dirigir o Ministério da Educação e Saúde. Carlos Drummond é o seu Chefe de Gabinete;
- 1937 - Criada a Universidade do Brasil a partir da estrutura da antiga Universidade do Rio de Janeiro.
- 1942 - Nacionalização de cerca de duas mil escolas localizadas nos núcleos de colonização do sul do país, medida intensificada após a decretação de guerra do Brasil à Alemanha, em 1942.
- 1942 - Criado o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai).
- 1942 - Criado o Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Sphan). Capanema buscou, como ministro, estabelecer um bom relacionamento com os intelectuais brasileiros, tendo sido auxiliado nessa tarefa pelo poeta Carlos Drummond de Andrade, seu chefe-de-gabinete.
- 1945 - Filiação ao Partido Social Democrático (PSD). Elege-se deputado federal constituinte por Minas Gerais, reelegendo-se várias vezes;
- 1959 - Ministro do Tribunal de Contas da União (TCU).

⁴⁷ Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (Cpdoc) da FGV, onde os documentos do ex-ministro estão depositados.

⁴⁸ Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), da Fundação Getúlio Vargas

- 1964 - Apoia o golpe que depôs o presidente João Goulart. Filia-se à Aliança Renovadora Nacional (Arena). Permanece na Câmara dos Deputados até 1970;
- 1970 - Mandato no Senado Federal, onde permaneceu até 1979, encerrando então sua carreira política.

Mario Casassanta⁴⁹

Farmacêutico, Advogado, Educador, nasceu em Camanducaia (MG), em 1898. Faleceu em Belo Horizonte (MG), em 1963.

- 1925 - Forma-se em Direito na Faculdade de Direito de Minas Gerais;
- 1932 - Signatário do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova;
- 1938 - Ingressa como professor na Faculdade de Direito da Universidade de Minas Gerais;
- Foi um dos fundadores da Faculdade de Filosofia da Instituição. Atuou também como promotor de justiça e inspetor geral da Instrução Pública do Estado. Ocupou os cargos de diretor dos departamentos de Educação do Distrito Federal e de Minas Gerais e do Centro de Pesquisas Educacionais. Foi reitor da UMG por dois mandatos.
- 1956 - Secretário da Educação do Governo de Minas Gerais;
- 1956 - Diretor do Instituto de Educação.

Milton Campos⁵⁰

Advogado, nasceu em Ponte Nova (MG) em 16/08/1900. Falece em Belo Horizonte (MG) em 16/01/ 1972

- 1922 - Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito de Minas Gerais.
- 1925 - Direção dos Diários Associados em Minas Gerais, colaborando nos jornais “O Estado de Minas” e “Diário de Minas”.
- 1932 - Advogado Geral do Estado de Minas Gerais.
- 1934 - Deputado Estadual e Membro da Constituinte Estadual Mineira.
- 1934 - Advogado da Caixa Econômica Federal.
- 1944 - Exonerado da Caixa Econômica Federal por ter assinado o “Manifesto dos Mineiros”.
- 1945 - Presidente do Banco Nacional S.A. e seu Conselheiro Fiscal;
- 1946 - Membro da Assembleia Nacional Constituinte;
- 1946 - Deputado Federal;
- 1947-1951 - Governador de Minas Gerais. Estabelece a gratuidade do ensino secundário oficial e impulsiona a construção de escolas primárias (entre 1946 e 1950, o número de escolas aumentou de 6.661 para 12.056 e o número de matrículas de 578.920 para 823.105); prepara um plano de eletrificação do Estado, início da criação das Centrais Elétricas de Minas Gerais (CEMIG); cria a Secretaria de Saúde e Assistência, desmembrada da de Educação, a Escola de Saúde Pública, o Departamento Estadual da Criança e o Hospital de Neuropsiquiatria Infantil, passando de 31 para 93 o número de unidades sanitárias em seu mandato
- 1955 - Deputado Federal;
- 1955 - Candidato a Vice-Presidente da República de Juarez Távora.
- 1959 - Senador.
- 1960 - Candidato a Vice-Presidente da República de Janio Quadros.
- 1964 - Ministro da Justiça.
- 1965 - Senador.

A respeito de Milton Campos assim se pronunciava o poeta Carlos Drummond de Andrade: *"Não sei de maior elogio a Milton Campos do que este: ele foi o homem que a gente gostaria de ser"*.

Américo Jacobina Lacombe⁵¹

Professor e historiador, nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 7 de julho de 1909, e faleceu na mesma cidade em 7 de abril de 1993.

- Secretário do Conselho Nacional de Educação, cargo em que permaneceu de 1931 a 1939;
- Diretor da Casa de Rui Barbosa (1939-1967) indicado pelo Ministro Gustavo Capanema;
- Membro da Comissão de Textos de História do Brasil do Ministério das Relações Exteriores;
- Professor de História do ensino de História no Instituto Rio Branco (Itamarati);

⁴⁹ Universidade Federal de Minas Gerais (2015)

⁵⁰ Universidade Federal de Viçosa (2015)

⁵¹ (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, 2015)

- Professor de História desde a fundação na Universidade Católica do Rio de Janeiro da qual apoiou a fundação junto com Alceu de Amoroso Lima;
- Secretário de Educação e Cultura do antigo Distrito Federal (1959-1960);
- Diretor da Casa do Brasil da Cidade Universitária de Paris (1962-1963);
- Orientador e coordenador da publicação das Obras completas de Rui Barbosa, (125 tomos publicados);
- Grande Benemérito e Presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro;
- Membro da Academia Portuguesa da História e do Instituto de Coimbra;
- Membro da Academia Brasileira de Letras (ABL);
- Dirigiu a coleção Brasileira, da Cia. Editora Nacional, onde substituiu Fernando Azevedo;
- Pertenceu ao Conselho da Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa;
- Presidente da Alliance Française do Rio de Janeiro, tendo recebido das mãos do Embaixador Jean Béliard, a Cruz da Legião de Honra.
- Participou das bancas examinadoras de vários concursos no Colégio Pedro II e nas Universidades de São Paulo e da Bahia.
- Membro da Academia Brasileira de Letras.

D. Geraldo Proença Sigaud⁵²

Religioso, Arcebispo da Igreja Católica, Nascido em Belo Horizonte, em 26/09/1909. Falecido em Belo Horizonte, em 05/09/1999.

- Fez seus estudos primários na sua cidade natal, entrou na Congregação do Verbo Divino, em cujo instituto fez o curso secundário e filosófico.
- 1932 - Doutorado em Teologia pela Universidade Gregoriana;
- 1932 - Ordenado Sacerdote em Roma;
- 1932 - Aulas de Teologia em Steyl (cidade de nascimento de Santo Arnaldo Jansen) e na Basílica de Nossa Senhora do Campo, São Paulo
- 1947 - Ordenado Bispo na Basílica de Nossa Senhora do Carmo, São Paulo. Passa a dirigir a Diocese de Jacarezinho (PR)
- 1950 - Funda o Seminário Menor em 1950.
- Funda a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras em Jacarezinho.
- 1950 - Conclui as obras da Catedral Diocesana e do Palácio Episcopal.
- 1951 - Toma posse como Arcebispo de Diamantina (MG)

Raymundo Cândido⁵³⁵⁴

Professor emérito na Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais. Santa Quitéria, 1906 -

- UFMG. A tese "Eficácia da Coisa Julgada Penal, no Juízo Cível" garantiu-lhe o 1º lugar e a docência, em 1954. Teve o decisivo reconhecimento do Ministro Ary Franco, um dos examinadores.
- Manteve-se catedrático de Judiciário Penal e de Judiciário Civil até a aposentadoria, em 1976, quando completou setenta anos e lhe foi conferido o título de Professor Emérito. Lecionou também Direito das Obrigações e Direito das Coisas. Integrou corpo docente da Faculdade de Direito de Itaúna e da Escola de Agrimensura Magalhães Pinto, da UNA.
- Compôs o Instituto dos Advogados de Minas Gerais, devotado, fielmente, ao incremento da cultura jurídica para advogados. Construiu a sede da Casa do Advogado, durante sua gestão de Presidente da Seccional da OAB de Minas Gerais por quatro anos.

⁵² Diocese de Jacarezinho (2015)

⁵³ Não foi encontrado dados mais precisos sobre o Prof. Raymundo Cândido.

⁵⁴ Almeida Melo (2017), Silveira (2017).

Hilton Rocha⁵⁵

Médico Oftalmologista nasceu em Cambuquira (MG), em 23/12/1911. Faleceu em Belo Horizonte (MG), em 21/05/1993.

- 1935 - Forma-se em Medicina pela Faculdade de Medicina de Minas Gerais; Professor Assistente de clínica oftalmológica;
- 1938 - Livre docência;
- 1956 - Um dos fundadores da Associação Médica Brasileira (AMB). Foi seu segundo Presidente;
- 1959 - Organizou o primeiro curso de pós-graduação no Brasil, organizado pela Clínica Oftalmológica da Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais, em 1959, com duração de dois anos em dedicação exclusiva e um terceiro ano opcional.
- 1960 - Presidiu o Conselho Brasileiro de Oftalmologia;
- 1966 - Participa ativamente do movimento para criação de novas vagas em Medicina: “Criem-se novas escolas sim; mas solidariamente constituídas. Ampliem-se as vagas das atuais, sim; mas depois de lhes dar maior potencial docente. Tudo isto é necessário, mas não de afogadilho”.
- 1970 - Cria o Instituto de Olhos (Instituto Hilton Rocha), referência mundial em Oftalmologia;

Ivan Monteiro de Barros Lins⁵⁶

Médico, jornalista, professor, pensador, ensaísta, conferencista nasceu em Belo Horizonte (MG), em 16/04/1904. Faleceu no Rio de Janeiro (RJ), em 16/06/1975.

- 1928 - Com um longo artigo sobre "Francia e o Positivismo", publicado no Jornal do Commercio, iniciou sua atividade de difusão das ideias positivistas no Brasil. O Positivismo, para ele é, sobretudo um método de sistematização dos conhecimentos científicos, filosóficos e sociais, fornecendo as bases para o estabelecimento de uma moral científica;
- 1930 - Forma-se em Medicina na Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil;
- 1932 - Nomeado Secretário da Estação Experimental de Combustíveis e Minérios, mais tarde Instituto de Tecnologia, do Ministério da Agricultura;
- 1932 - Série de conferências sobre Positivismo (reunidas posteriormente em livro);
- 1937 - Lecionou História da Filosofia na Faculdade de Direito da Universidade do Brasil;
- 1940 - Integra a Missão Cultural Brasileira ao Uruguai, onde pronuncia três conferências;
- 1942 - Foi nomeado, pelo presidente Getúlio Vargas, ministro do Tribunal de Contas do então Distrito Federal;
- 1950 - Vice-presidente do Tribunal de Contas do Distrito Federal;
- 1951 - Presidente do Tribunal de Contas do Distrito Federal (até 1955);
- 1943 - Candidata-se pela primeira vez à Academia Brasileira de Letras (ABL);
- 1958 - Eleito para a Academia Brasileira de Letras;
- 1974 - Aposentou-se do Tribunal de Contas da União em sessão solene em sua homenagem.

Colaborou em vários jornais e revistas: Jornal do Commercio, O Jornal, Correio da Manhã, Diário Carioca, do Rio; Correio Paulista, Folha da Manhã, Digesto Econômico, Revista Brasileira de Filosofia, Revista de História, de São Paulo; Correio do Povo de Porto Alegre; A Tarde de Salvador e Revista Filosófica, de Coimbra.

João Guimarães Rosa⁵⁷

Médico, contista, romancista e diplomata, nasceu em Cordisburgo, MG, em 27 de junho de 1908, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 19 de novembro de 1967.

- Em 1930, formou-se pela Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais.
- 1930 - Capitão médico, por concurso, da Força Pública do Estado de Minas Gerais.
- 1929 - Publica na revista O Cruzeiro, o conto "O mistério de Highmore Hall", que não faz parte de nenhum de seus livros.
- 1936 - A coletânea de versos Magma, obra inédita, recebe o Prêmio Academia Brasileira de Letras, com elogios do poeta Guilherme de Almeida;
- 1934 - Diplomata por concurso;
- 1938 - Cônsul em Hamburgo;
- 1942 - Secretário de embaixada em Bogotá;
- 1946 - Chefe de gabinete do ministro João Neves da Fontoura;

⁵⁵ Conselho Brasileiro de Oftalmologia (2015)

⁵⁶ Academia Brasileira de Letras. (2015)

⁵⁷ Academia Brasileira de Letras. (2015)

- 1946 - Publica "Sagarana";
- 1946 - Prêmio Filipe d'Oliveira pelo livro Sagarana;
- 1948 - Primeiro-secretário e conselheiro de embaixada em Paris;
- 1948 - Secretário da Delegação do Brasil à Conferência da Paz, em Paris
- 1948 - Representante do Brasil na Sessão Extraordinária da Conferência da UNESCO, em Paris
- 1949 - Delegado do Brasil à IV Sessão da Conferência Geral da UNESCO, em Paris
- 1951 - Chefe de gabinete do ministro João Neves da Fontoura
- 1956 - Publica "Grande Sertão: Veredas" e "Corpo de Baile";
- 1956 - "Grande sertão: Veredas" recebe o Prêmio Machado de Assis, do Instituto Nacional do Livro e o Prêmio Carmen Dolores Barbosa;
- 1957 - Grande sertão: Veredas recebe o prêmio Paula Brito;
- 1953 - Chefe da Divisão de Orçamento do Itamarati. Promovido a Ministro de Primeira Classe.
- 1962 - Chefe do Serviço de Demarcação de Fronteiras;
- 1963 - "Primeiras estórias" recebe o Prêmio do PEN Clube do Brasil;
- Membro da Academia Brasileira de Letras (ABL)

Lúcio Cardoso⁵⁸

Joaquim Lúcio Cardoso Filho nasceu em Curvelo, Minas Gerais, a 14 de agosto de 1912 e faleceu em 28 de setembro de 1968.

- 1929 - data a sua primeira experiência de dramaturgo, a peça Reduto dos Deuses, que mereceu elogios de Aníbal Machado, e, segundo o próprio LC, era "pretensiosa e anarquista".
- Matriculado no Instituto Superior de Preparatórios, liga-se a Nássara e José Sanz. Com este último redige o jornal A Bruxa, no qual publica novelas policiais. Além dos romancistas russos, começou a ler Oscar Wilde e Lesage, entre outros.
- Inicia então suas experiências como romancista e faz publicações em jornais. Conhece Augusto Frederico Schmidt, que possuía uma editora instalada no mesmo prédio em que LC trabalhava, na Companhia de Seguros A Equitativa.
- Em 1932, conheceu Santa Rosa com quem fundou a Sua Revista, da qual publicou somente um número.
- Em 1934, editou Maleita, muito bem recebido pela crítica, em especial a do temido Agripino Grieco.
- Por causa do assunto de seu primeiro romance foi agrupado entre os regionalistas; entretanto, sua produção tem muito mais afinidade com o grupo "espiritualista" de Cornélio Pena, Schmidt, Otávio de Faria, Vinicius de Moraes.
- Em 1935, publicou Salgueiro, romance de cunho social bem ao gosto da época e, no ano seguinte, A Luz no Subsolo, que mereceu elogiosa carta de Mário de Andrade. A este se seguiram diversos volumes de novelas e poesias, além de romances, atingindo sua obra o clímax com Crônica da Casa Assassinada (1959).
- Em 1961, publica Diário I (1949 a 1951), ao qual iriam seguir-se os volumes II a V, que ficaram na intenção, pois em 1962 sofreu um derrame cerebral, o primeiro, que o incapacitou de escrever. Otávio de Faria organizou para a José Olympio o Diário II (1952 a 1962) que juntamente com o I, foi publicado postumamente (1970) sob o título Diário Completo.
- Lúcio Cardoso costumava dedicar-se à pintura e ao desenho como elemento subsidiário à função literária. Concebia plasticamente os cenários de suas peças, a feição de suas personagens e os locais em que se desenrolava a ação dos romances. Depois que foi atingido pelo derrame, encontrou na pintura outro meio de expressão.
- Lúcio Cardoso realizou quatro exposições individuais em galerias de arte do Rio de Janeiro - Goeldi (1965) e Décor (1968) -, e de São Paulo - Atrium (1965). Em Belo Horizonte, no Automóvel Club de Minas Gerais (1966).
- Em 1966 recebeu o prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras, por conjunto de obra.
- LC dedicou-se com empenho às artes cênicas, como autor, roteirista e produtor. Fundou um teatro de câmara, sediado na Tijuca, onde lançava suas peças com o auxílio de grandes nomes como, entre outros, os de Henriette Morineau, Sérgio Brito, Ítalo Rossi. Estendeu concomitantemente esta atividade à televisão e ao cinema, tendo sido importante sua contribuição para o Cinema Novo.

Fernado Sabino⁵⁹

⁵⁸ Casa Rui Barbosa (2017)

⁵⁹ Editora Record (2017)

A 12 de outubro de 1923, nasce Fernando Tavares Sabino em Belo Horizonte, capital do estado de Minas Gerais. Falece em 2004.

- Aos 13 anos, escreve seu primeiro trabalho literário: uma história policial logo publicada na revista *Argus*, editada pela polícia mineira.
- A partir daí, passa a escrever crônicas sobre rádio, enquanto inicia estreita convivência com Hélio Pellegrino, Otto Lara Resende e Paulo Mendes Campos. Entra para a faculdade de Direito em 1941, mesmo ano em que publica seu primeiro livro, *Os grilos não cantam mais*, elogiado por Mário de Andrade numa carta que daria início a pródiga correspondência entre ambos. Em 1944, muda-se para o Rio. Dois anos depois, ao completar o curso universitário, vai morar em Nova York como correspondente do jornal *Diário Carioca* e assistente no Consulado Geral do Brasil, o que lhe vale a iniciação nos autores de língua inglesa. Curiosamente, é na metrópole americana que começa a escrever *O grande mentecapto*, obra que abandona para retomar mais de 30 anos depois.
- Em 1952, com o lançamento de *A vida real*, Sabino exercita-se em novas experiências literárias. Seu primeiro romance, *O encontro marcado*, é escrito quatro anos depois. Durante o ano de 1959, trabalha como correspondente na Europa de grandes jornais brasileiros, como o *Jornal do Brasil* e da revista *Manchete*. Um ano depois, é enviado a Cuba para realizar reportagens para diversos veículos de comunicação do Rio, Minas Gerais, Bahia e Recife.
- Os anos 60 se caracterizam como um dos períodos mais férteis na carreira do escritor mineiro. São desta época livros como *O homem nu*, *A mulher do vizinho* (Prêmio Fernando Chinaglia do Pen Club do Brasil) e *A companheira de viagem*. De 1964 a 1966, o escritor vive em Londres como correspondente do *Jornal do Brasil*. Em 1972, passa a dedicar-se também ao cinema ao lado de David Neves, com quem realiza uma série de minidocumentários sobre Hollywood para a TV Globo. Funda a *Bem-te-vi* filmes, produzindo curtas-metragens sobre feiras internacionais em Assunção, Teerã, México, Argel e Hanôver. Concilia as funções de produtor e diretor numa série de documentários sobre escritores brasileiros contemporâneos.
- As reminiscências de sua infância, Sabino as registra em *O menino no espelho*, obra de 1982. Seis anos mais tarde, o autor voltaria à autobiografia com *O tabuleiro de damas*. O livro *De cabeça para baixo*, em que relata suas experiências em incontáveis viagens, é lançado em 1989 e reeditado com atualizações e acréscimos sete anos depois. Tem, em seu currículo, traduções de Flaubert, Hemingway, Twain, Tolstói e Maurois, entre outros, além de prêmios importantes, com destaque para o Jabuti de 1979 na categoria romance, com *O grande mentecapto*. Em 1999, ganhou da Academia Brasileira de Letras o Prêmio Machado de Assis pelo conjunto da obra.

Ariosvaldo de Campos Pires⁶⁰

Advogado e Jurista, nasceu no dia 17.05.1934, na cidade de Abaeté, Minas Gerais.

- Cursou Direito na Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais, formando-se em 1959.
- Lecionou na Faculdade de Direito da UFMG - na graduação e nos cursos de mestrado e doutorado - como Professor Titular.
- Presidente da OAB-MG (1971-1975);
- Conselheiro Federal da OAB (1981-1983);
- Presidente do Conselho Penitenciário do Estado de Minas Gerais (1990-1992);
- Procurador-Geral do Município de Belo Horizonte, nos Governos de Hélio Garcia e Ruy Lage;
- Presidente do Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária, do Ministério da Justiça (1999-2001);
- Diretor da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais (1998-2002);
- Membro das Academias: Mineira de Letras (1994), Municipalista de Letras de Minas Gerais; Academia de Letras de São João Del Rei;
- Membro Nato da Academia Mineira de Direito;
- Cidadão Honorário de Belo Horizonte;
- Membro da Comissão para elaborar projeto e reforma da Lei n. 9.072 (Crimes hediondos);
- Membro da Comissão de Revisão do Código Processo Penal, Portaria nº 402, do Ministério da Justiça;
- Presidente da Comissão para elaboração de Anteprojeto de Lei sobre Extradicação (Portaria nº 14 do Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária).

⁶⁰ Adaptado de Sales (2013)

Em 2011, ao assinar convênio com o Tribunal de Justiça de Minas Gerais, o então Diretor-Geral da Faculdade Arnaldo Jansen, Pe. Rene Luiz Paulino de Oliveira, comentou sobre ex-alunos do Colégio Arnaldo (TJMG, 2015): “quão felizes devem estar os juristas mineiros, como os imortais Milton Campos e *Ariosvaldo de Campos Pires*; o ex-presidente do Tribunal de Justiça, desembargador Lúcio Urbano; Francisco Rezek e o amigo professor Ricardo Fiúza, servidor aposentado do TJMG. Todos esses foram alunos do Colégio Arnaldo”. (Grifo nosso)

Célio de Castro⁶¹

Médico e político nasceu em Célio de Castro nasceu em Carmópolis de Minas, em Minas Gerais.

- 1958 - Forma-se em Medicina na Universidade Federal de Minas Gerais.
- 1958 - Médico do Hospital de Pronto Socorro João XXIII;
- 1975 - Chefe do Serviço de Emergência do Hospital de Pronto Socorro João XXIII;
- 1980 - Presidente do Sindicato dos Médicos de Minas Gerais
- 1983 - Vice-presidente da Federação Nacional dos Médicos;
- 1986 - Eleito Deputado Federal constituinte pelo PMDB.
- 1988 - Apoia a fundação do PSDB;
- 1990 - Deixa o PSDB e ingressa no PSB. Reeleito Deputado Federal;
- 1990 - Vice-prefeito de Belo Horizonte no mandato de Patrus Ananias (PT);
- 1990 - Secretário Municipal de Desenvolvimento Social;
- 1996 - Prefeito de Belo Horizonte (1996-2001)
- 2002 - Filia-se ao PT;
- 2003 - Falece em Belo Horizonte.

Conhecido como “Dr. BH”,

Ivo Pitanguy⁶²

Ivo Pitanguy, médico, cirurgião plástico, professor, conferencista, autor de obra especializada e memorialista, nasceu em Belo Horizonte, MG, em 05/07/1926.

- 1946 – Forma-se em Medicina pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal;
- 1949 – Funda a primeira Clínica de Cirurgia da Mão no Brasil, na 19a Enfermaria da Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro;
- 1954 - Chefe do Serviço de Cirurgia da Mão, na 13a Enfermaria;
- 1961 - Chefe do Serviço de Queimados do Hospital Antônio Pedro – Niterói (RJ)
- 1963 - fundador E diretor da Clínica Ivo Pitanguy,
 - Departamento de Cirurgia Plástica da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
- 1976 - Cidadão Honorário do Rio de Janeiro
- 1981 - Prêmio para Melhor Livro Científico do Ano na Feira Internacional do Livro de Frankfurt, pela sua obra *Aesthetic Surgery of the Head and Body*;
- 1984 - Primeiro Humanitarian Award, Chicago, EUA
- 1986 – Funda o Instituto de Pós-Graduação Médica Carlos Chagas;
- Professor convidado em aproximadamente uma centena de instituições (hospitais, universidades e associações de Cirurgia Plástica) de 48 países, proferiu ao longo de sua vida profissional mais de 1.230 conferências e demonstrações cirúrgicas.
- 1986 - Doctor Philosophiae Honoris Causa, conferido pela Universidade de Tel Aviv, Israel;
- 1987 - Prêmio Alfred Jurzykowski da Academia Nacional de Medicina
- 1988 - Chancelier des Universités de Paris; Membro Onorário de la Società Medica di Bologna, vinculada à Universidade de Bologna;
- 1989 - Prêmio Cultura per la Pace, pela S.S. o Papa João Paulo II e pela associação *Insieme per la Pace*, Itália.
- Membro da Academia Brasileira de Letras (ABL)

Organizador e professor de diversos cursos de sua especialidade no Rio de Janeiro, como os cursos de reciclagem em Cirurgia Plástica do Instituto de Pós-Graduação Médica Carlos Chagas, de 1986 até hoje, formando 380 especialistas, do Brasil e de mais 40 países.

⁶¹ PBH – Prefeitura Municipal de Belo Horizonte

⁶² Academia Brasileira de Letras. (2015)

Roberto Francis Drummond⁶³

Contista, romancista e cronista, nasceu em Ferros (MG) Faleceu em Belo Horizonte (MG)

- Aos 13 anos, influenciado pelas radionovelas transmitidas pela Rádio Nacional, começa a escrever contos e novelas;
- 1950 - Abandona os estudos sem concluir o curso científico para dedicar-se ao jornalismo, a convite da Folha de Minas, de Belo Horizonte;
- 1952 - Trabalha no semanário Binômio, 1952-1964, tabloide considerado um dos precursores da imprensa alternativa brasileira, na edição mineira de Última Hora;
- 1961 - Assume a direção da revista Alterosa, fechada em 1964 pela ditadura militar.
- 1964 - Atua no Jornal do Brasil (RJ);
- 1965 - Retorna a Belo Horizonte, onde passa a dedicar-se à crônica esportiva - durante 21 anos assina a coluna Bola na Marca, do jornal Estado de Minas;
- 1975 - Estreia na literatura com o livro de contos *A Morte de D.J. em Paris*, provocando polêmica ao incorporar elementos da cultura pop à sua produção ficcional.

Herbert José de Souza - Betinho⁶⁴

Sociólogo, nasceu em Bocaúva (MG) em

- Nos anos 60, ajudou a fundar a Ação Popular (AP), movimento que luta pela implantação do socialismo no Brasil;
- 1962 - Forma-se em Sociologia pela Universidade de Minas Gerais;
- 1964 - Após o golpe militar de 1964, passa sete anos na clandestinidade e oito no exílio.
- 1979 - Volta ao país e cria o Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase).
- 1991 - Ganha o Prêmio Global 500, do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Unep), por sua luta em defesa da reforma agrária e dos indígenas;
- 1993 - Funda a Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida que, sem a ajuda do governo, distribui alimentos à população carente. Essa ação deu origem ao programa “Comunidade Solidária”, lançado no governo do Presidente Fernando Henrique, depois programa “Fome Zero”, no governo do Presidente Luiz Inácio da Silva Lula.
- 1994 - Membro do Conselho da Comunidade Solidária, que substitui a Fundação Legião Brasileira de Assistência (LBA).
- 1995 - A Ação da Cidadania passa a priorizar a luta pela democratização da terra como forma de combater a fome e o desemprego;

Betinho foi imortalizado na canção “O Bêbado e o Equilibrista”, autoria de João Bosco e Audir Blanc. Nominado como irmão do Henfil: “*Que sonha com a volta do irmão do Henfil / Com tanta gente que partiu / Num rabo de foguete / Chora / A nossa Pátria mãe gentil / Choram Marias e Clarisses / No solo do Brasil.*”

Fernando Brant⁶⁵

Advogado, músico e letrista, nasceu em Caldas, MG, em 09/10/1946. Faleceu em Belo Horizonte, em

- Foi repórter da sucursal mineira da revista "O Cruzeiro";
- Na década de 1960, conheceu Milton Nascimento, com quem viria a iniciar uma fértil parceria.
- Membro fundador, do famoso “Clube da Esquina”;
- 1967 - II Festival Nacional da Canção (TV Globo). Parceria com Milton Nascimento: "Morro velho", "Maria minha fé" e "Travessia".
- 1968 - IV Festival de Música Popular Brasileira (TV Record). "Sentinela" (c/ Milton Nascimento), defendida por Cynara e Cybele. Seguiram-se inúmeras canções em parceria com Milton Nascimento, registradas nos discos desse compositor e cantor, como "Outubro", "Beco do Mota", "Sunset Marquis 333 Los Angeles" e "Rosa do ventre".
- 1970 - Escreveu (c/ Milton Nascimento) a trilha sonora de "Tostão, a fera de ouro", curta-metragem de Ricardo Gomes Leite e Paulo Laender, com destaque para a canção "Aqui é o país do futebol".
- 1970 - Milton Nascimento grava "Para Lennon e McCartney" (c/ Lô Borges e Marcio Borges) e "Durango Kid" (c/ Toninho Horta), de autoria de Fernando.

⁶³ Enciclopedia ItauCultural. (2015)

⁶⁴ UOL Educação (2015)

⁶⁵ Museu Clube da Esquina e Movimento MPBnet (2015)

- 1972 - Suas composições "San Vicente" e "Ao que vai nascer", ambas em parceria com Milton Nascimento, e "Paisagem na janela" (c/ Lô Borges) foram incluídas no histórico LP "Clube da Esquina", de Milton Nascimento e Lô Borges.
- 1974 - O Disco "Milagre dos peixes", de Milton Nascimento, registrou novamente a parceria dos dois compositores na faixa-título e na canção "Escravos de Jó".
- 1980 - 1990 - Considerado o principal letrista de Milton Nascimento. Com mais de 200 canções gravadas, a dupla registrou inúmeros sucessos, como "Maria, Maria", "Planeta blue", "Promessas do sol", "O vendedor de sonhos", "Canção da América", "Saudade dos aviões da Panair (Conversando no Bar)", "Encontros e despedidas", "Nos bailes da vida" e "San Vicente", além dos já citados.
- 1998, as canções "Janela para o mundo" e "Louva-a-deus" (c/ Milton Nascimento), fizeram parte do repertório de "Nascimento", disco premiado com o Grammy desse ano.
- 2000 - Musical "Fogueira do divino", para o qual escreveu 20 letras inéditas;
- Compôs também com Tavinho Moura ("Nossa Senhora de Ó", entre outras) e Sirlan ("Nove anos" e "Profissão de fé", entre outras).

Henrique de Souza Filho - Henfil⁶⁶

Cartunista nasceu em Ribeirão das Neves (MG), em 05/02/1944. Faleceu no Rio de Janeiro (RJ), em 04/01/1988.

- 1960 - Embalador de queijos, "boy" de agência de publicidade e jornalista;
- 1964 - A convite do editor e escritor Roberto Drummond, da Revista Alterosa, começa a carreira de cartunista e quadrinhista;
- 1965 - Começa a fazer caricatura política para o Diário de Minas;
- 1967 - Faz charges esportivas para o Jornal dos Sports do Rio de Janeiro, colaborando ainda nas revistas Visão, Realidade, Placar e o Cruzeiro.
- 1969 - Inicia a carreira como cartunista, quadrinhista e colaborador d'O Pasquim e do Jornal do Brasil;
- 1969 - Seus personagens atingiram um nível de popularidade pouco comum em termos de Brasil.
- 1970 - Lançou a revista Os Fradinhos ou Fradins. A revista é traduzida em vários países com o nome de "The Mad Monks".
- 1974 - Mudou-se para Nova York, onde passa dois anos em tratamento de saúde;
- 1976 - Lança os livros "Diário de um Cucaracha" e "Hiroxima, meu humor";
- 1984 - Lançada a coletânea "Dez em humor", "Diretas já", "Henfil na China", "Fradim de Libertação" e "Como se faz humor político";
- Realizou a peça de teatro "A Revista do Henfil" (em coautoria com Oswaldo Mendes), escreveu, dirigiu e atuou no filme "Tanga - Deu no New York Times" e teve uma incursão na televisão com o quadro "TV Homem", do programa "TV Mulher", na Rede Globo de Televisão.

Henfil teve presença ativa na luta contra a ditadura, pela democratização do país, pela anistia aos presos políticos e pelas Diretas Já. É importante ressaltar o papel exercido por Henfil na história dos quadrinhos brasileiros e na renovação do desenho humorístico nacional, com a criação de personagens típicos brasileiros - Os fradinhos, o Capitão Zeferino, a Graúna e o Bode Orelana. Era irmão de Betinho.

Patrus Ananias⁶⁷

Advogado, Doutor em Filosofia, nasceu em Bocaíuva

- 1989 – Vereador em Belo Horizonte;
- 1992 – Prefeito de Belo Horizonte;
- 2002 – Deputado Federal;
- 2004 – Implanta o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS);

Paulo Eduardo da Rocha Brant⁶⁸

Economista, engenheiro civil nasceu em Diamantina

- Secretário de Estado de Cultura de Minas Gerais, de 2008 a 2010
- Diretor-Presidente da Celulose Nipo-Brasileira S. A. - CENIBRA, uma das maiores produtoras mundiais de celulose branqueada de fibra curta de eucalipto;
- Diretor Superintendente, Economista Chefe, Diretor da Área de Operações, da área de Finanças e Superintendente da área de planejamento do Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais - BDMG;

⁶⁶ Centro Cultural São Paulo (2015)

⁶⁷ Patrus Ananias (2015)

⁶⁸ Folha de Guanhães. (2015)

- Diretor Executivo do BEMGE Distribuidora e Diretor Vice-Presidente e de Relações com o Mercado do Banco do Estado de Minas Gerais (BEMGE);
- Presidente do Instituto Brasileiro de Planejamento;
- Vice-presidência do Conselho Deliberativo do América Futebol Clube;
- Conselheiro Museu Clube da Esquina;
- Secretário-adjunto da Secretaria de Estado de Indústria e Comércio de Minas Gerais.

Antônio Maurício Horta de Melo - Toninho Horta⁶⁹

Músico, guitarrista, nasceu em Belo Horizonte (MG), em 2/12/1948.

- 1972 - Participa no antológico disco de Milton Nascimento e Lô Borges, "Clube da Esquina", lançado pela EMI-Odeon.
- 1970 - Participa do show "Elis & Tom". Nessa época, tocando guitarra e violão é instrumentista em shows de Gal Costa, Nana Caymmi, Joyce e Edu Lobo.
- 1973 - Acompanha Gal Costa no Midem, em Cannes.
- 1974 - Integra o grupo Som Imaginário, atuando com Milton Nascimento no show e na gravação ao vivo de "Milagres dos Peixes".
- 1977 - Eleito o 5º. Melhor guitarrista do mundo pela revista britânica "Melody Maker".
- 1978 - Eleito o 7º. Melhor guitarrista do mundo pela revista britânica "Melody Maker".
- 1983 - Recebe o título de "Cidadão Honorário da Cidade de Austin", nos Estados Unidos.
- 1985 - Direção musical da gravação de "A hora da estrela", espetáculo com textos de Clarice Lispector, interpretados por Maria Bethânia.
- 1986 - Organiza o I Seminário Brasileiro de Música Instrumental de Ouro Preto, patrocinado pela Ufop (Universidade Federal de Ouro Preto) e pelo Ministério da Cultura (Ministério Brasileiro de Educação e Cultura), que ficou conhecido como Festival de Inverno de Ouro Preto.
- 1989 - Faz a direção musical do projeto "Planeta Terra", no concerto realizado com a Orquestra Sinfônica Jovem de Campinas no Parque do Ibirapuera (SP), apresentado para uma platéia de 50 mil pessoas. O espetáculo, do qual participou ao lado de Nelson Ares, Nivaldo Ornellas e Marcio Montarroyos, teve registro no LP "Concerto Planeta Terra", que incluiu sua composição "Terra". Nesse mesmo ano, lançou o LP "Moonstone".
- 1990 - Passa a residir em Nova York, onde travou amizade com o guitarrista americano Pat Metheny, com quem partilha de grande afinidade musical;
- 1990 - Entre outros eventos, foi convidado pelos Grupos Japoneses Unicon e Polydor para participar do CD "A Big Hand for Hanshin", em benefício das vítimas de Kobe, ao lado de Herbie Hancock, Keith Jarrett, Pat Metheny e Ryuich Sakamoto.
- Na década de 1990, excursão pela Inglaterra, Rússia, Japão, Coreia, Finlândia, Eslováquia, Eslovênia, Croácia, Itália, Holanda, Bélgica, Suíça, Áustria e EUA. Shows e gravações com inúmeros artistas, entre eles: Pat Metheny, George Duke, Sergio Mendes, Manhattan Transfer, Orquestra de Gil Evans, Akiko Yano, Flora Purim, Astrud Gilberto, Joe Pass, Naná Vasconcelos, Paquito de Rivera, Aírto Moreira, Wayne Shorter e Eliane Elias.
- 1992 - Acompanha Marisa Monte no Royal Festival Hall, em Londres.
- 1993 - Acompanha Caetano Veloso, no Festival Viva Brasil, em Bruxelas.
- 1995 - Apresenta-se no Blue Note, em Tokyo ao lado de Joyce.
- 1995 - Cria o "Livro da Música Brasileira", um compêndio com 400 registros dos trabalhos da maioria dos compositores brasileiros mais importantes;
- 2000 - Finaliza o "Livrão da Música Brasileira", a versão nacional do Real Book americano;
- 2011 - Em comemoração aos seus 40 anos de carreira artística lançou o DVD "Ton de Minas. Fez show de lançamento do DVD no Teatro Alterosa, em Belo Horizonte.

Carlos Herculano Lopes⁷⁰

Escritor e jornalista nasceu em 1956, em Coluna, no Vale do Rio Doce, Minas Gerais.

- Repórter do suplemento cultural do jornal O Estado de Minas;
- 1980 - Prêmio Lei Sarney, como autor-revelação;

⁶⁹ Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira. (2015)

⁷⁰ Riff Agência Literária (2015)

- Publicou 13 livros entre eles, “O Vestido”, romance baseado em um dos mais conhecidos poemas de Carlos Drummond de Andrade, “Caso do vestido”. Escrita a partir de uma solicitação do cineasta Paulo Thiago, a história ganhou também uma versão para o cinema.
- 2005 - Traduções para o italiano de O Vestido (Il Vestito), Cavallo di Ferro;
- 2008 - Tradução para o italiano de Sombras de Julho (Ombre di Luglio) e Il Filo;

Ivan Drummond⁷¹

Belo Horizonte, 1958.

- Em 1982, Ivan se formava em Comunicação Social com ênfase em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica (PUC/MG). Profissão que exerce há quase 33 anos.
- O primeiro emprego no jornalismo foi logo após a morte do seu pai, em 1979, quando, no enterro, Camilo Teixeira da Costa (então diretor do Jornal Estado de Minas) ofereceu uma vaga de diagramador no jornal.
- Entre 1982 e 1988 Ivan fez a diagramação do Jornal Estado de Minas e do Diário do Comércio.
- Em 1989, saiu do Diário do Comércio para atuar como produtor e redator da Rede Minas, onde permaneceu por um ano, voltando para o Diário por mais dois anos. Nessa mesma época, no Jornal Estado de Minas, Ivan ingressava como repórter da editoria de esportes.
- Em 1992, conciliava o trabalho no Jornal Estado de Minas (onde, desde 1985, havia se tornado repórter) com a Assessoria de Imprensa da Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (FIEMG).
- Dois anos depois, com o aumento da carga horária, Ivan passou a se dedicar exclusivamente ao Jornal.
- Atualmente, além de Repórter de Esporte Especializado, é comentarista dos programas Aqui Esportes, do grupo Diários Associados, veiculado na TV Horizonte e, uma vez por mês, do Programa Bola na Área, da Tv Alterosa.
- Como repórter de cidades Ivan ganhou dois prêmios Esso de Jornalismo. O primeiro em 1985, com a matéria “Livrai-nos do fogo do inferno”, série que denunciou um grande número de assassinatos dentro das delegacias; e outro em 1987, com a série de reportagens sobre o caso Alan, estofador que conseguiu escapar dos policiais que, supostamente, iam matá-lo.
- Apaixonado por esportes, Ivan Drummond participou de coberturas de grandes eventos como as Olimpíadas, Panamericanos e vários campeonatos mundiais.
- Venceu em 2016 o Prêmio Petrobras de Jornalismo com a série de reportagens sobre 'Hilda Furacão' publicada pelo jornal O Estado de Minas. Cobriu quatro Olimpíadas (Atlanta, Sidney, Atenas e Pequim), alguns Panamericanos e diversos campeonatos mundiais. Ganhou dois prêmios Esso de Jornalismo. Atualmente é repórter de esporte especializado e comentarista em programas de TV.

⁷¹ Portal dos Jornalistas (2017)

APÊNDICE B - Escolas Católicas em Belo Horizonte e Data de Fundação

Quadro 5 – Escolas Católicas em Belo Horizonte (2015)

Colégio	Congregação Fundadora	Ano Fund.
Colégio Santa Maria	Dominicanas	1903
Colégio Sagrado Coração De Jesus	Servas Do Espírito Santo*	1911
Colégio Arnaldo	Verbo Divino*	1912
Colégio Imaculada Conceição	Filhas De Jesus	1916
Colégio Sagrado Coração De Maria	Sagrado Coração De Maria	1928
Colégio Santo Agostinho	Agostinianos	1936
Colégio São José	Escolápias	1936
Colégio Nossa Senhora Da Piedade	Piedade	1939
Colégio Monte Calvário	Monte Calvário	1940
Instituto Padre Machado	Barnabitas	1940
Instituto Sagrada Família	Clarissas Franciscanas	1940
Colégio São Pascoal	Sagrado Coração De Maria De Belaar	1941
Colégio Pio XII	Salesianas	1942
Instituto Educacional São João Batista	Batistinas	1942
Colégio Loyola	Jesuítas	1943
Instituto de Surdos e Mudos Santa Inês	Monte Calvário	1947
Colégio Santo Antônio	Franciscanos	1949
Colégio Marista Dom Silvério	Maristas	1950
Colégio Nossa Senhora Das Dores	Batistinas	1950
Colégio São Miguel Arcanjo	Escolápios	1951
Colégio Santa Marcelina	Marcelinas	1952
Colégio Madre Gertrudes	Sacramentinas De Bérghamo	1954
Pontifícia Universidade Católica	Curia Metropolitana	1958
Colégio Frei Orlando (Collegium-2013)	Franciscanos	1959
Colégio Salesiano	Salesianos	1959
Colégio Santa Rita De Cássia	Agostinianas Missionárias	1959
Colégio Regina Pacis	Concepcionistas Do Ensino	1960
Escola Estadual Helena Guerra	Salesianas	1960
Colégio São Francisco De Assis S.E.A.	S.E.A.	1961
Colégio Padre Eustáquio	Fráteres Da Misericórdia	1962
Colégio Santa Dorotéia	Dorotéias	1962
Colégio São Paulo Da Cruz	S.E.A.	1962
Escola São Judas Tadeu	Monte Calvário	1963
Colégio Dom Cabral	Claretianos	1965
Instituto Padre Angélico Libani	Franciscanas Do Senhor	1965
Colégio Arnaldinum São José	Verbo Divino*	1968
Escola Madre Paula	Escolápias	1969
Jardim Irmã Elvira	Sacramentinas De Bérghamo	1972
Colégio São Paulo	Angélicas De São Paulo	1977
Escola Estadual Paula Frassinetti	Doroteias	1978
Jardim São Domingos Sávio -	Filhas Do Sacratíssimo Coração De Jesus	1979
Escola Santa Luzia	Paróquia Nossa Senhora Medianeira	1988
Colégio Magnum Agostiniano	Agostinianos	1994
Instituto Infantil São José	Paróquia São Bernardo	1997
Instituto Dom Helder (Ensino Superior)	Betharramitas	1998
Colégio Coração De Maria	Franciscanas Do Sagrado Coração De Jesus	S/D
Jardim Dom Paulo Lopes De Faria		S/D

* Congregações fundadas por Santo Arnaldo Jansen.

Fonte: Arquidiocese de Belo Horizonte (2015). Organizado e ampliado pelo autor